

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

SEGREGAÇÃO URBANA: ESTUDO DE CASO DAS VILAS DE ITAIPU

PATRICIA CLAUDIA GODOY SOTUYO

Orientador: Prof. LUÍS FUGAZZOLA PIMENTA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano.

FLORIANÓPOLIS - SC
Maio de 1998

Segregação Urbana: estudo de caso das vilas de Itaipu.

Patrícia Claudia Godoy Sotuyo

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Geografia, área de concentração em Desenvolvimento Regional e Urbano, do Departamento de Geociências do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Mestre em Geografia.

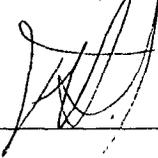
Leila Christina Dias

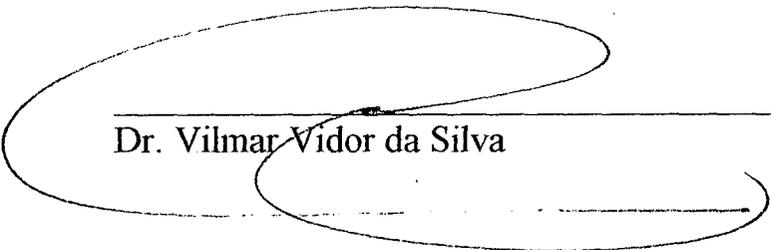
Profa. Leila Christina Duarte Dias

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM: 29/05/1998


M.Sc. Luís Fugazzola Pimenta (Orientador)


Dr. Fernando Ponte de Sousa


Dr. Vilmar Vidor da Silva

Maio - 1998

SOTUYO, Patricia Claudia Godoy.

Segregação urbana: estudo de caso das vilas de Itaipu.

Florianópolis: UFSC, 1998. 150 p.

Palavras chaves: segregação urbana - vilas Itaipu - urbanização
Foz do Iguaçu

Às pessoas que acreditaram e participaram da luta por um País melhor, e que foram covardemente massacradas, torturadas e desaparecidas pela ditadura militar. Aos familiares e amigos que não permitirão que sua luta seja esquecida.

“...y es por eso que no voy a olvidar.
Por los que se han ido
y por los que no estan.
Por los que se han ido a ningun lugar...”

Alejandro Lerner

AGRADECIMENTOS

A Juan Carlos, ser humano incrível com quem comparto minha vida. Sem seu apoio, seu incentivo, sua força, carinho e compreensão estas páginas não existiriam;

A Rafaela, Julian e Luana que tiveram que aprender a dividir a mãe com viagens, livros, questionários e computador;

A Habib, amigo e companheiro, que emprestou seu tempo, sua ajuda e seus conselhos;

A meus pais e meus irmãos;

A meu orientador Prof. Luis Fugazzola Pimenta, pelo encorajamento para levar ao término este trabalho;

Aos Professores Fernando Ponte de Souza e Vilmar Vidor da Silva, por aceitarem gentilmente o convite de participação na banca examinadora;

A todas as pessoas que me permitiram conhecer um pouco de suas vidas, através das respostas dos questionários;

À Diretoria Geral Brasileira da Itaipu Binacional que permitiu o acesso às publicações, mapas, fotos e plantas das vilas para obtenção de informações, em especial ao Sr. Hélio Teixeira, Assessor de Comunicação Social;

Às pessoas que gentilmente colaboraram com a digitalização de fotos e com a construção de gráficos;

Ao Prof. José Affonso de Oliveira pelas contribuições nas análises políticas;

À Prof^a. Leonilda Correa dos Santos pelas orientações metodológicas.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vi
LISTA DE FIGURAS	vii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
1 - INTRODUÇÃO	1
2 - CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO	5
2.1 - Antes da construção de Itaipu	5
2.2 - Durante a construção de Itaipu	21
2.3 - Depois da construção de Itaipu	38
3 - A ITAIPU	47
3.1 - O projeto da hidrelétrica	47
3.2 - O tratado de Itaipu	56
3.3 - Dados técnicos de Itaipu	62
4 - O RELACIONAMENTO INTRÍNSECO COM A CIDADE	66
4.1 - O recrutamento dos trabalhadores	66
4.2 - As vilas de Itaipu	72
4.2.1 - Vila C	80
4.2.2 - Vila A	83
4.2.3 - Vila B	88
5 - PERCEPÇÕES DO COTIDIANO DA CIDADE	91
5.1 - A pesquisa de campo	91
5.2 - Interpretação dos dados	93
5.2.1 - A relação com Foz do Iguaçu	94
5.2.2 - A relação com o local de moradia	104
5.2.3 - A relação com o lazer e as atividades sociais	108
5.2.4 - A relação com a Itaipu e as vilas	115
6 - URBANIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO	121
6.1 - O uso do espaço urbano	121
6.2 - Urbanização diferenciada	125
6.3 - A segregação urbana	130
7 - CONCLUSÕES	136
8 - BIBLIOGRAFIA	142
APÊNDICE	148
ANEXO	154

LISTA DE TABELAS

1 - Número de empregados da Itaipu de 1974 a 1984	25
2 - Crescimento da População de Foz do Iguaçu - 1950 a 1991	31
3 - Comparativo taxa de Crescimento Geométrica da População -1970/1991	32
4 - Carências de infra-estrutura de Foz do Iguaçu - 1991	37
5 - Maiores hidrelétricas do Brasil em potência instalada	55
6 - Usinas hidrelétricas com maior área alagada	55
7 - Marcos relevantes da construção de Itaipu	59
8 - Questionários aplicados por zonas homogêneas em Foz do Iguaçu	92
9 - Grau de instrução por zona homogênea	100
10 - Percentual de renda familiar por zona homogênea	102

LISTA DE FIGURAS

1 - Mapa de localização do Estado do Paraná	6
2 - Mapa de localização do Município de Foz do Iguaçu	6
3 - Foto de navios atracados no Porto Oficial em 1936	10
4 - Vista de Foz do Iguaçu 1903	10
5 - Vista da Av. Brasil 1920	11
6 - Vista da Av. Brasil 1933	11
7 - Vista da Av. Brasil 1942	12
8 - Vista da Av. Brasil 1952	15
9 - Vista da Av. Brasil 1969	16
10 - Gráfico: Área do Município de Foz do Iguaçu	29
11 - Gráfico: Distribuição da Área do Município de Foz do Iguaçu - 1996	29
12 - Mapa da área do município de Foz do Iguaçu	30
13 - Gráfico: Densidade Demográfica de Foz do Iguaçu - 1970/1995	31
14 - Gráfico: Comparativo taxa de Cresc. Geométrico da População - 1970/1991	32
15 - Gráfico: População Urbana e Rural de Foz do Iguaçu - 1950 - 1991	33
16 - Gráfico: Taxa de Crescimento Anual dos Municípios Lindeiros - 1989 - 1991	34
17 - Mapa dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu - 1997	35
18 - Gráfico: Crescimento da população urbana das 6 maiores cidades do Paraná, 1970 -1980	36
19 - Vista de Foz do Iguaçu 1996	46
20 - Foto de satélite da cidade de Foz do Iguaçu - 1996	46
21 - Gráfico: Relação área alagada versus potência instalada	56
22 - Vista do Canal de Desvio	61
23 - Vista da montagem do rotor de uma das 18 unidades geradoras	61
24 - Vista da Usina Hidrelétrica de Itaipu	62
25 - Vista do Vertedouro	65
26 - Foto de Barrageiros durante a construção	67
27 - Vista da Infra-estrutura nos alojamentos do canteiro de obras	70
28 - Vista de casas da Vila C	82
29 - Vista aérea da Vila C	82
30 - Planta da Vila C	83
31 - Vista de casa de alvenaria da Vila A	84
32 - Vista de casa de madeira da Vila A	85
33 - Vista aérea Hospital Costa Cavalcanti	85
34 - Vista do Floresta Clube	86
35 - Vista do Templo Maçom	86

36 - Vista aérea da Vila A	86
37 - Planta da Vila A	87
38 - Vista de casa da Vila B	88
39 - Vista do clube Ipê na Vila B	89
40 - Vista aérea da Vila B	89
41 - Planta da Vila B	90
42 - Gráfico: Distribuição dos questionários aplicados	93
43 - Gráfico: Motivos da migração para Foz do Iguaçu	95
44 - Gráfico: Motivos de permanência na cidade	95
45 - Gráfico: Dificuldade de permanência dos filhos na cidade	96
46 - Gráfico: Futuro promissor da cidade	97
47 - Gráfico: Compromisso afetivo com a cidade	97
48 - Gráfico: O conforto da cidade	98
49 - Gráfico: Planos de voltar à região de origem	99
50 - Gráfico: Distribuição do grau de instrução	101
51 - Gráfico: Distribuição da renda familiar	103
52 - Gráfico: Qualificação do bairro	104
53 - Gráfico: Mudança para outro bairro	105
54 - Gráfico: Percepção de distância ao centro	106
55 - Gráfico: A freqüência a outros bairros	107
56 - Gráfico: A freqüência ao centro e a outros bairros	108
57 - Gráfico: O lugar das festas de final de ano	109
58 - Gráfico: Aproveitamento de áreas verdes	110
59 - Gráfico: O relacionamento com os vizinhos	110
60 - Gráfico: A participação na associação de bairro	112
61 - Gráfico: Participação em atividades sócio-culturais	113
62 - Gráfico: Integração das vilas com a cidade	116
63 - Gráfico: A transformação das vilas em condomínios	116
64 - Gráfico: Diferenças de infra-estrutura	117
65 - Gráfico: O benefício de Itaipu para os moradores	118
66 - Gráfico: Preocupação da Itaipu com as questões sociais	118
67 - Gráfico: Itaipu e o aumento das favelas	119

ABSTRACT

Brazil's development in the seventies demanded an electrical energy provision for its industries; its politics of a big country also demanded gigantic civil constructions; its geopolitics claimed for a friendly agreement for the discussions with Paraguay about their border limits. The building of Itaipu power plant answered to all these expectations.

The building of this power plant in Foz do Iguaçu (a town southwest of Paraná, on the border with Argentina and Paraguay) led to a new structure of housing occupation and a new urban typology henceforth establishing hierarchies in the residential areas in this town.

In this paper, the housing areas built by Itaipu power plant are illustrations for the case study which intends to analyze the socio-spatial categories and its intrinsic relationships where these categories and the discontinuity that they promote will give room to segregation.

The 20th century witnesses many changes in human behavior. These changes need to be analyzed in a broader focus to perceive the contemporary patterns of spatial organization. Comprehending the segregation and the social differences that surrounds a city is one of the ways to comprehend the competitive behavior among human beings. An also the changes in its social relationships as in an individual and social level. The cities are the scenery where individual, for their judgments or their prejudice are classified into spectators or actors.

RESUMO

O desenvolvimento do Brasil na década de 70 exigia energia elétrica para suas indústrias; sua política de País grande pedia obras gigantescas; sua geopolítica reclamava um fim amigável para as discussões com o Paraguai sobre delimitações fronteiriças. A construção da Hidroelétrica de Itaipu atendeu essas expectativas.

A construção da usina, cuja sede foi a cidade de Foz do Iguaçu, levou ao estabelecimento de uma nova estrutura de ocupação e uma nova tipologia urbana estabelecendo hierarquias na apropriação do espaço residencial da cidade.

Neste trabalho os conjuntos residenciais, criados pela Itaipu, são ilustrativos para o estudo de caso que pretende analisar as categorias sócio-espaciais e seu intrínseco relacionamento, onde a descontinuidade espacial da lugar à segregação.

O século XX é testemunha de mudanças no comportamento humano, mudanças estas que precisam ser analisadas dentro de enfoques mais amplos para captar os padrões atuais da organização espacial. Entender a segregação e a diferenciação que rodeia a cidade é um dos caminhos para compreender a competitividade dos seres humanos, assim como, as mudanças nas suas relações sociais tanto a nível individual quanto coletivo. As cidades são os cenários onde alguns indivíduos por conceitos ou preconceitos são classificados em espectadores ou atores.

1 - INTRODUÇÃO

A construção da hidrelétrica de Itaipu¹, em Foz do Iguaçu, foi a responsável direta e indiretamente pelas mudanças que esta cidade enfrentou no seu espaço urbano nas últimas duas décadas. Como afirma LEFEBVRE, as cidades sempre mantêm uma relação direta com a sociedade, modificando-se toda vez que a sociedade no seu conjunto passa por transformações (LEFEBVRE, 1991(2),46). Nesse sentido a cidade de Foz do Iguaçu, sofreu transformações no espaço urbano como conseqüência das mudanças sociais provocadas pela grande migração.

Foz do Iguaçu recebeu uma migração de pessoas que vieram com a idéia de emprego farto e maiores ganhos, e que adotaram esta cidade somente como espaço transitório. A expectativa de regressar à região de origem, após o enriquecimento rápido, bem como a heterogeneidade dessa população migrante, ocasionaram uma falta total de participação nos processos articuladores do desenvolvimento da cidade e região.

As relações humanas que se estabeleceram desde o início da construção de Itaipu giraram em torno de um grande distanciamento entre os empregados da usina e os moradores da cidade. Estas relações apoiaram-se sempre no poder político, nas influências de classes e no "status". Os recém chegados não se identificaram como moradores de Foz do Iguaçu e a cidade também não os tratou como se fizessem parte dela. A idéia de que a expansão ocorreria somente até o auge da obra, acontecendo um enorme refluxo populacional, como o que geralmente acontece nas grandes obras de engenharia do Brasil, ajudou a manter estes dois segmentos da população afastados.

¹ Itaipu palavra indígena que significa "pedra que canta". Era o nome de uma pequena ilha que ficava no meio do rio Paraná, onde se construiu a usina.

Um dos principais motivos desse distanciamento foram as construções das vilas tão afastadas do quadro urbano existente, se bem que a proximidade física não diminuiu o distanciamento social, pois os setores mais abastados da população tendem a se deslocar para o exterior da malha urbana. Isto produz bairros seletivos que aumentam os custos da implantação de infra-estrutura, ficando para os segmentos mais pobres a ocupação de áreas centrais marginalizadas pela deterioração, ou o deslocamento para áreas periféricas sem infra-estrutura. A especulação e o lucro imobiliário fazem com que a proximidade física, dentro do espaço urbano, não tenha uma relação direta com o distanciamento social.

Contribuiu também com o distanciamento a concentração dos equipamentos de lazer, educação e saúde, de maneira que as pessoas não tivessem que sair das vilas para satisfazer as suas necessidades básicas. A localização das pessoas dentro do espaço urbano diferenciado enfatizou as categorias sociais e as diferenças estruturais que se estabeleceram na cidade através da segmentação das funções. Outro fator de distanciamento foi a postura da empresa perante o País, a cidade e seus funcionários. Sua política empresarial diferenciada foi marcante desde o início, uma vez que ninguém pagava salários tão altos e os conjuntos residenciais por ela criados, apresentavam moradias e infra-estrutura superior à média da cidade. Itaipu surge como símbolo de entendimento, de cooperação com um País vizinho ao qual estendia a mão, de igualdade entre povos diferentes, como espaço de legitimidade.

Não é objetivo do trabalho tratar as vilas de Itaipu como um exemplo isolado, elas sem dúvida fazem parte de um processo político, social e econômico que não deve ser esquecido. Estas vilas tem especificidades que as tornam únicas, mas também possuem características gerais que as assemelham a muitos outros casos de grandes projetos, que afetam diretamente a vida cotidiana das pessoas.

Tanto as pessoas que participavam desta obra, quanto as que eram simples

espectadoras, tiveram que se comprometer com o progresso, e o nome do progresso nessa região do Paraná, passou a se chamar Itaipu, e dentro desse conceito de progresso, as vilas de Itaipu surgiram como espaços exclusivos dentro da cidade, uma interferência, nada sutil, que adaptou e submeteu o ambiente de acordo com suas necessidades. Elas passaram a ser a representação no espaço das instáveis relações sociais, assim como um conjunto de processos econômicos que se manifestaram como uma nova realidade social. Nesta cidade, a Empresa, através da localização e da estruturação diferenciada de suas moradias, conseguiu criar um espaço social distinto dentro da cidade.

Itaipu criou as vilas com o propósito de alojar a mão-de-obra contratada, cuja infraestrutura, organização e funcionalidade transpareceram para a população local como forma de poder, de distanciamento e de segregação. A organização e o poder foram agentes importantes que deram credibilidade a tamanha obra e a tamanhos custos². Itaipu sempre manteve uma grande estruturação em todos os aspectos, em particular, no tocante à habitação, as vilas foram planejadas e esquematizadas de maneira a que existissem dentro delas subdivisões. A moradia nas vilas e dentro de cada uma delas variava de acordo com categorias profissionais, composição familiar, anos de trabalho e atributos pessoais. Esses critérios criaram lutas individuais por posições e espaços dentro da empresa (local de trabalho) e das vilas (local de moradia), dando lugar à subjetividade e à singularização, nada que fuja aos padrões sociais modernos da humanidade. Mas, ao criar um espaço segregado, multiplicam-se as diferenças e os processos de singularização. Encorajam-se conflitos sócio-espaciais em torno de um espaço que se considera comunitário. Esta ordem e este planejamento de "um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar", revela o autoritarismo da empresa, vigente na época, passando a decidir sobre a ordem deste espaço. Itaipu isolou e controlou o

² 20 bilhões de dólares (SCHILLING, CANESE, 1991,8).

espaço das vilas, mediante o conhecimento do número de moradores, dos tipos de moradias, dotando-as de uma infra-estrutura própria, com sub-centros de serviços e comércios, padronizando as ruas, calçadas, cercas e áreas verdes, mantendo sobre elas uma ampla vigilância.

As relações sociais, tanto individuais como coletivas, sofrem alterações ao serem introduzidas num espaço restrito, unifuncional, programado e planejado que determina uma nova forma de morar, um novo comportamento, uma vida cotidiana muito mais controlada. Este espaço, que concordando com a posição de CASTELLS e de LEFEBVRE³, surge como um agente seletivo responsável pela destruição da vida cotidiana e como oposição ao espaço social.

A escassez de dados devidamente organizados, assim como as variações numéricas e de períodos, dificultaram a coleta e o tratamento das informações. Consultas aos dados da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, IBGE, Itaipu, Ipardes e demais órgãos detentores de informações, não permitiram traçar um adequado diagnóstico da situação. Assim, a aplicação de questionários e entrevistas à população envolvida no processo foi a saída mais propícia para subsidiar o presente trabalho. As experiências pessoais vivenciadas pela autora, residindo há mais de 7 anos no local, possibilitaram as observações assistemáticas que foram de muita utilidade para as avaliações finais.

³ Para estes autores o espaço urbano é o produto material de uma determinada formação social. (LEFEBVRE,1975,182), (CASTELLS,1983,211).

2 - CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO

2.1 - Antes da construção de Itaipu (até 1974)

A cidade de Foz do Iguaçu localizada na Região Extremo-Oeste do Estado do Paraná situa-se na Latitude Sul a 25° 32' 45" e na Longitude W Gr a 54° 35' 07" (figuras 1 e 2). Iguaçu, nome de origem guarani que significa "rio grande", e que por estar na confluência dos dois maiores rios do Estado: o Iguaçu e o Paraná, recebeu o nome de Foz do Iguaçu. O rio Iguaçu localiza-se ao Sul da cidade, e faz divisa com a Argentina, onde se localizam as Cataratas do Iguaçu. O rio Paraná localiza-se a Oeste da cidade, e faz divisa com o Paraguai, onde se localiza a barragem de Itaipu. A cidade possui uma altitude média de 173 m acima do nível do mar e os terrenos mais altos ficam próximos à BR- 277. Sua temperatura média anual é de 27 °C, podendo chegar no verão aos 45 °C. Pela influência do Lago de Itaipu e dos rios Paraná e Iguaçu a umidade nesta área mantém-se em torno de 80%. A cidade não tem estação seca definida e as chuvas atingem os 1500 mm/ano.

Foz do Iguaçu foi uma pequena cidade do interior do Paraná que cresceu pelo entrosamento das mudanças e das inovações que trouxeram homens provenientes de distintas regiões, com costumes, religiões, culturas e etnias diferentes, emprestando seu espaço para que estas novas relações sociais acontecessem. Fazem parte da comunidade diversas etnias, como as colônias árabe, chinesa, japonesa, coreana, alemã, entre outras, e essa miscelânea de raças acaba dando características muito singulares à cidade.

O Tratado de Tordesilhas não foi respeitado pelos portugueses que avançaram nas terras da margem esquerda do rio Paraná, logrando assim, o Brasil obter o alargamento da sua fronteira (COLODEL, 1988,34). A Espanha reconheceu o domínio português a Oeste da linha de Tordesilhas em 1750, com o Tratado de Madri, 120 anos

após a destruição das Reduções pelos bandeirantes.

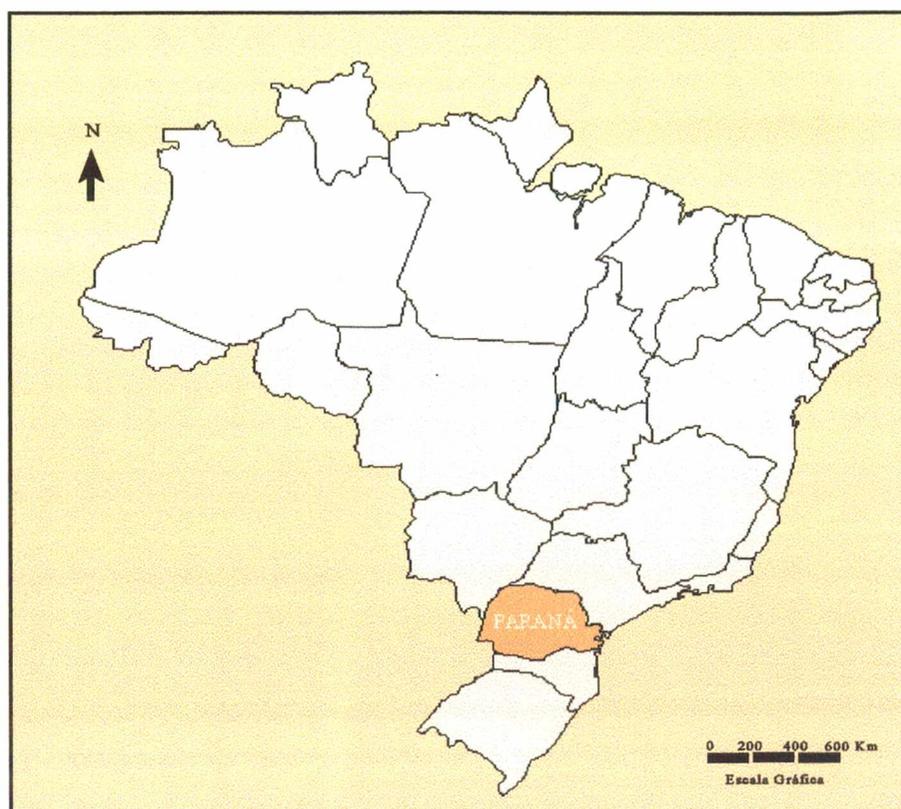


Fig. 1 - Localização do Estado do Paraná



Fig. 2 - Localização do Município de Foz do Iguaçu

Estas terras foram esquecidas por mais de cem anos, até que, após a guerra do Paraguai (1865 - 1870), houve por parte dos militares brasileiros uma pressão muito grande para que se instalasse em Foz do Iguaçu uma Colônia Militar, alegando tratar-se de uma área vital em questões de segurança e soberania. Foi em 1889 que, finalmente, se fundou a referida Colônia Militar, tentando dar início a um povoamento definitivo no local. Na época, além dos índios Caingangues, foram contados segundo o historiador Romário Martins, 324 indivíduos na região de Foz do Iguaçu. Destes, 220 pertenciam ao sexo masculino e 104 ao feminino, sendo que 93 eram brasileiros, 188 paraguaios, 33 argentinos, 5 franceses, 2 uruguaios, 1 espanhol e 1 inglês. A Colônia distribuía gratuitamente lotes, com a finalidade de atrair famílias, para que se estabelecesse um povoamento definitivo no local e se modificassem os costumes exploratórios da erva-mate e madeira. Por causa dos desmandos e da corrupção existente entre os diretores e os oficiais que para o local foram enviados, o Ministro de Guerra decidiu tornar a Colônia Militar um povoado civil. No dia 16 de junho de 1912 ela foi extinta. Arbitrariedade e corrupção não se restringiam unicamente à força policial, os administradores da Colônia Militar agiam fazendo vistas grossas para tudo aquilo que prejudicasse seus interesses pessoais e suas ambições.

A administração e o controle do local, por parte da Colônia Militar, caracterizou-se por uma série de problemas ligados principalmente à corrupção e ao suborno, não conseguindo em nada mudar os rumos da exploração predatória que vinha acontecendo⁴. A Colônia Militar sobreviveu com muitas dificuldades nos primeiros anos de sua criação, sua economia restringia-se à subsistência, principalmente pela precariedade da comunicação e a falta de mantimentos. Tal era o abandono da área por parte da justiça e do Governo Nacional que a força policial que existia na cidade

⁴ Era um mundo governado por leis próprias e restrito a mandos e desmandos de quem detinha em suas mãos o poder econômico. Eram os estrangeiros donos de Obrages que ditavam as leis (COLODEL,1988,60).

de Foz do Iguaçu tinha no seu quadro indivíduos de nacionalidade argentina e paraguaia (COLODEL, 1988, 60). A grande presença estrangeira que existia na região, teve como consequência uma estruturação do universo social, com modelos de exploração e de dominação específicas. Os comerciantes da erva-mate não tinham interesse em estabelecer uma fixação definitiva nas terras da região e a exploração predatória obrigava os trabalhadores a mudanças sucessivas. A exploração maciça da terra era praticada por estrangeiros que instalavam as chamadas *Obrages*⁵. Em algumas décadas o Oeste paranaense viu-se explorado por mais de 20 *Obrages*.

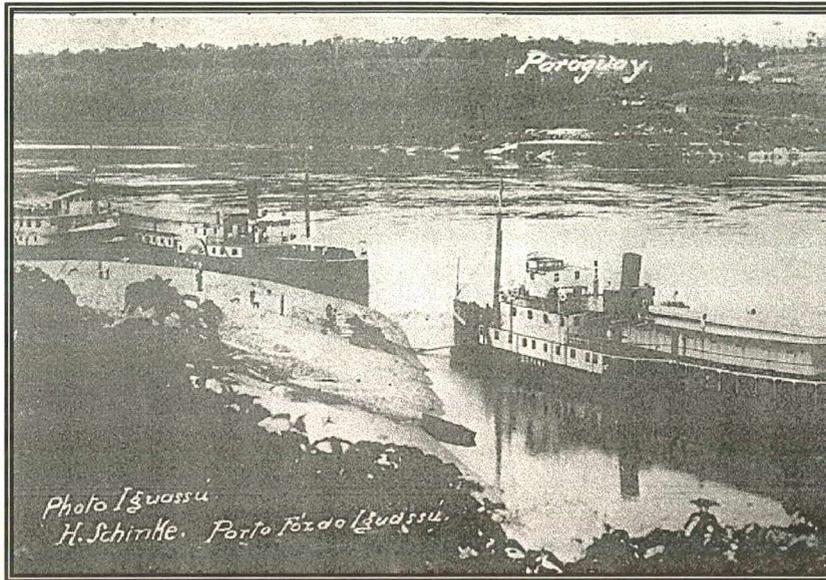
As dificuldades de comunicação da Colônia Militar com centros maiores dentro do território brasileiro obrigou-a a voltar-se para a região do Prata. A comunicação era feita através dos rios Paraná e Uruguai e os próprios brasileiros deslocavam-se para Foz do Iguaçu pela Argentina, que possuía, na época, boas linhas férreas e o domínio quase que total da navegação comercial e de passageiros do rio Paraná. Com isto os brasileiros desta região acabaram se tornando dependentes economicamente dos comerciantes platinos. Os gêneros alimentícios e todas as outras mercadorias necessárias à comunidade vinham da Argentina. O contato que possuía a população de Foz do Iguaçu com o mundo era através dos vapores argentinos que pertenciam aos donos de *Obrages*. Entre estes vapores dois se destacaram, o Salto e o Espanha que pertenciam a Nuñez Gibaja Martinez y Co (figura 3). Eles foram responsáveis pelo escoamento da erva-mate e da madeira, e como atividade secundária abasteciam de alimentos todos os portos ao longo do rio Paraná. Todas as mercadorias que os navios transportavam eram fornecidas a preços exorbitantes (COLODEL, 1988, 108-109). O dinheiro circulante era o peso argentino e o dinheiro brasileiro era cotado abaixo do argentino e do paraguaio. Os impostos e taxas da época eram cobrados em moeda

⁵ *Obrages*: termo retirado do castelhano que designava grandes domínios rurais utilizados para a exploração intensiva de madeiras de lei e erva-mate (COLODEL, 1988, 53)

argentina (WACHOWICZ,1988,235). Em Foz do Iguaçu a língua predominante, tanto falada quanto escrita, era o espanhol, e isto se constatava até nos avisos das companhias de navegação, nas propagandas e nos calendários. O português era falado somente pelos funcionários públicos (WACHOWICZ,1982,129). Em 1918 foi editado o primeiro jornal local pelo naturalista suíço Moises Bertoni, sendo este escrito parte em português e parte em espanhol.

Este quadro se manteve durante as primeiras décadas de 1900, principalmente pela falta de comunicação desta região com o resto do país. O principal motivo desta falta de comunicação foi a ausência de boas estradas e caminhos, o que levou as autoridades nacionais a esquecer o Oeste Paranaense. A maioria dos caminhos e picadas da região foram iniciados pelos obrageiros, que deles necessitavam para transportar a erva-mate e a madeira. As *obrages* argentinas criavam todo tipo de dificuldade para que a população da região ficasse isolada do resto do país, o que as tornava cada dia mais fortes. Os donos das *obrages* dominavam os meios de comunicação e de comercialização de toda esta região. A falta de integração nacional facilitava e acentuava a dependência desta parte do território brasileiro com os centros comerciais argentinos (WACHOWICZ,1982,133). A maioria da mão-de-obra empregada nestas atividades exploratórias e depredatórias era composta por paraguaios, os chamados *mensus*⁶ ou peões. Estes eram quase os únicos que conseguiam sobreviver às duras condições do trabalho. Dentro das *obrages* era fácil conseguir trabalho, sair vivo delas era quase impossível. Segundo Colodel, os *mensus* assinavam um contrato de morte quando iam trabalhar nas *obrages*. Eles não passavam de "...verdadeiros servos, presos ao patrão por uma conta corrente, praticamente interminável" (WACHOWICZ,1982,49).

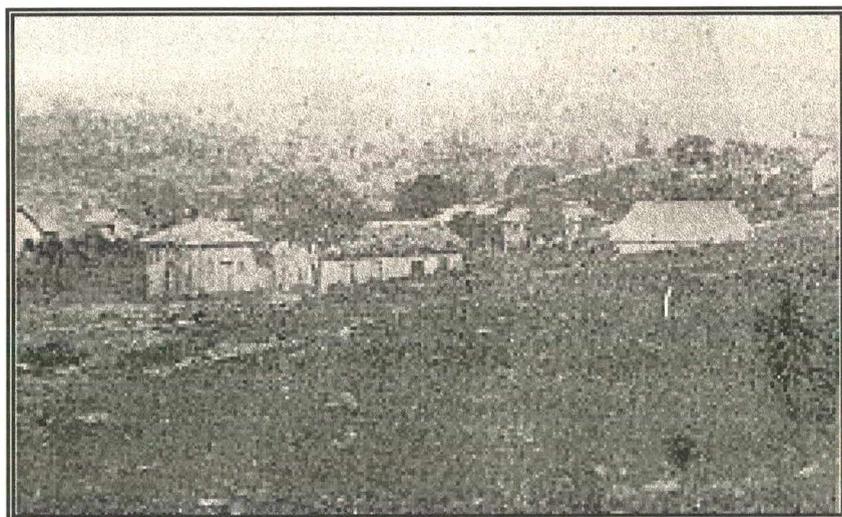
⁶ Mensus eram chamados os trabalhadores braçais das Obrages, pagos mensalmente. Esta mão-de-obra era submetida a todas as formas de violência e repressão. (COLODEL,1988, p.61).



Fonte: Acervo Biblioteca Pública Municipal

Fig. 3 - Foto de navios atracados no Porto Oficial em 1936

Em 1906, (figura 4) existiam na cidade 4 estabelecimentos comerciais, cujos proprietários eram estrangeiros. A população nessa data girava em torno de 2.000 habitantes, isso por causa do porto por onde escoavam a erva-mate e a madeira e por onde circulavam muitas mercadorias e pessoas.

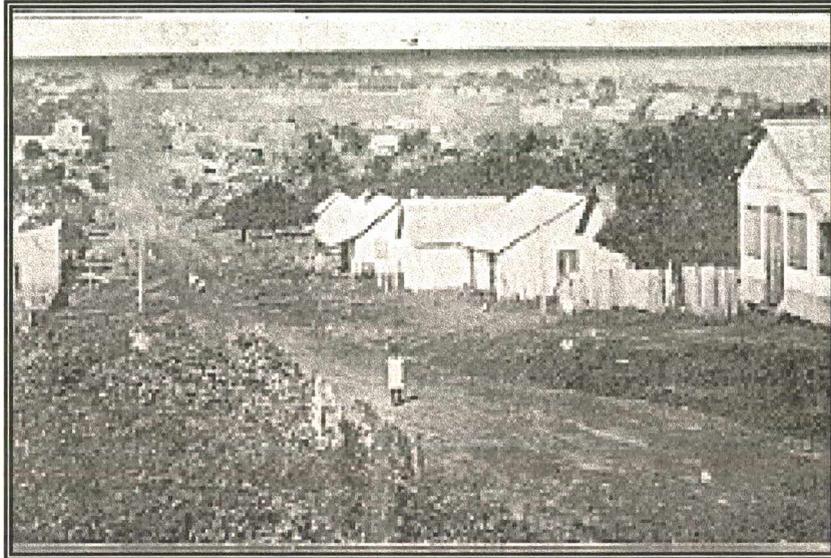


Fonte: Acervo Biblioteca Pública Municipal

Fig. 4 - Vista de Foz do Iguaçu 1903

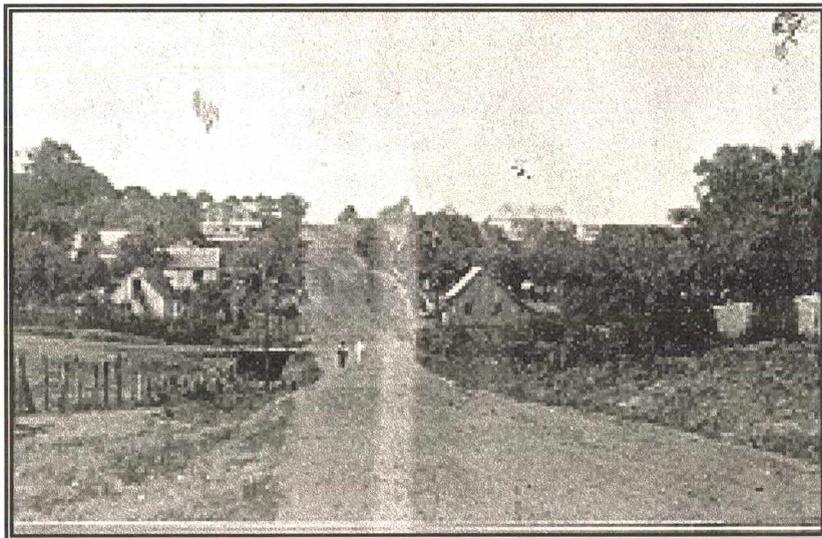
O contrabando e a falta de autoridade dos administradores da Colônia, fizeram

com que em 1912 a vila fosse extinta e seu patrimônio fosse transferido ao Governo do Paraná.



Fonte: Acervo Biblioteca Pública Municipal

Fig. 5 - Vista da Av. Brasil 1920



Fonte: Acervo Biblioteca Pública Municipal

Fig. 6 - Vista da Av. Brasil 1933

Em 1915, a atual cidade de Foz do Iguaçu contava com apenas um hotel, o Hotel Brasil que atendia perfeitamente ao pequeno movimento, mas o progresso levou o proprietário do negócio a alugar terras, para montar mais um hotel nas Cataratas do Iguaçu (WACHOWICZ, 1982, 34) (figura 5 e 6).



Fonte: Acervo Biblioteca Pública Municipal

Fig. 7 - Vista da Av. Brasil 1942

Quase sempre o acesso às cataratas era por via fluvial. Somente mais tarde é que se pode chegar a elas por terra, enfrentando uma viagem de várias horas montados em mulas. De 1940 até 1947 (figura 7) o caminho até as Cataratas era feito em charrete, uma carroça com pneus de carro puxada por cavalos. O passeio levava três horas para ir e três horas para voltar. Até o ano de 1916 as Cataratas do Iguaçu ficavam em terras particulares pertencentes ao argentino Jesus Val. Foi Santos Dumont quem resolveu interferir junto ao Governo do Estado, o qual em julho de 1916 através do Decreto Nº 653, declarou 1.008 ha em torno das Cataratas do Iguaçu como sendo de utilidade pública. Seria criado oficialmente em 10 de janeiro de 1939 o Parque Nacional do Iguaçu, através do Decreto Federal Nº 1.035, sendo o primeiro Parque criado no Brasil, no governo de Getúlio Vargas. O Parque conseguiu, após anexações territoriais, uma área total de 170.086,76 ha. O Parque Nacional do Iguaçu foi tombado em 1986 pela UNESCO como Patrimônio Natural da Humanidade. Hoje, seu território no lado brasileiro é compartilhado pelos municípios de Foz do Iguaçu, Matelândia, Medianeira, Céu Azul e São Miguel do Iguaçu. Em 1968 foi inaugurada a BR - 469, que ligava Foz do Iguaçu às cataratas, rodovia federal que facilitou o acesso e incrementou

o turismo na região.

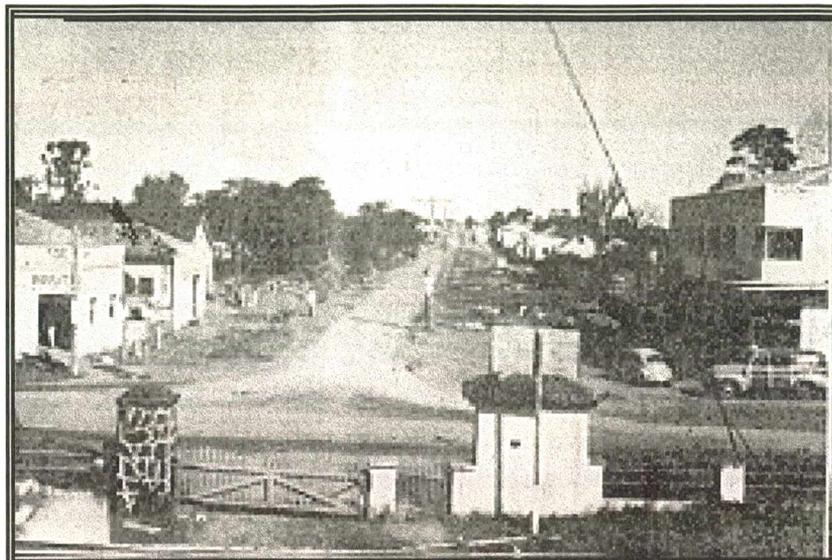
A ocupação do Oeste Paranaense por companhias colonizadoras foi tentada nas duas primeiras décadas de 1900, mas, devido às adversidades do local, elas não conseguiram um povoamento significativo. Em novembro de 1927 foi inaugurado o primeiro grupo escolar, chamado Bartolomeu Mitre, iniciando suas aulas em 1928. Até 1934 a cidade não contava com nenhum médico no local e os moradores iam se tratar em estabelecimentos argentinos. Em 1938 foi construída a Santa Casa, cuidada por um médico e duas enfermeiras, não sendo mais necessário ir para a Argentina por problemas de saúde. A comunicação aérea com a cidade começou em 1935 com a construção do denominado Campo de Aviação, o que representou um grande avanço para a região, pois as viagens entre Curitiba e Foz do Iguaçu demoravam de 5 a 8 dias, pelo ar eram feitas em apenas 4 horas. Este aeroporto, encravado no centro da cidade, funcionou até 1973 quando da inauguração do atual Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu, localizado na rodovia das Cataratas a 15 Km do centro da cidade.

Nas décadas de 30 e 40 o sistema de *obrages* não conseguiu ser viável dentro dos âmbitos econômicos e políticos do País, pois a revolução de 1930 fez com que muitos obrageros se retirassem da região Oeste do Paraná, após a liberação dos mensus e da cassação de bens pelas forças revolucionárias (COLODEL, 1988, 88). Também o governo de Getúlio Vargas, após a revolução de 1930, tenta recuperar e controlar as terras do Extremo-Oeste paranaense com capitais brasileiros. Surge com caráter nacionalista o "slogan" "marcha para o oeste", cujo principal decreto foi nacionalizar a mão-de-obra que trabalhava nas *obrages*. O Governo Federal pretendia que esta região se integrasse ao contexto nacional, e para isso nacionalizou as terras que se encontravam em domínio de grupos estrangeiros (COLODEL, 1988, 205). Foi feito na época um levantamento da população existente entre as cidades de Guaíra e Foz do Iguaçu, distantes entre si de aproximadamente 300 Km, constatando-se que dos 10 mil

habitantes encontrados, somente 500 eram brasileiros (WACHOWICZ,1982,144).

Estes fatos ocasionaram uma desorganização na estrutura exploratória da área, mas a crise nas *obrages* aconteceu por medidas econômicas e por campanhas contra a pureza da erva-mate brasileira, adotadas pelo Governo argentino, maior consumidor deste produto. Em 1931 a Argentina proibiu a importação da erva-mate brasileira, causando a decadência deste ciclo econômico (PADIS,1981,63). Com o sistema de *obrages* em declínio, as companhias colonizadoras começam a se interessar pelo Oeste paranaense.

Apesar de tudo, na década de 50 (figura 8) a região do Extremo-Oeste do Estado do Paraná era praticamente despovoada e economicamente inexplorada. A cobertura florestal original do Paraná era de 87%, sendo que hoje não ultrapassa os 5% do seu território. As grandes florestas do Oeste do Paraná foram, em sua grande maioria, queimadas, sem que houvesse o aproveitamento do valor da madeira, para dar passagem ao pioneirismo agrícola (IBGE,1991). Nesse momento começaram a aparecer as grandes companhias colonizadoras que compraram enormes glebas de terra a serem desbravadas, para parcela-las em pequenos lotes de não mais de 10 alqueires, o equivalente a 24 ha., que passaram a ser vendidos principalmente a contingentes do Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina (PADIS,1981,169). Através da Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. houve a venda de grandes proporções de terras em pequenos lotes, efetivando um dos povoamentos da região. Estes lotes eram suficientes apenas para absorver a mão-de-obra familiar, o que evitou que se instalassem na região, até finais da década de 60, os latifúndios.



Fonte: Acervo Biblioteca Pública Municipal

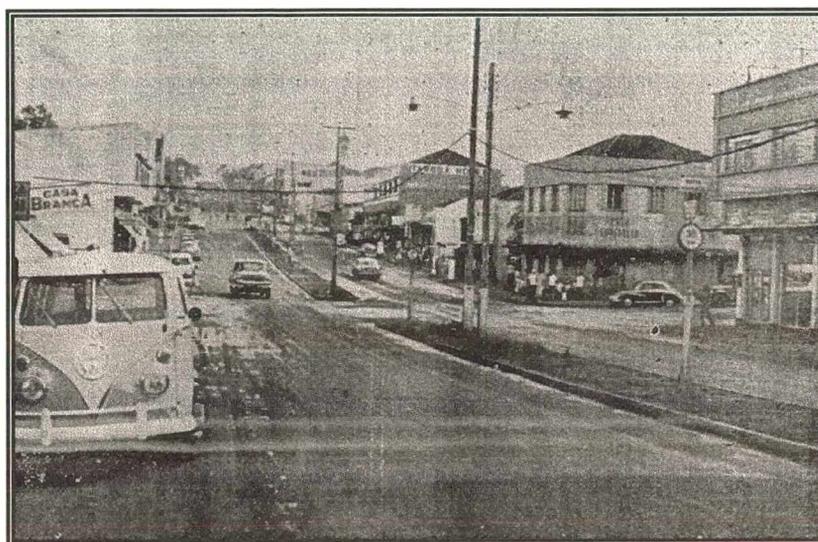
Fig. 8 - Vista da Av. Brasil 1952

Os chamados pioneiros na abertura da fronteira agrícola, foram, na sua maioria, jovens descendentes de italianos e alemães expulsos da zona rural de origem, sem forte enraizamento anterior com a região. Estes trabalhadores vieram à região a fim de desbravar uma área que tinha, até então, um enorme isolamento físico, social e econômico com o resto do Estado e do País. Este fato fez com que surgisse uma economia fechada, com base na pequena propriedade, que absorveu a mão-de-obra familiar, com um nível muito baixo de tecnologia e mantendo, basicamente, culturas de subsistência, como trigo, feijão, arroz, mandioca, milho e soja. As culturas eram destinadas ao consumo e à engorda de suínos, principalmente por que não podiam vender o excedente devido ao isolamento físico em que se encontravam (PADIS, 1981, 169).

Com a implantação de um precário sistema viário nos anos 60, a região começou a sair do isolamento social⁷ e econômico, estabelecendo vínculos com o Estado do

⁷ O descaso era tão grande que até 1966 o município não possuía nenhuma bandeira, seu criador foi Manoel Orfanaki.

Paraná e com as outras regiões do País. Pode-se dizer que a exploração turística da região, as Cataratas do Iguaçu, começou somente na metade da década de 60, quando, com a construção da BR-277, Foz do Iguaçu ligou-se ao sistema viário do Estado e do País (figura 9).



Fonte: Acervo Biblioteca Pública Municipal

Fig. 9 - Vista da Av. Brasil 1969

Em 1968 Foz do Iguaçu passou a integrar a área de Segurança Nacional, sendo que, a partir dessa data, até 1985 os prefeitos da cidade foram nomeados pelo Governo Federal. Por isso Itaipu teve funcionários seus ocupando o cargo de Prefeito durante dois mandatos, em 1974 e em 1981. Também funcionários da empresa assumiram o cargo de Presidentes da Câmara municipal, nos períodos de 1973/74 e 1975/78.

A boa qualidade do solo, auxiliada pela introdução de técnicas e maquinarias novas, permitiu o surgimento do excedente na produção, fazendo com que esta região assumisse um importante papel a nível Estadual e Nacional. A rápida urbanização, a facilidade da comercialização dos produtos, assim como a qualidade do solo atraíram para a região pessoas com rendas mais altas, que passaram a comprar grandes

extensões de terra (PADIS, 1981,170-171). Surgem, na década de 70, os latifúndios, atendendo a padrões técnicos de produção que vieram de uma política nacional. A riqueza do solo aliada à fase de celeiro do mundo, em que se encontrava o País, motivou a iniciativa dos primeiros latifundiários. Na época do chamado "milagre brasileiro", as dinâmicas agrárias utilizadas na área foram reflexo do desenvolvimento capitalista que atingia todo o país. As propriedades com policulturas, destruíram suas hortas e pomares e substituíram tudo pelas monoculturas do trinômio soja-trigo-milho. A paisagem local passou então a se transformar em áreas de monoculturas, com uso intensivo da terra, inundadas de agrotóxicos, defensivos e corretivos agrícolas, dando início a um processo acelerado de destruição da fertilidade da terra e da poluição dos mananciais.

A modernização do campo, destinada à comercialização, opôs-se às técnicas de subsistência, levando a um esvaziamento populacional. A necessidade de investimentos em técnicas e maquinarias impossibilitou a sobrevivência dos pequenos produtores, que se viram sem chances de competir com os que detinham a tecnologia e o dinheiro. Foram obrigados assim a vender suas propriedades e a migrar para as cidades (IPARDES,1983,33). Essas migrações fizeram com que alguns grupos sociais desaparecessem e surgissem outros.

As migrações, as desapropriações e as realocações de muitas pessoas durante a construção de Itaipu ocasionaram o surgimento de novos grupos sociais dentro da região, como comerciantes, profissionais liberais, trabalhadores da construção civil, técnicos, etc. Outros fatores que contribuíram com as transformações do município foram a conclusão da BR-277, a integração de Foz do Iguaçu no sistema Estadual de telecomunicações, a construção do aeroporto internacional e a conclusão da Ponte da

Amizade, unindo Foz do Iguaçu à cidade de Puerto Presidente Stroessner⁸, que permitiram uma dinamização no comércio, potencializando o turismo e passando a ter uma maior participação na geração de renda. O início da construção de Itaipu deu-se no meio destes processos de transformação na forma de produção, onde se incorporavam novas tecnologias, trocavam-se as modalidades produtivas e a estrutura fundiária. Fato que criou e acentuou uma demanda de mão-de-obra mais qualificada, acarretando mudanças no perfil educativo e social da população economicamente ativa do local.

A migração de mais de 100 mil pessoas causou um forte impacto na cidade, principalmente pelo aumento das demandas sociais em níveis não previstos pelas administrações Municipal e Estadual, o que aumentou a tensão social, fazendo com que as ruas da cidade incluíssem entre seus transeuntes, traficantes, prostitutas, marginais, desempregados e especuladores. A cidade cresceu numa velocidade incapaz de ser captada pelas pessoas locais que se viram contagiadas pelo sonho do avanço tecnológico voltado ao progresso social de forma coletiva. Mas a parte social e a parte humana são sempre relegadas a um segundo plano na organização do espaço. A tecnologia veio e com ela a diferenciação e a segregação urbana, a práxis humana tornou-se um processo individualizado não somente referente a esta região, senão própria da sociedade capitalista.

Foz do Iguaçu desenvolveu-se principalmente no sentido norte-sul, mas forçando uma expansão para o leste onde se criaram muitos loteamentos para atender à

⁸ Cidade que em 1972 possuía 10 mil habitantes pulando em 1978 para mais de 100 mil, por causa da construção de Itaipu. Após a queda do ditador Alfredo Stroessner em fevereiro de 1989, mudou o nome para Ciudad del Este.

população de baixa renda⁹. No centro existiam grandes áreas vazias¹⁰ nas mãos de alguns poucos, o que elevou o preço da terra e forçou o deslocamento de quase 70% das pessoas para a periferia, onde os loteamentos eram muito mal planejados e mal aparelhados. A área urbanizada era de 741 ha, o que representava menos de 16 hab/ha, causando altos custos sociais na implantação de infra-estrutura. Os conjuntos residenciais criados pela Empresa surgem dentro desta malha urbana cheia de rupturas, de rivalidades e de singularizações, facilitando ainda mais o distanciamento social.

Os diferentes ciclos econômicos pelos quais passou a cidade fundamentam a sua história apesar de não fundamentar o seu progresso, mas sem eles não seria fácil entender as tensões e tendências que atuaram sobre ela. O primeiro ciclo econômico foi o da erva-mate e o da madeira, se bem que a exploração foi anterior ao ciclo que daria progresso à região. A exploração madeireira em escala comercial começa em 1874, mas até 1907 quando foi sancionada a 1ª Lei paranaense de Proteção às Florestas, esta exploração permanece em mãos de estrangeiros, assim como a exploração da erva-mate. Na década de 30 com a crise sofrida pela erva-mate, a madeira passa a ocupar o primeiro lugar na atividade econômica do Oeste do Paraná. A exploração madeireira criou formas sedentárias de vida, instalando no Extremo-Oeste núcleos populacionais de colonos vindos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

A meados da década de 60, a extração madeireira entra em decadência na cidade de Foz do Iguaçu, iniciando o segundo ciclo econômico, o Agrícola. Os colonos assentados no local passaram a plantar soja e trigo principalmente, além do milho. Este

⁹ Hoje existem 201 loteamentos legais na cidade.

¹⁰ Segundo o PDDI de 1992, as áreas vagas no centro da cidade de Foz do Iguaçu chegaram a quase 40 % do total da área central.

ciclo econômico entrou em decadência na cidade, devido às reduções territoriais do município e ao incentivo do turismo¹¹. Assim, na metade da década de 70, Foz do Iguaçu passa a possuir uma dinâmica econômica totalmente diferente dos demais municípios do Extremo-Oeste paranaense, assentada no turismo e no comércio.

No final da década de 70 e início da década de 80, a cidade de Foz do Iguaçu, sofreu mais uma transformação na sua característica econômica, o fenômeno Itaipu, como passa a ser chamado na época, que deu mais uma reviravolta no mercado de trabalho. As atividades comerciais diversificaram-se para atender ao grande contingente populacional que vinha à procura de emprego e as atividades turísticas entram em recesso. No mercado formal de trabalho a principal atividade geradora de emprego na cidade foi a construção. Aliada a ela, desenvolveu-se o comércio que se ergueu totalmente em função de suprir as necessidades dos funcionários de Itaipu e suas famílias. Em 1974 existiam 219 estabelecimentos comerciais, industriais e de prestação de serviços, em 1979 eram 2.042¹².

O setor industrial nunca teve um grande destaque na cidade, sendo que em 1980 o município contava com 86 indústrias, mas dedicadas principalmente às atividades extrativas vinculadas à construção civil, como serrarias e pedreiras. Após o furor de Itaipu, o novo ciclo econômico fundamentou-se no setor turístico-comercial. Os hotéis surgiram vertiginosamente para atender a um enorme número de “sacoleiros¹³” vindos de todas partes do País em busca de importados na cidade vizinha do Paraguai. Muitos dos desempregados de Itaipu passaram a se ocupar de atividades informais ou sem

¹¹ Apesar de Foz do Iguaçu estar inserida numa MRH (micro-região homogênea), que abrange 11,6% do Estado, o setor econômico predominante é o primário, a cidade apresenta uma característica diferenciada, pois seu principal setor econômico é o terciário. IBGE, 1991.

¹² Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 1980.

¹³ Nome dado aos compristas que vêm de todas as partes do Brasil para adquirir mercadorias importadas no Paraguai. Em 1994 o número de sacoleiros que passaram pela cidade foi de 4,5 milhões de pessoas.

registro em carteira de trabalho, características estas de atividades no comércio com o mercado livre do Paraguai, e de serviços principalmente na área do turismo.

2.2 - Durante a construção de Itaipu (de 1974 até 1991)

Foi adotada esta periodização, por ser 1974 o ano do início das obras de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, e 1991 o ano onde a unidade geradora número 18 entrou em operação, fato este que marcou a conclusão da fase de obras.

Desde a fase do inventário, o planejamento e a execução de uma hidrelétrica, os benefícios, conveniências e adequações não se apresentam homoganeamente para as partes envolvidas. Ao privilegiar certos setores produtivos e certos lugares, Itaipu agravou a convergência da riqueza e das injustiças, no que se refere à distribuição entre os indivíduos e os lugares. Os grupos sociais afetados são colocados como passivos e dependentes das posições e atitudes tomadas pela concessionária, que passa a dominar a ordem das coisas. Itaipu utilizou-se do princípio do custo-benefício para avaliar as ações a serem adotadas nas desapropriações. Para a construção de Itaipu foram desapropriados em Foz do Iguaçu 697 propriedades que representavam 26,77% do seu território. Toda a tramitação das desapropriações ocorreu num clima tenso, sendo que, na maioria dos casos, a Empresa tomava como medida mais eficaz a desagregação comunitária para forçar os indivíduos a abandonar suas terras. Os locais desapropriados em primeiro lugar foram aqueles considerados estratégicos, como os comércios, as igrejas, os clubes, etc., de forma a não deixar nenhuma estrutura de apoio para as pessoas que se negassem a sair¹⁴.

O Setor Elétrico Brasileiro, com uma estrutura imposta pelos governantes, utilizou-se durante muito tempo do paradigma de ser essencial ao crescimento e ao

¹⁴ Com a formação do Lago de Itaipu 14,6 % do território de Foz do Iguaçu ficou isolado pelas águas. Ver gráfico da figura 11,p.29 e mapa da figura 12,p.30.

desenvolvimento do País, o que lhe concedeu benefícios, prioridades e privilégios junto à esfera governamental. O temor de que estudos profundos na área do projeto refletissem em novos ônus ou até na inviabilidade da obra, levou o Setor Elétrico Brasileiro a não adotar programas de esclarecimento à população. O medo e a ignorância sobre dados específicos da execução da obra fazem com que se criem fantasmas em torno das hidrelétricas, ocasionando conflitos de interesses entre os diferentes grupos sociais envolvidos.

Durante muito tempo o Setor Elétrico Brasileiro utilizou o argumento de que os empreendimentos afetavam grupos sociais carentes de cultura e de estrutura psicossocial, como comunidades indígenas, comunidades rurais e outras. As concessionárias postulavam-se como superiores à população local, como forma de justificar todas suas ações. O progresso que as hidrelétricas trariam à região serviriam, entre outras coisas, para salvar os indivíduos de tanto ostracismo. Porém, sempre existiu um conflito difícil de ser solucionado, relacionado com as esferas do desenvolvimento local e nacional. Quase nunca um atendia os interesses do outro. Itaipu, já nasceu como uma obra atípica, em primeiro lugar por ser uma binacional e em segundo pelo destaque nacional e mundial dado pela mídia por ser a maior hidrelétrica do mundo¹⁵.

Como forma de amenizar algumas consequências negativas do empreendimento e enfatizar os benefícios que a hidrelétrica traria à região, criaram-se vários tipos de relatórios e planos ecológicos. Isto fazia parte de pressões, principalmente externas, do Banco Mundial, para a obtenção de novos empréstimos financeiros. Quando a hidrelétrica começou a ser construída o mundo exaltava a natureza. Defender a natureza passou a ser o lema das ONGs (Organizações não governamentais), dos

¹⁵ A Sociedade Americana de Engenharia Civil (ASCE), apontou, a partir de pesquisa realizada entre engenheiros de todo o mundo, a Hidrelétrica de Itaipu como uma das sete maravilhas do mundo moderno. Popular Mechanics, dezembro de 1995.

grupos ecológicos, das pessoas comuns que passaram a fazer pressões na defesa do meio ambiente. A natureza passou a ser o centro das atenções, as preocupações giravam em torno do meio ambiente e os problemas sociais eram relegados a segundo plano. Muitas vezes os problemas com a natureza servem como maquiagem das medidas adotadas, uma vez que os problemas ecológicos chamam muito mais a atenção, pois tem forte apelação da mídia. Desta forma desvia-se o interesse e as preocupações com o ser humano, suas carências e seus problemas. A Itaipu utilizou-se do meio ambiente como uma atitude de marketing para impressionar grupos ecológicos, ONGs e a população nacional e mundial, empenhando-se em desenvolver vários projetos na área ambiental. Um exemplo foi a operação Mymba-kuera¹⁶ que, devido à inexperiência e à falta de preparação da maioria das pessoas envolvidas, causou transtornos, como por exemplo a data escolhida para a operação e o manejo dos animais capturados.

Maurice Strong¹⁷ afirmou durante a Conferência da Eco-92 que: "Teremos que transpor a brecha entre conservação e desenvolvimento. Os conservacionistas terão que admitir que a conservação se refere tanto a seres humanos como a animais e plantas; senão mais. Não é a presença dos animais e plantas que torna a conservação imperativa. É a presença do homem". Na implantação de Itaipu acabou-se esquecendo os homens e os seus problemas decorrentes do convívio em sociedade. Os problemas "emocionais" das pessoas ligadas direta ou indiretamente a Itaipu ficaram soterrados na grandiosidade da obra. Em 1978 Paulo Nogueira da Cunha, Diretor Jurídico de Itaipu, em declaração aos jornais afirmou que, "Comentou-se que ninguém dá

¹⁶ Termo que em Tupi-guarani significa fauna, mas que ficou conhecida na região como operação pega bicho. Foi o nome dado à operação de resgate de animais, executada em outubro de 1982, durante a formação do Lago de Itaipu.

¹⁷ Canadense, renomado defensor da natureza, que foi Secretário-Geral da Eco-92, que aconteceu no Rio de Janeiro.

importância ao expropriado, e é uma verdade. Que ninguém se coloca na pele do expropriado - também é uma realidade. Itaipu com relação às desapropriações, criou situações tremendamente injustas e lamentáveis".

A magnitude da obra de Itaipu aliada ao poder político da época, conseguiu criar um antes e um depois na região, onde o início era praticamente inexistente de fundamentos, e o depois provido de tudo, onde qualquer coisa seria possível. As pessoas foram envolvidas numa nebulosa de grandiosidade e passaram a viver um futuro promissor em detrimento de um presente tangível e real. Criou-se um descompasso entre o real e o imaginário. Dentro desta tensão existencial os indivíduos foram isolados das redes sociais anteriores, para fazerem parte de uma congregação dominada por uma empresa econômica totalizadora. Itaipu conseguiu mostrar características de empresa totalizadora quando, através do fornecimento das moradias e das infra-estruturas, tentou abranger a totalidade do universo social dos seus trabalhadores.

Os empregados de Itaipu e suas famílias passaram a fazer parte de uma agrupação "forçada" que se auto-identificou e foi identificada pelas outras pessoas da cidade, como pertencentes a uma categoria "especial", como uma grande "família". Os indivíduos geralmente passam a se auto-identificarem de acordo com as caracterizações que lhes são atribuídas. A proteção e o paternalismo adotado pela empresa fizeram com que as pessoas ligadas a ela vivessem um sonho, como o da casa própria, o da garantia de emprego, o do ganho abundante. Trabalhar em Itaipu era fazer parte de uma "família" muito especial, o que permitia ser tratado com adulação pela população local.

Com a construção de Itaipu houve um crescimento explosivo da cidade e adjacências, sem que esta estivesse preparada e/ou organizada espacialmente para receber um número tão alto de imigrantes à procura de uma nova expectativa de

trabalho na hidrelétrica, ou no setor da construção civil. A migração foi causada pela expectativa, verdadeira ou imaginária, de melhores oportunidades de trabalho. O grande fluxo de pessoas em tão curto espaço de tempo fez com que a qualidade de vida dos moradores de Foz do Iguaçu descesse consideravelmente, no que tange à infra-estrutura básica. Toda essa nova população, que se instalava na cidade, precisava ser alojada, alimentada, vestida, necessitava escolas para os filhos, enfim, muitas necessidades para que a cidade pudesse atendê-las adequadamente. O acréscimo inevitável da demanda de serviços, moradia e equipamentos sociais necessários para dar apoio logístico à obra, levaram a cidade a entrar em colapso nos serviços. O número de residentes nas vilas de Itaipu em 1980 chegava quase a 35.000 pessoas, o que representava 35% da população urbana local.

TABELA 1 - Número de empregados da Itaipu de 1974 a 1984

ANOS	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84
ITAIPU	596	1188	1401	1625	1891	2014	1823	1839	2134	2085	2020
EMPREITEIRAS	-	4549	12005	20860	29427	24590	22925	26148	17642	10269	9348
TOTAL	596	5737	13406	22485	31318	26604	24748	27987	19776	12354	11368

Fonte: Itaipu Binacional - Relatório Anual 1974-79. Sinopse Estatística, Diretoria Administrativa, dez/1980-83 e jan/84.

Não existiu na época nenhum projeto ou planejamento capaz de imaginar o "inchaço" que a cidade sofreria em tão curto espaço de tempo. Em termos de uso do espaço, as modificações ocorreram de uma maneira muito acelerada, o que, em termos de organização, beirou o caos. Apesar do Governo Federal, entrar através do PRODOPAR¹⁸, com recursos para subsidiar obras de infra-estrutura como asfaltamento de avenidas, melhoria do sistema de telecomunicações, ampliação do aeroporto e

¹⁸ PRODOPAR - Programa do Oeste Paranaense foi criado em 1975 pelo Governo Federal para executar projetos e obras que atenuassem os impactos da hidrelétrica de Itaipu na estrutura urbana e regional. Funcionou até o ano de 1983.

ações de controle sanitário, estas não foram suficientes para a demanda. Entre a situação imaginada, a situação vista pelo agente e a própria situação há muita diferença, quando estas diferenças se enxergam com maior nitidez, mais rápido podem ser efetuadas ações. Até hoje esse ponto de vista diferenciado é sentido pelos moradores no que se refere à apropriação do espaço e à distribuição de infra-estrutura.

Criou-se uma fragmentação onde passaram a existir partículas incluídas e partículas excluídas da nova situação local. Muitos indivíduos, como na maioria das cidades, foram excluídos por não poder aceder ao mercado de consumo. São minorias excluídas do ponto de vista da capacidade do poder, da capacidade de gestão, da capacidade de decisão, da capacidade de consumo. Outros foram excluídos em espaços de proteção, onde alguém falava por eles, os protegia ou seja os excluía. São os denominados guetos de riqueza que define LEFEBVRE (1991 (2), 94).

Os altos salários pagos pela Empresa fizeram com que existisse na cidade grande quantidade de dinheiro circulante, levando a que investidores, autóctones ou não, criassem opções de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços. Surgia um novo mercado consumidor que passava a ser atendido principalmente por investimentos de empresários privados, que viram a magnitude da hidrelétrica de Itaipu por outro ângulo, o da abundância de dinheiro e da carência de locais para gastá-lo. Houve na cidade um aumento da densidade populacional e um excedente econômico, permitindo a um segmento da população satisfazer algumas necessidades além das relacionadas com as de subsistência. A circulação de dinheiro fez com que as atividades comerciais e culturais se especializassem com o intuito de oferecer diferentes benefícios. Pode-se afirmar que a hidrelétrica de Itaipu fortaleceu o setor terciário, o mais dinâmico da cidade, especialmente na área de comércio. Para os empregados de Itaipu que, com os bons salários, conseguiram atender suas necessidades básicas, surgiram desejos de consumo mais exigentes no referente à

qualidade e aos serviços. Os homens são ricos em necessidades e ao tentar satisfazê-las defrontam-se com conflitos de valores (LEFEBVRE, 1991(1),89). As pessoas privilegiam o “ter” em lugar do “ser”.

O consumo foi mais uma segmentação social e espacial que viveu a cidade. O dinheiro circulante e o aumento do consumismo provocaram uma segmentação no mercado de consumidores. Criaram-se espaços de consumo para uma clientela segmentada social e culturalmente. As disparidades de rendas fizeram com que somente alguns pudessem se beneficiar dos novos locais de consumo, provocando exclusão social. O consumo passou a ser o centro das relações entre os funcionários de Itaipu e os indivíduos da cidade. Para a maioria das pessoas empregadas e vindas de centros maiores, correr atrás de novas necessidades significava fugir de certas insatisfações e lhes insinuava uma noção de participação na cidade. O livre mercado de Ciudad del Este, aumentou as vendas com consumidores locais, que com o dinheiro sobrando passaram a comprar mercadoria importada, principalmente eletro-eletrônicos. O Paraguai simbolicamente representava a visão e a sensação de estar no Primeiro Mundo, através da tecnologia dos produtos que oferecia. Tudo isto produziu transformações nas estruturas urbanas existentes, assim como, nas práticas comerciais dos habitantes. Para os novos moradores da cidade, que deixaram as redes sociais anteriores, os locais de enraizamento e as práticas culturais, o consumo se transformou numa arma de sobrevivência na vida cotidiana. Além de apaziguar angústias e ansiedades, o consumo é a mola propulsora do “*status*” dos níveis sociais mais altos, passando a trocar seu valor de uso pelo significado social¹⁹. O trabalho em Itaipu tornou-se, para muitos, um meio de auto-realização quando passou a satisfazer necessidades materiais e psicológicas.

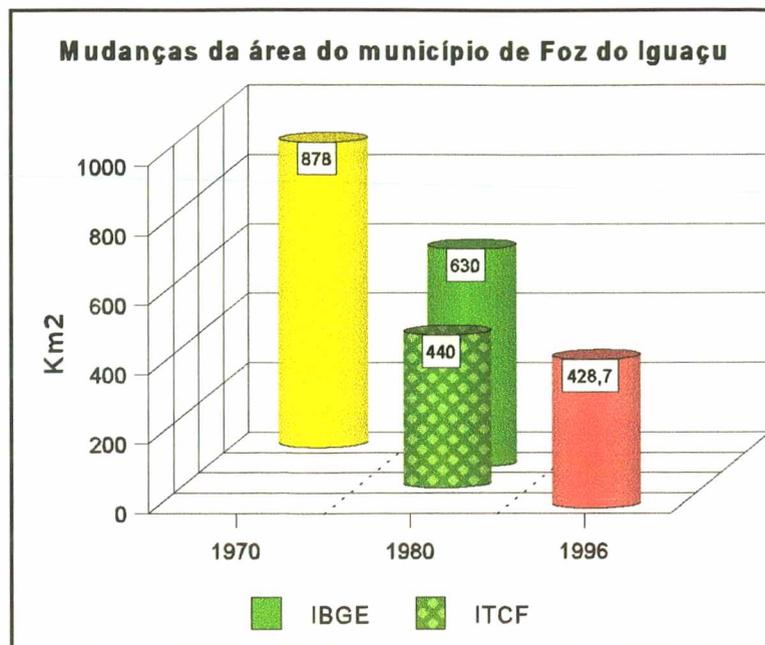
¹⁹ Idéias extraídas da palestra realizada pela Prof^a. Dr^a. Aurora García Ballesteros, na cidade de Bauru no dia 25/7/97, no Simpósio multi disciplinar internacional "O pensamento de Milton Santos e a construção da cidadania em tempos de globalização".

O avanço de Foz de Iguaçu nos serviços e na estrutura comercial atraiu grandes contingentes de pessoas de nacionalidade paraguaia e argentina, cujas regiões mantinham-se num grande atraso. Eles se tornaram usuários itinerantes da cidade, procurando no comércio atacadista e varejista suprir suas necessidades. Necessidades que se alastraram para a utilização de serviços como escolas, médicos, restaurantes, boates. Estes fluxos diários de pessoas passou a ter variabilidade de acordo com a taxa cambial entre as diferentes moedas.

O turismo que sempre foi um dos setores mais fortes da economia local, teve uma recaída em relação à geração de renda e absorção de mão-de-obra, já que a cidade passou a funcionar em torno das necessidades da hidrelétrica e das necessidades dos seus trabalhadores. Em 1974 existiam 219 estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, passando para quase 2000 em 1978 e para mais de 2500 em 1985. Estes serviços, foram criados principalmente para dar suporte à hidrelétrica de Itaipu e a seus trabalhadores. Em 1980 na cidade de Foz do Iguaçu aproximadamente 17% das pessoas empregadas recebiam até um salário mínimo, 82% recebiam até três salários mínimos. Somente 18% recebiam quantias maiores do que cinco salários mínimos. A arrecadação municipal surpreendeu, passando de 437.000 dólares em 1974 para mais de 2.960.000. dólares em 1979. Itaipu contribuiu com esse aumento.

No gráfico da figura 10 nota-se que desde a década de 70 existe discrepância em relação à área total do município de Foz do Iguaçu. A diminuição da área na década de 80 deve-se a dois fatos: o desmembramento, de Santa Terezinha de Itaipu e a formação do Lago de Itaipu, em 1982.

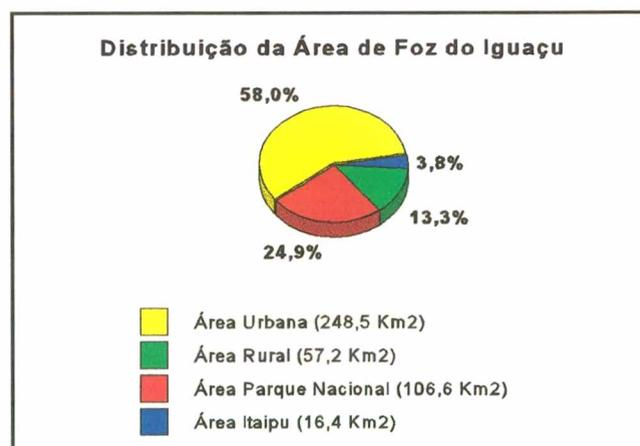
Em 1991 foi feita nova planimetria solicitada pelo SMPD (Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento), devido às discrepâncias dos valores existentes. O IBGE estabeleceu a área de Foz do Iguaçu em 428,7 Km², medição aceita pela Prefeitura Local.



Fonte: IBGE, Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento

Fig. 10 - Área do Município de Foz do Iguaçu

O gráfico da figura 11 apresenta a distribuição da área do município, sendo considerada área rural, o território descontínuo do município, denominado de Bananal, o qual ficou separado após a formação do Lago de Itaipu. O IBGE considera o município de Foz do Iguaçu totalmente urbano, porque 98% da população reside em áreas urbanas. Também se observa que a área do Parque Nacional do Iguaçu ocupa quase 25% do território.



Fonte: IBGE, Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento

Fig. 11 - Distribuição da Área do Município de Foz do Iguaçu -1996

Por ter se tornado um município com pouca área rural, Foz do Iguaçu possui uma densidade demográfica de 497,4 h/Km² (dado de 1995), considerada elevada para a média da região Extremo-Oeste, que é de 48,70 h/Km². No gráfico da figura 13 observa-se que houve um aumento surpreendente da década de 70 para a década de 80, devido à grande migração de pessoas que vieram pela construção de Itaipu. Já o aumento da década de 80 para a década de 90, deveu-se principalmente à diminuição da área do município.

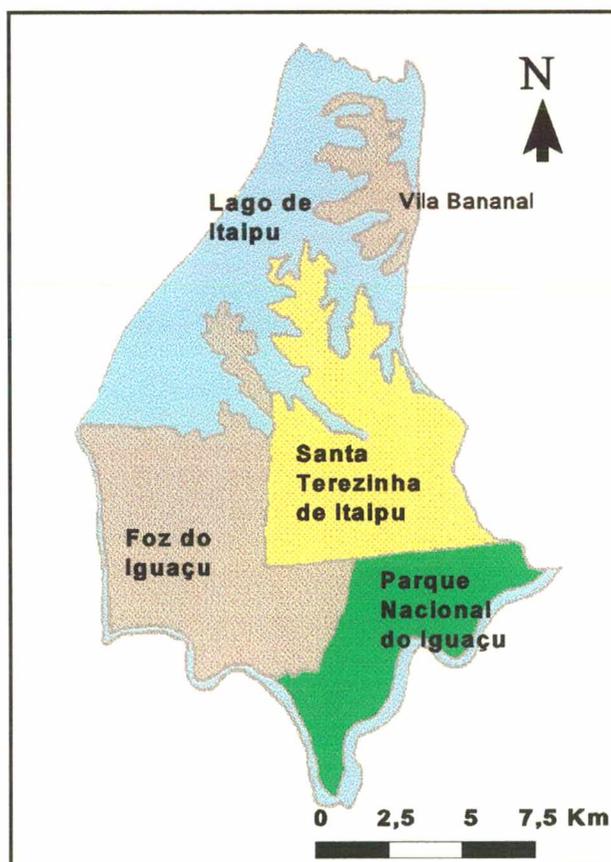
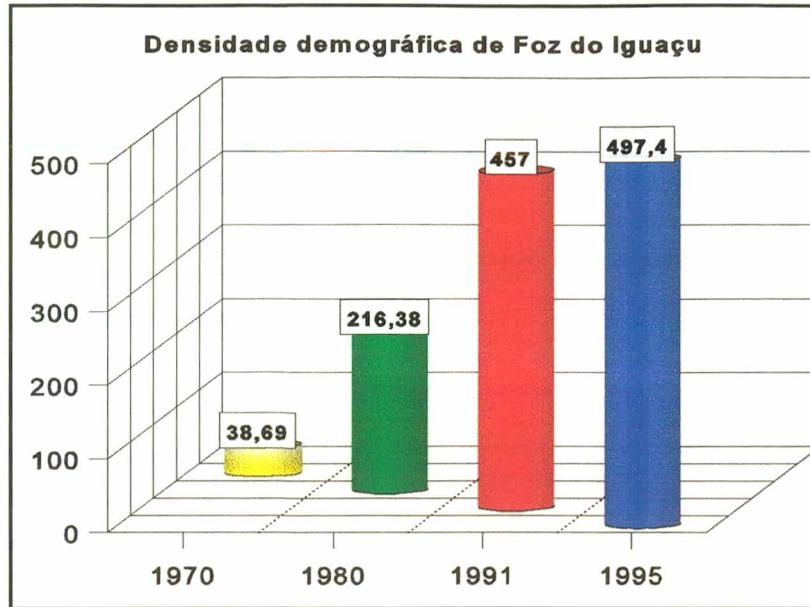


Fig. 12 - Mapa da área do município de Foz do Iguaçu



Fonte: Anuário Estatístico de 1996.

Fig. 13 - Densidade Demográfica de Foz do Iguaçu - 1970/1995

TABELA 2 - Crescimento da População de Foz do Iguaçu - 1950 a 1991

ANO	TOTAL	URBANA	RURAL	TAXA CRESCIMENTO (*)
1950	16.420	3.400	13.020	-
1960	28.080	3.830	24.250	5,51
1970	33.966	20.147	13.819	1,92
1980	136.321	101.330	34.991	14,91
1991	190.123	186.385	3.738	3,07

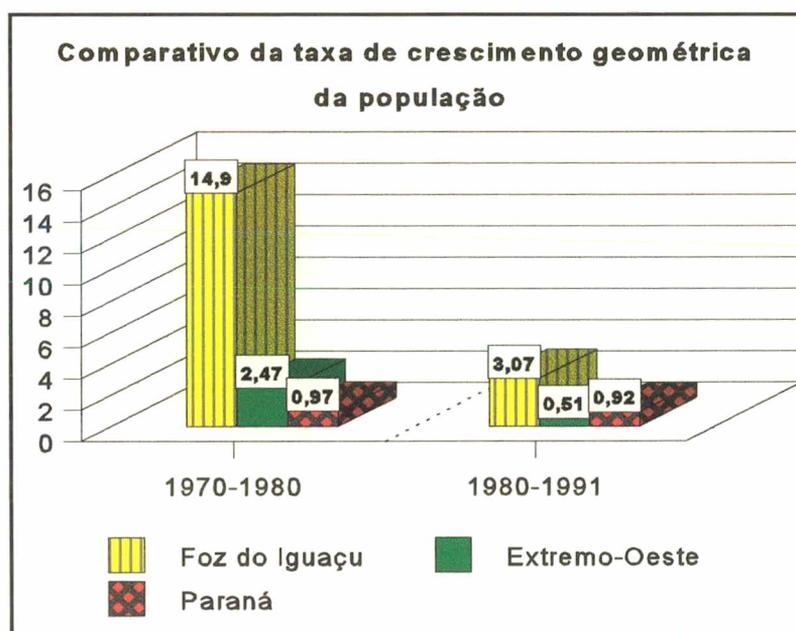
Fonte: IBGE

(*) Refere-se ao crescimento ocorrido na década anterior.

A tabela 2 apresenta a variação das taxas de crescimento geométrico da população de Foz do Iguaçu de 1950 a 1991. Observa-se que de 1950 a 1960 houve uma taxa de 5,51, resultante das migrações provenientes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. De 1960 a 1970, a taxa passou para 1,92, denotando uma acentuada diminuição da migração. Já de 1970 a 1980 houve elevação da taxa para 14,92 em função, principalmente, da construção de Itaipu, sendo um aumento extraordinário se comparado com a taxa de crescimento geométrico do Estado, que no mesmo período

foi de 0,97.

Observa-se também que o crescimento da taxa do Extremo-Oeste está totalmente ligada ao aumento da taxa da cidade de Foz do Iguaçu (figura 14). O Extremo-Oeste já não oferece tantos atrativos como em outras épocas, quando migraram para a região pessoas de vários lugares do País e do próprio Estado. Mesmo assim a cidade de Foz do Iguaçu continua mostrando seus atrativos, sendo uma das cidades em número de habitantes, que mais cresce no Estado do Paraná. De 1980 a 1991 a taxa de crescimento geométrico de Foz do Iguaçu, diminuiu para 3,07, continuando ainda acima da taxa de crescimento do Estado que foi de 0,92 (tabela 3).



Fonte: IBGE

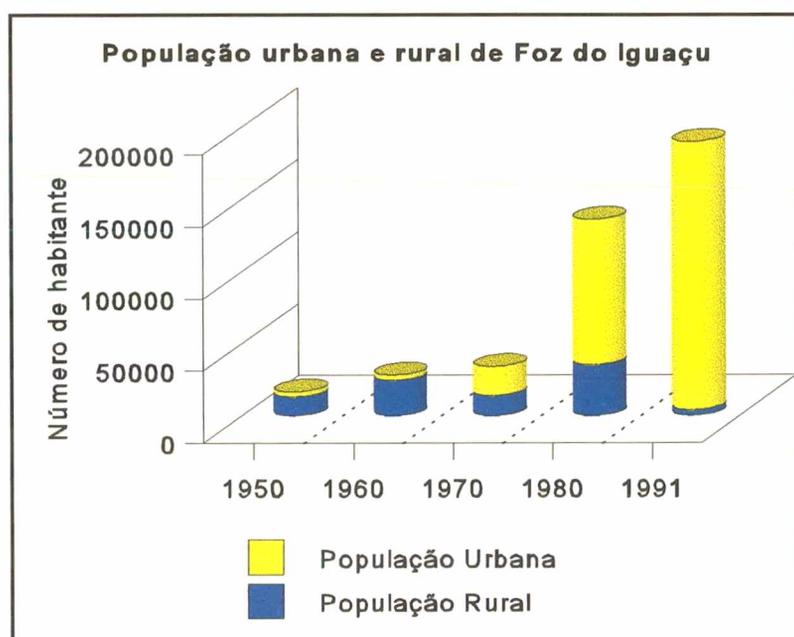
Fig. 14 - Comparativo taxa de Crescimento Geométrico da População - 1970/1991

TABELA 3 - Comparativo taxa de Crescimento Geométrica da População - 1970/1991

PERÍODO	FOZ DO IGUAÇU	EXTREMO-OESTE	PARANÁ
1970-1980	14,92	2,47	0,97
1980-1991	3,07	0,51	0,92

Fonte: IBGE

Segundo dados do IBGE, em 1960 residiam na área rural 86,3% da população do município de Foz do Iguaçu. Em 1970 houve uma diminuição para menos da metade do percentual de habitantes que residiam na área rural, 40,6%. Na década seguinte após a grande demanda de mão-de-obra de Itaipu, quase 75% das pessoas residiam em áreas urbanas. O desmembramento de Santa Terezinha de Itaipu, uma das maiores áreas rurais, e a formação do Lago de Itaipu, afetaram 33% da produção agrícola do município. Na década de 90, Foz do Iguaçu tornou-se um município eminentemente urbano. A população urbana tem tido crescimentos surpreendentes nas décadas de 70, 80 e 90, passando de 20.147 em 1970 para 101.330 em 1980, e para 186.486 em 1991. Enquanto que a população rural apresentou um forte declínio (figura 15).



Fonte: IBGE

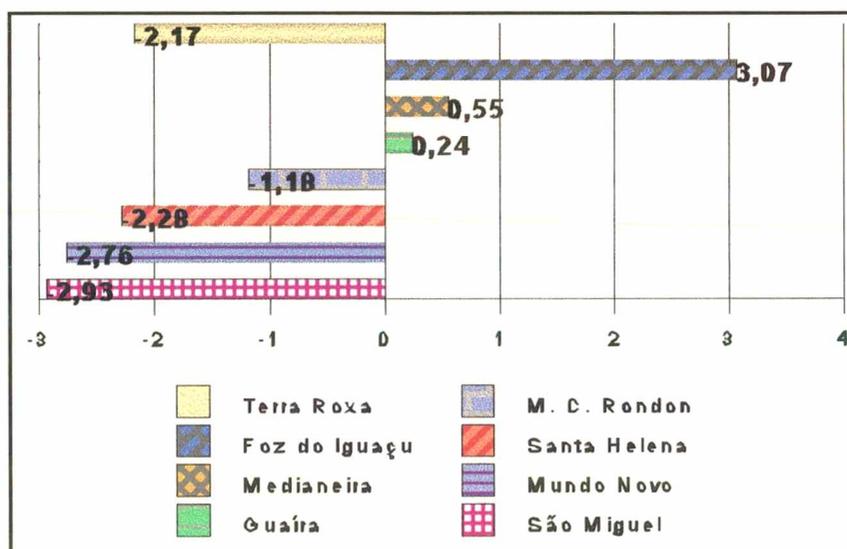
Fig. 15 - População Urbana e Rural de Foz do Iguaçu - 1950 - 1991

Em 1980 o setor terciário era responsável por 69% das receitas do Município, na década de 90, aumentou para 80%, absorvendo 57% da população economicamente ativa. O setor secundário foi responsável por 17% das receitas, absorvendo quase 36% da população economicamente ativa. O setor primário foi responsável por 3% das

receitas. Estes dados mostram a diferenciação das características econômicas de Foz do Iguaçu com relação à região em que está inserida, pois na região do Extremo-Oeste do Paraná, 52% das receitas provêm do setor primário e 30% do comércio.

No período de 1981 a 1986, a arrecadação Federal de Foz do Iguaçu ocupou o terceiro lugar do Estado do Paraná. A partir de 1991 começaram a ser pagos os “royalties” de Itaipu, contribuindo com o aumento da arrecadação do Estado e dos municípios lindeiros ao Lago de Itaipu.

Taxa de Crescimento Anual da População dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu



Fonte: IBGE

Fig. 16 - Taxa de Crescimento Anual da População dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu 1980 - 1991

Pelo censo de 1980 nota-se que quase 75% das pessoas não naturais do município vieram para Foz do Iguaçu no período de 1975 a 1980. Mais de 70% da população era procedente do Paraná, 20% distribuídas entre os estados de Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Os 10%

restantes provinham de outros estados e países. Desta população migrante, 66% provinha de áreas urbanas e 34% de áreas rurais.

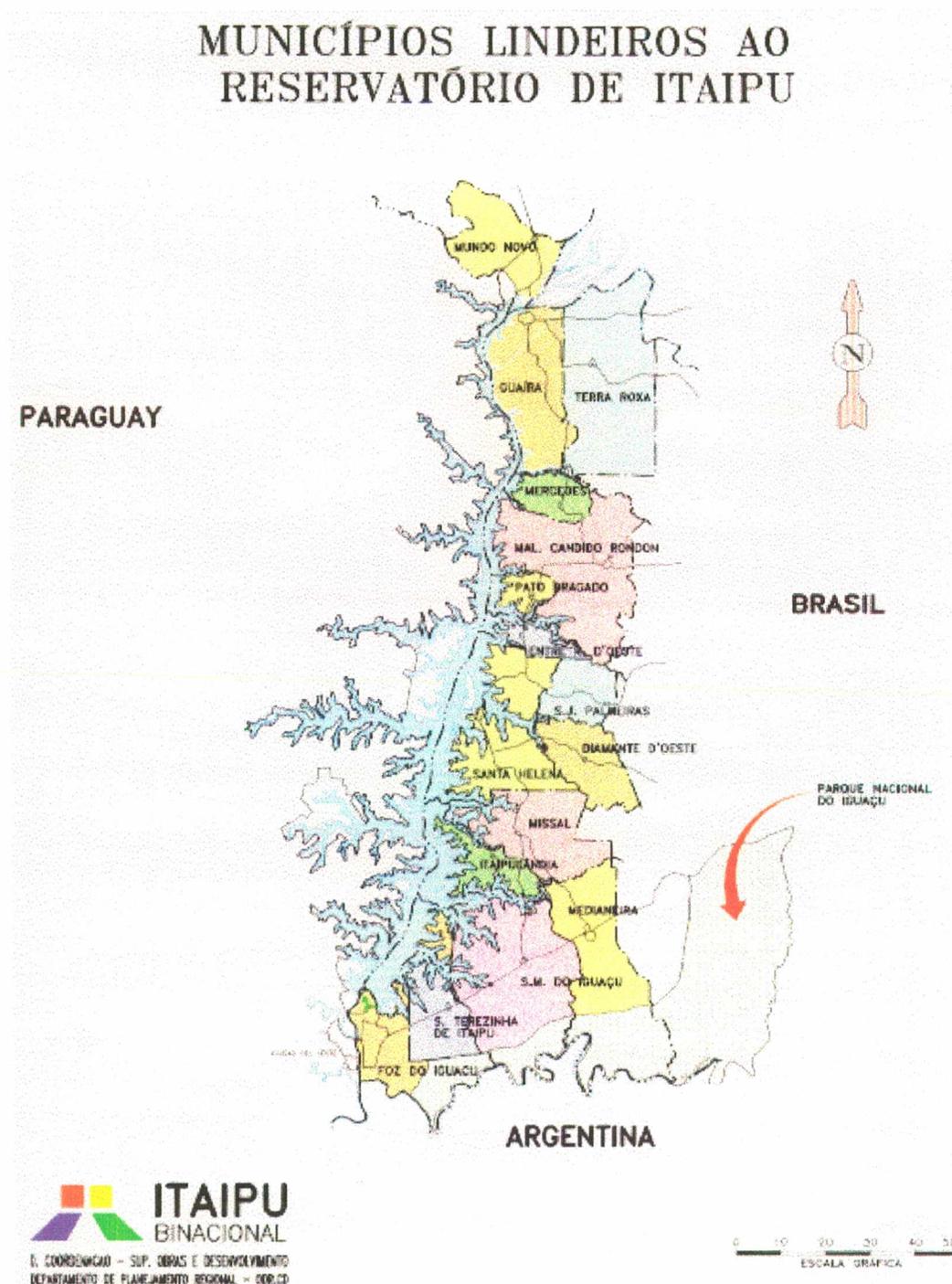
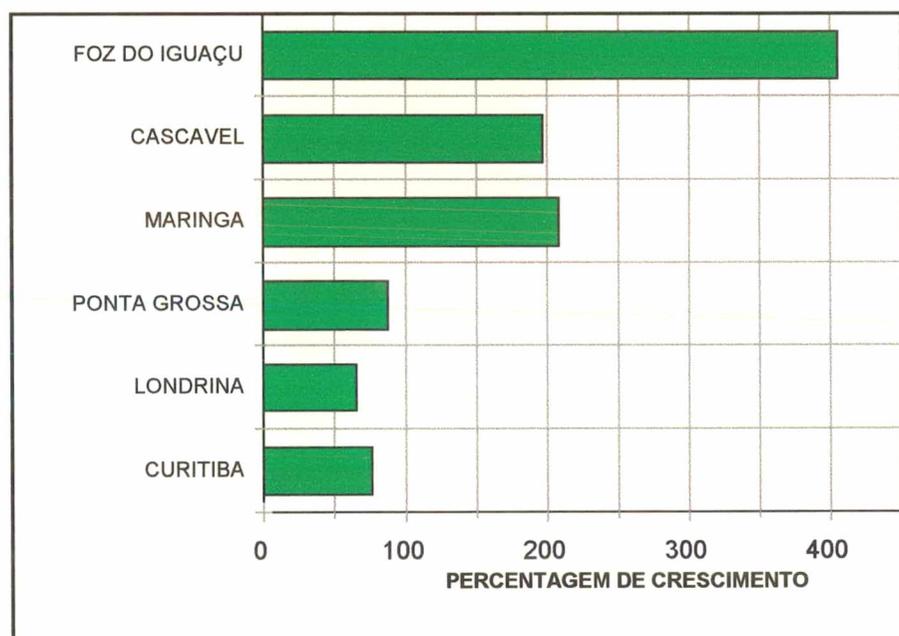


Fig. 17 - Mapa dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu - 1997

A densidade demográfica do município foi alterada de menos de 40 habitantes por Km², em 1970, para mais de 200 habitantes por Km², em 1980 e para 457 habitantes por Km² em 1991 (IBGE, 1991).

O crescimento da população foi bem maior do que o esperado (figura 18), ocasionando um rombo nos investimentos de infra-estrutura, principalmente no saneamento básico e nos transportes. Em 1980 menos de 10 mil moradias foram atendidas com o serviço de água, e menos da metade destas com esgoto.

Crescimento da população urbana das 6 maiores cidades do Paraná



Fonte: IBGE

Fig 18 - Crescimento da população urbana das 6 maiores cidades do Paraná, 1970-1980

Uma diferença marcante de infra-estrutura montada por Itaipu foi a construção do Hospital de Itaipu (atual Hospital Costa Cavalcanti) com capacidade para 201 leitos, enquanto que a soma de leitos de todos os hospitais da cidade chegava a 450. Na cidade eram quase 300 pessoas/leito, para os funcionários de Itaipu esse número se

reduzia a menos da metade (tabela 4).

Foz do Iguaçu contava em 1974 com apenas 1.060 m² de pavimentação asfáltica, e as vias de acesso ao município eram bem reduzidas. Em 1978 a pavimentação superou 1.000.000 m². Itaipu responsabilizou-se por mais de 607.000 m², sendo que em suas vilas ²⁰ pavimentou 277.000 m². O crescimento da cidade deu-se a partir das saídas para Curitiba e para a Argentina. O Batalhão de Fronteiras, com seus 50 alqueires bem no coração da cidade, representava um condicionante ao crescimento da cidade, no sentido Norte. Na década de 80, três grandes avenidas compunham o sistema estrutural da cidade, a espinha dorsal do sistema viário: a Av. Juscelino Kubitschek, a Av. Jorge Schimmelpfeng e a Av. Paraná. A avenida mais antiga de Foz do Iguaçu e que tem o caráter local é a avenida Brasil, que se consolidou pelo alto uso comercial.

TABELA 4 - Carências de infra-estrutura de Foz do Iguaçu - 1991

Problemas de Infra-estrutura	Carências
Serviços d'água	28 % da população
Esgoto	70 % da população
Energia elétrica	10 % da população
Rede de drenagem	90 % da cidade
Coleta de lixo	23 % da população
Habitação	30 % da população
Educação	150 salas de aula
Transporte urbano coletivo	20 % da população

Fonte: PDDI, IBGE, SANEPAR - 1992

A cidade de Foz do Iguaçu tende a fugir dos padrões de crescimento das outras cidades de médio porte do Estado do Paraná, que mantêm seu dinamismo graças à

²⁰ Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 1978.

agricultura. Após a perda significativa de terras produtivas para o Lago de Itaipu e para a especulação imobiliária, a cidade tem sua expansão no setor terciário. Este período foi marcado por grandes transformações, um rio que se converte em lago, desapropriações, pequenas cidades encobertas pelas águas, migração de milhares de pessoas, especulação imobiliária, mudanças nas atividades econômicas, desmembramento de Santa Terezinha de Itaipu e a redução da área total do município. Foi talvez a época mais conturbada de todas.

2.3 - Depois da construção de Itaipu (após 1991)

Hoje Foz do Iguaçu encontra-se numa situação muito diferente daquela existente na década de 70, quando Itaipu começou a ser construída. Ela sustenta hoje uma complexa economia turístico-comercial²¹ que se desenvolveu graças a suas características naturais, sobretudo as Cataratas do Iguaçu, à hidrelétrica de Itaipu e ao livre mercado de Ciudad del Este. Segundo a Foztur²², a média de fluxo diário na cidade nos períodos de baixa temporada (março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro) é superior a 4.000 pessoas/dia. Na alta temporada este número ultrapassa as 6.500 pessoas/dia. Hoje a participação das atividades ligadas ao turismo na arrecadação municipal ultrapassa os 65%. A presença de Itaipu para a economia local continua sendo bastante considerável, devido ao número de trabalhadores que a usina mantém para operá-la e principalmente pelos "royalties" pagos por esta à Prefeitura local²³. Porém, o término da construção de Itaipu deu início

²¹ Foz do Iguaçu é o terceiro parque hoteleiro dentro do contexto nacional. Possui 48 hotéis classificados pela EMBRATUR, e mais de 145 não classificados. Entre todos somam uma capacidade de mais de 26 mil leitos. Visitam o município mais de 9 milhões de pessoas por ano, das quais quase 80 % fazem parte dos chamados turistas compristas.

²² Foz do Iguaçu turismo S/A, órgão oficial de turismo.

²³ Desde 1991 Itaipu paga uma compensação financeira a 16 municípios dos Estados de Paraná e Mato Grosso do Sul, e a órgãos federais pelo aproveitamento hidráulico do rio Paraná. Foz do Iguaçu é o segundo município em arrecadação de royalties, até 1996 recebeu 39,70 milhões de reais.

a um novo ciclo econômico, com características não tão marcantes, mas vinculadas ao turismo, ao comércio e ao Mercosul.

O ciclo econômico proposto para a cidade na década de 90 foi voltar à sua função turístico-comercial, e à de promotora de eventos, principalmente de grupos do Mercosul, aproveitando-se de sua posição geográfica privilegiada, que a coloca na rota das grandes movimentações comerciais entre os dois maiores centros da América do Sul: Buenos Aires e São Paulo. A região também coloca à disposição do transporte de passageiros e de mercadorias os três aeroportos internacionais, o de Foz do Iguaçu, o de Ciudad del Este e o de Puerto Iguaçu. Os três juntos têm capacidade de atender a mais de 4 milhões de pessoas por ano. Para o turismo a cidade se preparou com uma capacidade hoteleira de mais de 25 mil leitos/dia distribuídos nos quase 200 hotéis, que a tornam o terceiro maior parque hoteleiro do País. A Embratur, em um estudo sobre a demanda turística internacional realizado em 1996, concluiu que 96% dos estrangeiros visitavam a cidade exclusivamente para fazer turismo. As atividades de comércio e alimentação geraram em 1995, aproximadamente 80% do ICMS do setor de serviços. Itaipu também se converteu em atrativo turístico para a região e já visitaram a hidrelétrica de Itaipu desde 1977, quando foi aberta à visitação, mais de 9 milhões de pessoas oriundas de 164 países diferentes, o que dá uma média de 500 mil visitantes por ano²⁴. Por fatores de segurança não é permitida a entrada de carros particulares dentro da hidrelétrica, por isso a Empresa dispõe de uma frota própria de ônibus com guias treinados para entrar na área da usina.

A obra de Itaipu não pode ser enquadrada como a única responsável pelo

²⁴ Em termos de nacionalidade, os que mais visitaram Itaipu foram os brasileiros, seguidos pelos argentinos e depois pelos paraguaios. Passaram pela usina cidadãos de países como Groenlândia, Antígua, Finlândia, Ilha de Tonga entre outros. Nos últimos 15 anos entre as personalidades que visitaram a hidrelétrica de Itaipu aparecem 19 presidentes de país, um rei, uma rainha, 6 princesas, 5 príncipes, 22 embaixadores, 11 primeiros-ministros, 15 cônsules, 5 ministros de Estados e um duque. A Empresa oferece passeios gratuitos, de segunda a sábado, a centenas de turistas. O pacote dá direito à exibição de um documentário que conta a história da usina e a uma viagem de ônibus para ver de perto o vertedouro e a sala de comando.

desenvolvimento local e regional, ela foi um elo participativo de inter-relação. O empreendimento trouxe para a cidade dinâmicas gerais de obras deste tipo, e dinâmicas particulares no referente à organização e gestão do território. Uma de suas dinâmicas particulares foi a permanência da maioria das pessoas na cidade, após a construção da hidrelétrica, pois as grandes obras geralmente deixam vazios quando concluídas.

O crescimento populacional de Foz do Iguaçu no final da década de 80 e início da década de 90 apresentou uma diminuição da taxa de crescimento geométrico populacional (0,60 entre 1985 a 1991). Apesar disso, em 1991, ano de conclusão da hidrelétrica, a cidade de Foz do Iguaçu atravessava sérios problemas com a proliferação das favelas. Grande parte dos barrageiros²⁵ dispensados de Itaipu, a última grande barragem construída no Brasil, ficaram na cidade e passaram a fazer parte dos desempregados locais, assim como os que vieram à procura de trabalho na construção civil ou simplesmente os que embarcaram no sonho de cidade progresso. Obras de grande porte como Ilha Solteira, Transamazônica e tantas outras deixaram vestígios de destruição nos locais onde foram executadas, por isso imaginou-se que em Foz do Iguaçu isso também aconteceria após a conclusão das obras de Itaipu. Mas a realidade foi outra, as pessoas não foram embora e a cidade continuou a crescer, apesar de ter atravessado um período difícil quando um grande número da mão-de-obra pouco qualificada, dispensada por Itaipu, passou a disputar um mercado de trabalho restrito.

A infra-estrutura e os equipamentos urbanos em Foz do Iguaçu, são ainda precários e restritos, conforme mostrado na tabela 4 (p.37). A cidade não possui estação para tratamento de esgotos e o aterro sanitário localiza-se dentro da

²⁵ Barrageiro: denominação dada aos trabalhadores braçais que estão ligados à construção de barragens.

microbacia do rio Tamanduá que abastece a cidade de água. O total de área pavimentada aumentou 55%, de 1991 a 1995, mas ainda existe precariedade nesta área. Dos quase 650 Km de vias existentes no quadro urbano 2/3 estão pavimentadas, sendo que 200 Km por asfalto e os restantes 240 Km por paralelepípedos e poliedros irregulares. A estrutura viária é radiocêntrica, limitada pelos condicionantes naturais a Oeste e ao Sul. O centro comercial é bem definido, estendendo-se espacialmente pelas avenidas Brasil, Almirante Barroso e J.K., onde se concentram as atividades comerciais, hoteleiras e bancárias. Fora do quadrilátero urbano encontram-se áreas conturbadas, carentes de serviços públicos, excessivamente horizontais e sem uma predefinição da caracterização do uso do espaço (áreas industriais, residenciais, etc.)²⁶.

Foz do Iguaçu é hoje uma das cidades com menos praças e áreas verdes do Estado do Paraná, e isso se deve à incapacidade de desenvolver ações de planejamento para fazer face ao vertiginoso e incontrolado crescimento populacional e às ocupações irregulares das áreas verdes. Contrastando com esta realidade, nas vilas de Itaipu existem muito mais praças do que em toda a cidade.

A invasão de terras tornou-se comum dentro do município devido às carências de moradias. Os miseráveis não se localizaram somente na periferia, o centro também possui indigentes morando em cortiços tratam-se geralmente de antigos casarões onde moram até 10 famílias muitas vezes compartilhando um único banheiro. Mas a Prefeitura com o apoio dos governos Estadual e Federal vem procurando melhorar a atenção aos moradores ampliando os serviços e tentando, através do CETREMI²⁷, diminuir a chegada de migrantes sem emprego e sem perspectivas.

²⁶ Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 1992, vol II.

²⁷ Centro de Triagem e Atendimento ao Migrante, criado pela Prefeitura em 1993. Em um ano atendeu a 5000 pessoas que chegaram à cidade sem destino certo, orientando-as a voltarem para os locais de origem, pagando a passagem daqueles que aceitam retornar.

Todo este quadro urbano distorcido chocou-se com o planejamento e a ordem das vilas, fazendo com que durante todos estes anos houvesse um distanciamento entre a população residente nas vilas e a população de Foz do Iguaçu. As pessoas ligadas a Itaipu não tiveram uma interação com as pessoas da cidade e vice-versa. É muito difícil, que aconteça uma interação entre as diferentes categorias sociais, quando certo número de trabalhadores são instalados em locais pertencentes a seus empregadores. Como afirma LEFEBVRE (1972,124) “as relações sociais se deterioram sempre em virtude de uma distância que, no tempo e no espaço, separa as instituições e os grupos”. Foz do Iguaçu é uma cidade onde a distância social se expressa no espaço. Tanto a individualidade vivenciada no trabalho como as diferenciações estéticas e funcionais dos conjuntos residenciais de Itaipu, funcionaram como fronteiras físicas capazes de filtrar a interação social. Nas vilas formou-se um espaço capaz de reunir indivíduos mas incapaz de permitir a união e a comunicação com os indivíduos pertencentes a outros grupos sociais.

A construção das vilas de Itaipu, teve como um dos objetivos, concentrar num espaço delimitado toda, ou quase toda, a mão-de-obra empregada, medida esta que favoreceu a separação dos grupos sociais. LEFEBVRE (1991(2),91) afirma que a dispersão aumenta a segregação dos grupos sociais, também como as separações materiais e espirituais. As vilas congregaram indivíduos dentro de um espaço físico, sem integra-los socialmente, acarretando conflitos dentro e fora delas. O alto padrão de ordenamento espacial e de uniformidade que existia nas vilas, contribuiu para aumentar o índice de segregação residencial com relação à cidade. Foi uma segregação não voluntária de um grupo social vindo de fora e transportado para um espaço altamente diferenciado e programado. A segregação social começou a ser notada pela diferença do “*status*” sócio-econômico destas vilas com relação às adjacências. Um dos traços mais marcantes do crescimento rápido e explosivo das

idades é a diferenciação e a segregação residencial pelas classes sociais. Quanto mais homogêneos se tornam os bairros mais se intensificam as diferenças e os preconceitos, não havendo muitas chances de interação. Setores homogêneos já se encontram isolados por força dessa situação (LEDRUT, 1971, 158).

Como as vilas não ofereciam todas as comodidades, estabeleceu-se com a cidade um contato para usufruir das necessidades, geralmente através do consumo. O contato com outros espaços resultou da necessidade do reconhecimento das alternativas existentes na cidade e do uso dos espaços disponíveis. Em situações assim, torna-se muito difícil alcançar o papel decisivo da estruturação do espaço sem que se consiga o intercâmbio, a aproximação e os relacionamentos entre os diferentes grupos. Foz de Iguaçu passou a ter acesso aos grandes centros nacionais, às informações do mundo moderno, mas isso não facilitou sua comunicação interna. Atualmente a mídia é capaz de conseguir o isolamento de grupos familiares e sociais, levando a uma uniformização e a uma universalidade dos valores. A economia moderna vive um paradoxo entre a integração global e a desintegração local.

A real constatação de independência da cidade ao fenômeno Itaipu, ou seja ao “progresso” súbito trazido pela empresa, aconteceu após 1983, ano em que se constatou a desaceleração de Itaipu, onde, após demissões, permaneceram trabalhando na usina aproximadamente 10 mil funcionários (brasileiros e paraguaios), mas a cidade continuou sua evolução turístico-comercial.

A cidade continuou seu “ritmo de progresso e de desenvolvimento”, não havendo o declínio imaginado. O fato do setor imobiliário encontrar-se inflacionado pelo próprio processo de assentamento inicial, dificultou uma moradia digna para muitos que não

podiam pagar alugueis tão elevados, e o caminho alternativo foram as favelas²⁸. As pessoas além de serem demitidas por Itaipu encontravam-se em condição de despejados, tendo que procurar emprego e moradia ao mesmo tempo. Houve também uma sobrecarga nos serviços públicos e nos equipamentos municipais, porque as pessoas que antigamente tinham educação, saúde, moradia e transporte custeados por Itaipu, acorreram aos serviços municipais, provocando uma disputa com a população que antes utilizava estes equipamentos. O número de desempregados na cidade aumentou consideravelmente, e segundo dados do IBGE em 1995 existiam na cidade mais de 35 mil pessoas nessa condição, acentuando a tendência à formação de novas favelas.

A carência de oferta de empregos na cidade assim como o baixo nível do grau de instrução, fizeram com que muitos passassem a integrar o setor informal como o comércio ilegal de mercadorias do Paraguai, que tornou-se uma maneira de sobrevivência para estas pessoas. Segundo dados da ACIFI (Associação Comercial e Industrial de Foz do Iguaçu) trabalham neste comércio informal mais de 35 mil pessoas²⁹.

As condições que a Empresa concedeu a seus funcionários, - altos salários, moradia, atendimento médico integral, escola para os filhos, transporte, etc. - criaram uma expectativa de que esses privilégios e essa prosperidade continuariam por muito tempo. Os funcionários habituaram-se a ter o paternalismo da empresa no seu dia a dia. Foram poucos os que conseguiram poupar algum dinheiro, e deixar a cidade após

²⁸ Levantamento de 1994 do 34º Batalhão de Infantaria Motorizada, divulgou o "mapa da Miséria no Paraná", informando que a cidade de Foz do Iguaçu encontra-se como uma das cidades do interior do Estado, campeãs em número de favelas. Foz contaria segundo este levantamento com 57 favelas. Com um número de aproximadamente 18 mil pessoas residindo nestas condições. Elas se concentram ao Sul do município, se bem que é possível encontrá-las em quase todos os pontos da cidade.

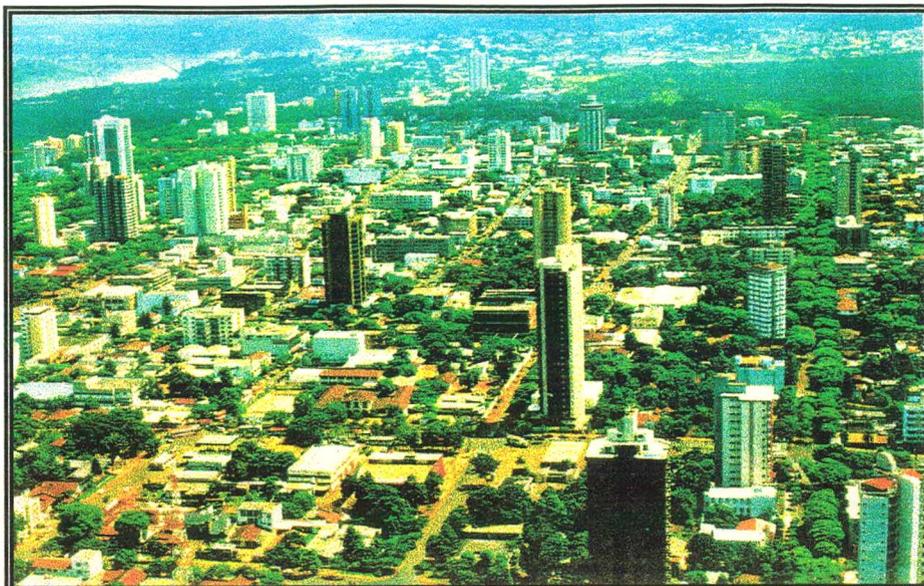
²⁹ O turismo de compras de Ciudad del Este movimentou, em 1995, 10 bilhões de dólares. A revista americana Forbes em 1994, afirmou que Ciudad del Este é a terceira cidade mercantil do mundo, superada por Hong Kong e Miami.

alguns anos de trabalho. A maioria das pessoas acabou permanecendo na cidade em função das condições que a empresa lhes oferecia, um salário direto bom e um salário indireto muito atraente. Muitos ainda pensam em partir da cidade, mas somente após a aposentadoria.

A Itaipu possui atualmente sedes em Assunção, Curitiba, escritórios em Ciudad del Este, Foz do Iguaçu e uma representação em Brasília. O número de empregados brasileiros da empresa em dezembro de 1997 era de aproximadamente 1750, a previsão para julho de 1998 é de 1500 empregados em cada margem³⁰. O Brasil provavelmente conseguirá cumprir esta meta, posto que as estimativas de aposentadorias que ocorrerão até essa data é de 250 funcionários. O Paraguai, por não ter cumprido as primeiras metas do acordo com a demissão incentivada, conta com um número maior de empregados, e terá no futuro que dispensar aproximadamente 500 pessoas. Dos 1750 empregados de Itaipu, 650 são da área técnica e os restantes 1100 dividem-se nas áreas administrativa, financeira, serviços gerais e meio ambiente.

Passados mais de 20 anos do início da construção de Itaipu, a cidade de Foz do Iguaçu (figuras 19 e 20) vive independente da Usina, cuja presença contribuiu com a economia local, inclusive como um atrativo turístico importante. Surge uma nova dinâmica econômica, onde Itaipu passa a ser um ciclo econômico que se fecha, dando lugar ao turismo e ao comércio exportador-importador, quebrando o paradigma da supremacia de Itaipu sobre a cidade, tornando os relacionamentos da cidade com as vilas e vice-versa mais amenos.

³⁰ As margens são denominações dadas pela empresa para diferenciar cada país. Assim a margem esquerda corresponde ao Brasil e a margem direita ao Paraguai, de acordo com a localização de cada país de montante à jusante do rio Paraná.



Fonte: Anuário Estatístico 1996.

Fig. 19 - Vista de Foz do Iguaçu 1996



Fonte: MCT/INPE - Landsat 5 Out, 1996

ESCALA GRÁFICA APROXIMADA

0 1 2 3 4 5 Km

Fig. 20 - Foto de satélite da cidade de Foz do Iguaçu - 1996

3 - A ITAIPU

3.1 - O Projeto da hidrelétrica

A instalação da primeira hidrelétrica pertencente ao serviço público do Brasil aconteceu no dia 5 de setembro de 1889, quando Bernardo Mascarenhas inaugurou na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, a Usina Hidrelétrica de Marmelos-Zero. Ela foi construída na Cachoeira de Marmelos, no rio Paraibuna, aproveitando uma queda de 45 metros. Sua capacidade geradora era de 250 kW, até que em 1892 foi ampliada, passando a produzir 375 kW³¹.

Em 1900 existiam no Brasil 5,5 MW instalados em hidrelétricas. Este número foi crescendo rapidamente devido à instalação de hidrelétricas por grupos estrangeiros. Foi Getúlio Vargas através da assinatura do Código de Águas quem introduziu princípios nacionalistas no aproveitamento de recursos hídricos (MÜLLER, 1996, 10). Isso acarretou uma crise no setor, devido a que todos os componentes elétricos e mecânicos eram importados. O período da Segunda Guerra Mundial, agravou ainda mais a crise energética pela que o Brasil passava. Do pós-guerra até a atualidade o setor não parou de evoluir. A Eletrobrás (Centrais Elétricas Brasileiras S.A.) foi criada em 1961 para atender e executar a política de energia elétrica no País. Em 1968 é criada a Eletrosul (Centrais Elétricas do Sul do Brasil) para atuar nas regiões Sul e Sudeste. Antes da década de 60 as barragens que predominavam no Brasil, eram em sua maioria obras contra a seca. A partir de 1960 começaram a ser construídas barragens de grande porte para a implantação de usinas hidrelétricas.

Pode-se dividir as usinas hidrelétricas, construídas pelo Setor Elétrico Brasileiro, em duas fases bem marcantes apresentando diferenças significativas. A primeira, nos anos 70, quando começaram a ser construídas grandes hidrelétricas como:

³¹ Jornal Canal de Aproximação Nº 26, 1989.

Sobradinho, Tucuruí, Itaparica e Itaipu. Nesse momento o Brasil atravessava a fase mais sombria da ditadura militar, época que foi marcada por gigantescos projetos. Projetos estes que tiveram como consequência direta grandes impactos sócio-ambientais e o controle de parte do sistema produtivo. Foram estas obras faraônicas financiadas por grandes somas de capitais estrangeiros, que deram sustentação ao regime autoritário brasileiro para a corrida desenvolvimentista em que empenharam o País. O mandato de Medici seguiu uma linha política nacionalista com uma aproximação dos EUA e um distanciamento da América Latina, como estratégia para superar o subdesenvolvimento, optando-se pelas transformações da economia e das relações com o exterior, afastando-se dos pobres e relacionando-se com os ricos (SANCHES-GIJÓN,1990,174). Foi um governo que facilitou a implantação das multinacionais que passaram a constituir as pilastras da industrialização. Nessa época iniciou um acentuado desenvolvimento industrial, sob a proteção do capital financeiro. A industrialização era amparada pelas empresas estatais como Petrobrás, Eletrobrás, Embratel que davam sustentação ao II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento). Este programa de desenvolvimento visava atingir seus objetivos a médio e longo prazo, estimando um prazo mínimo de 10 anos para desenvolver as fontes de energia que o País necessitaria, sendo os resultados colhidos na década de 80 (CASTRO,1985,38-40). Para amenizar a dependência externa, o Brasil tentou superar a crise do petróleo de maneira definitiva.

O controle da crise foi traçado sobre estratégias de aproveitamento da energia hidráulica, passando a construir-se várias usinas hidrelétricas. Foram elas que deram sustentação à industrialização, principalmente à metalurgia e à petroquímica que requeriam consideráveis quantidades de energia (CASTRO,1985,33). Prova disso foi que em 1976, Itaipu aparece como a prioridade número um dos empresários brasileiros (CASTRO,1985,43). Itaipu conseguiu tornar-se notícia por si mesma utilizando-se da

ideologia da construção nacional, implementada no II PND. Uma maneira de integração das políticas nacionalistas para destacar-se e diferenciar-se dos outros países.

A segunda fase, pode ser considerada a partir do início da década de 80, final do Governo Geisel, quando começou a existir no Brasil alguma abertura política, e as carências sociais passaram a pesar nas considerações de segurança da Escola Superior de Guerra (SANCHES-GIJÓN,1990,145). Este fato refletiu também na construção de hidrelétricas, que passaram a ser menores, a cuidar dos aspectos do meio ambiente e das comunidades afetadas pelos reservatórios. As mudanças que se sucederam, como as discussões dos aspectos sócio-ambientais e das medidas mitigadoras na construção de barragens, no Setor Elétrico Brasileiro estão intimamente relacionadas com a abertura política brasileira. Com a liberdade de expressão houve por parte da população muitas manifestações exigindo benefícios para os atingidos pelas barragens, grandes usinas se encontravam em fase de desapropriação e tiveram que enfrentar sérias dificuldades junto à opinião pública (MÜLLER,1996,56). Como estes projetos foram tradicionalmente impostos, geraram nas comunidades afetadas mecanismos de autodefesa, aumentando o distanciamento entre os diferentes grupos envolvidos. Itaipu foi uma dessas hidrelétricas. Seus desapropriados formaram um movimento organizado e forte fazendo uma enorme pressão reivindicatória. Eles conseguiram ser ouvidos nacionalmente e serviram de guia para outros movimentos, foi daí que surgiu o Movimento dos Agricultores Sem-Terra do Oeste do Paraná, o MAESTRO.

Na metade da década de 80, apesar das crises econômicas do País, as empresas de energia elétrica retomaram os projetos de novos empreendimentos no setor através do Plano Nacional de Energia Elétrica 1987/2010, ficando conhecido como Plano 2010. Em 1991 foi substituído pelo Plano 2015 por problemas econômicos. Nele foram previstas aproximadamente 210 usinas hidrelétricas na região brasileira da Bacia do

Prata, sendo 3 binacionais. Se as previsões deste Plano forem mantidas, 10 % da população total do Brasil será afetada por hidrelétricas. A construção da hidrelétrica de Sobradinho desapropriou 57 mil pessoas, a hidrelétrica de Itaparica 47 mil e Itaipu 40 mil (Plano diretor do meio ambiente do Setor Elétrico 1991/1993). Com as desapropriações as famílias que vivem e trabalham nessas terras ficaram sem emprego, sem habitação, sem o entorno social, sem referenciais.

Segundo a Eletrobrás, em 1990, o Brasil tinha capacidade de geração de energia hidroelétrica igual a 255 mil MW, contudo a potência instalada no mesmo ano chegava a apenas 58.650 MW³², sendo necessário aproveitar todo este potencial econômico mesmo que se ocasionassem transtornos a uma parte da sociedade. Os impactos causados pelas hidrelétricas geram conflitos entre os interesses nacionais, regionais e locais. Hoje quase 95 % da eletricidade do Brasil é produzida em usinas hidrelétricas. Toda a industrialização nacional está atrelada à eletricidade, melhor dizendo à energia hidroelétrica. Para o Setor Elétrico Brasileiro e para as políticas governamentais, até pouco tempo atrás, as hidrelétricas representavam o progresso técnico e o poder mágico de fazer com que comunidades inteiras tivessem o privilégio de participar para o desenvolvimento nacional. Foi uma imposição de novas formas de conceber o futuro, as manifestações contrárias às hidrelétricas sendo vistas pelo Setor Elétrico como fruto do atraso, do tradicionalismo e da negação ao progresso (MÜLLER, 1996, 283). A imagem passada à opinião pública, principalmente pela mídia, foi de que as hidrelétricas eram essenciais ao desenvolvimento nacional, havendo uma intimidação do povo ao progresso. Fato este, que concedeu ao Setor Elétrico regalias, sobrecarga de importância e uma auto-estima exacerbada. É verdade que as hidrelétricas são uma das formas mais baratas e menos poluentes de se conseguir energia. A energia elétrica, é verdade também, que é limpa, sem resíduos ou contaminantes, mas para

³² IBGE, 1991.

produzi-la são necessários os reservatórios que alagam grandes extensões de terra e provocam problemas sócio-ambientais muito sérios. Pode-se dizer que as hidrelétricas são ecologicamente corretas, mas socialmente transtornantes. As técnicas para a construção de hidrelétricas no Brasil tiveram enorme sucesso de engenharia³³, mas não na solução dos problemas sócio-ambientais vinculados às obras (MÜLLER, 1996,5).

O momento político em que se construiu Itaipu, sob o regime militar, aliado à inexistência de uma política ambiental e à falta de legislação nacional e internacional para a proteção dos ecossistemas, explicam a construção da hidrelétrica naqueles moldes. As decisões sobre a construção e a operação da hidrelétrica de Itaipu mantiveram-se longe de qualquer tipo de discussão pública. Itaipu surge para suprir a demanda energética do País aumentada pela crises do petróleo de 1973, facilitada pela disponibilidade de créditos internacionais que o Brasil dispunha (SÁNCHEZ-GIJÓN, 1990,153). Para este autor "Itaipu, además, representaba una gran campanada nacionalista de cara a las masas y un golpe audaz para decidir la carrera por la hegemonía continental, alentada por las elites militares y burguesas" (1990,153). Para os empresários brasileiros Itaipu surgia como fonte barata de energia, mas para o governo militar, que estava no comando, a obra era vista como símbolo de orgulho, de poder e de domínio sobre os demais países da Bacia do Prata. De um mesmo projeto, chamado Itaipu, duas poderosas correntes nacionalistas, com visões diferentes, conseguiam manter suas ambições e tirar proveito, empresários e militares.

As pessoas que detinham o poder viam na geração de eletricidade as soluções para o desenvolvimento do País, reduzindo o crescimento a uma modernização indireta. O processo de operação consistia em transformar tudo aquilo que não se

³³ Itaipu tem procura mundial pelo seu "know-how", ela já comercializou sua tecnologia para países como: Chile, Peru, México, Argentina, Angola, China, Equador e outros.

encaixava dentro desta ótica progressista em "questão secundária". O Setor Elétrico Brasileiro, apresentou-se, desde o início, respaldado pelo seu caráter institucional e valendo-se da sua superioridade política e econômica para impor transtornos às regiões afetadas por hidrelétricas. O crescimento econômico acontecia sob a pressão social sufocando a economia nacional pela extração das riquezas produtivas. Os militares utilizavam-se da "massa humana metida no atraso mas sedenta de modernidade e de progresso" (RIBEIRO,1995,204), para poder colocar em prática o seu lema de progresso a qualquer custo.

Os relacionamentos que geralmente se originam dentro do espaço, pelo processo produtivo, transformam-se em isolamento. Os indivíduos são isolados pela competitividade, pelo ritmo acelerado que impõem a suas vidas e pela mídia que faz com que se sintam integrados a um espaço maior, sem ter que para isso prestar atenção aos indivíduos que estão a sua volta. A nova dimensão da tecnologia das comunicações permite que se manipule a opinião pública, que se globalizem os problemas e que os homens se tornem indivíduos solitários. O controle dos sistemas de comunicação de massas permitiu a este regime iludir as pessoas, impondo-lhes padrões de consumo e de necessidades cada vez mais inatingíveis. A mídia a serviço do capital utiliza-se de técnicas científicas com o intuito de dar um significado e de reforçar a legitimidade das transformações por que passam os núcleos urbanos. É uma forma de sedução e controle, da opinião pública, através da disseminação de informações, principalmente das classes que emergem fragmentadas, como os grupos marginais.

No Brasil assim como na América Latina se vivenciava o domínio pela opressão e manutenção das desigualdades. A economia brasileira na década de 70 estava respaldada por políticas financeiras, comerciais e tecnológicas, que faziam parte de um projeto de desenvolvimento econômico que atendia aos interesses de militares,

tecnocratas e empresários industriais e financeiros (SÁNCHEZ-GIJÓN, 1990, 197). Por isso nos primeiros anos desta década o processo industrializador do País estava amadurecendo rapidamente, fortalecido pelo capital financeiro.

O fato das autoridades militares estarem no poder em todos os países da Bacia do Prata, explica os conflitos geopolíticos decorrentes da construção de Itaipu. Para os militares as relações internacionais estão estritamente subordinadas às concepções geopolíticas do poder (CAUBET, 1991, 126). Itaipu pode ser enquadrada estrategicamente como uma obra política de hegemonia sobre o Paraguai, alvo do imperialismo da Argentina e do Brasil. As queixas e acusações que a Argentina fez ao Brasil, em consequência da construção de Itaipu, são resultado de uma deliberada briga política de expansão, penetração e hegemonia sobre o Paraguai. O projeto da hidrelétrica de Itaipu levou a uma confrontação político-diplomática com a Argentina, ocasionada pela rivalidade geopolítica de ambos países. Itaipu foi idealizada dentro de um contexto geopolítico que permitiu ao Brasil o caráter hegemônico pretendido por geopolíticos chauvinistas da década de 70, propiciando ao País os meios para atender a sua vocação de potência mundial e de destaque dentro das economias latino-americanas (SÁNCHEZ-GIJÓN, 1990, 109). Segundo SCHILLING (1991, 32) o General Golbery defendeu Itaipu como um caminho para que os EUA tivessem a hegemonia sobre a América do Sul, onde o Brasil seria o intermediário deste processo.

Aproveitando-se da briga existente com o Brasil, a Argentina iniciou a exigência da cota para Corpus³⁴ de 120 m, e onde Itaipu para isso deveria ter uma cota superior a 220 m. Após cinco anos de brigas e negociações foi firmado pelos Ministros das Relações Exteriores da Argentina, Brasil e Paraguai o acordo de Corpus-Itaipu, também chamado de acordo Tripartite, na cidade de Puerto Presidente Stroessner,

³⁴ Usina hidrelétrica a ser construída em parceria pelos governos da Argentina e do Paraguai, no rio Paraná, à jusante de Itaipu.

estabelecendo uma cota de 105 m para Corpus (SÁNCHEZ-GIJÓN, 1990, 144). No período Geisel as controvérsias geopolíticas com a Argentina chegaram ao seu zênite. Com a mudança do governo, durante o mandato do Presidente Figueiredo, conseguiram-se as primeiras resoluções, consolidadas no acordo Corpus-Itaipu, firmado em outubro de 1979, fixando o nível d'água máximo de operação do reservatório da barragem de Corpus, e dispendo também sobre as condições de navegabilidade à jusante de Itaipu.

Segundo o general Costa Cavalcanti, Itaipu foi uma afirmação política para o Brasil. Foi uma obra fruto do modelo capitalismo vigente em quase toda a América Latina, sem preocupação com as pessoas afetadas e com as relações de integração entre Brasil e Paraguai. Na época da construção de Itaipu as relações internacionais não eram de cooperação, mais sim de domínio, e foi isso que tornou esta obra um símbolo de dominação e poder para os militares brasileiros, passando a representar para os militares da ditadura argentina uma "bomba hídrica", uma ameaça constante para suas cidades de jusante. Esta obra foi erguida como parte de uma estratégia geopolítica, voltada para o direcionamento militarista da classe governante brasileira. Sem dúvida foram as manobras das forças políticas e militares que impulsionaram a construção de Itaipu como exemplo de progresso.

Comparando-se a relação de área alagada sobre potência instalada (tabela 5), Itaipu foi uma das usinas hidrelétricas do Brasil que menos território alagou (tabela 6 e figura 21), mesmo assim ocasionou transtornos a mais de 10 mil famílias que tiveram que abandonar seus lares, suas raízes, sua história. As usinas de Balbina e Sobradinho representaram obras com um custo social elevado, devido às áreas alagadas pelos reservatórios.

TABELA 5 - Maiores hidrelétricas do Brasil em potência instalada

Usina	Local	Área alagada Km ²	Potência instalada Mw	Relação Área alagada / Potência instalada
Itaipu	Rio Paraná	1.350	12.600	0,10
Tucuruí I	Rio Tocantins	2.414	3.960	0,60
Ilha Solteira	Rio Paraná	1.193	3.240	0,36
Itumbiara	Rio Paranaíba	799	2.280	0,35
Porto Primavera	Rio Paraná	2.250	1.819	1,24
São Simão	Rio Paranaíba	685	1680	0,40
Foz do Aréia	Rio Iguaçu	142	1676	0,08

Fonte: IBGE

TABELA 6 - Usinas hidrelétricas com maior área alagada

Usina	Local	Área alagada Km ²	Pot. Instalada Mw	Relação Área alagada / Potência instalada
Sobradinho	Rio São Francisco	4.200	1.050	4,00
Três Marias	Rio São Francisco	4.059	517	2,05
Tucuruí I	Rio Tocantins	2.414	3.960	0,60
Porto Primavera	Rio Paraná	2.250	1.819	1,24
Balbina	Rio Uatumã	2.360	250	9,44
Furnas	Rio Grande	1.442	1.312	1,09
Itaipu	Rio Paraná	1.350	12.600	0,10

Fonte: IBGE

Hoje existe uma consciência mais ecológica e mais social dentro do Setor Elétrico Brasileiro, consequência da democracia e das pressões nacionais e internacionais de grupos ambientalistas, assim como do próprio Banco Mundial. Existiam em 1990, 120 usinas hidrelétricas cadastradas pelo Comitê Brasileiro de Grandes Barragens (CBGB), onde os reservatórios das 60 maiores hidrelétricas, com uma potência instalada superior a 52.300 MW, alagaram uma área de 24 mil km², o que correspondia a uma

relação de 0,46 Km²/Mw instalado, e a 0,28% do território nacional (MÜLLER, 1996, 39).

Área comparável ao Estado de Sergipe ou a duas vezes a área do Líbano.

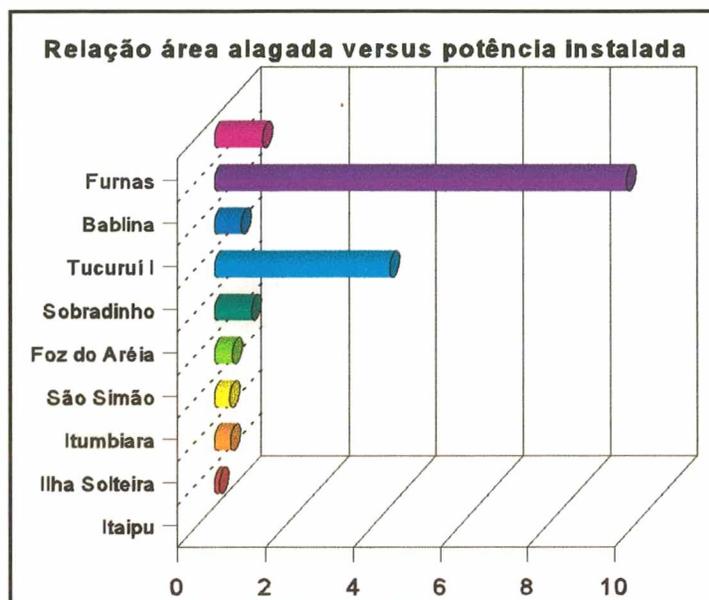


Fig. 21 - Relação Área Alagada versus Potência Instalada

3.2 - O tratado de Itaipu

Para compreender a força que possui esta hidrelétrica dentro da política nacional, torna-se imprescindível contar um pouco a ação histórica na que Itaipu foi concebida. As discussões que geraram o acordo de Itaipu, começaram quando o Paraguai em 1966 reivindicava para si a soberania sobre o Salto de Sete Quedas, em Guaíra, e sobre a Ilha de Itaipu, que se situava onde hoje existe a barragem. A tensão agravou-se quando um grupo de 100 paraguaios penetrou em território brasileiro e fincou a bandeira paraguaia. O Brasil reagiu da mesma maneira enviando tropas militares ao Paraguai. A "solução" físico-territorial aconteceu em 22 de junho de 1966, quando os ministros das Relações Exteriores Juracy Magalhães e Sapena Pastor do Brasil e Paraguai respectivamente, se encontraram em Foz do Iguaçu e assinaram uma declaração. Esta passou a ser chamada "Ata do Iguaçu" ou "Ata das Cataratas". Dando início então, a um acordo bilateral que avaliaria as possibilidades do aproveitamento

dos recursos hídricos do rio Paraná, no trecho de Guaira a Foz do Iguaçu. Em 1967 foi instituída uma comissão técnica mista encarregada de avaliar os recursos hídricos do trecho em questão.

Este acordo do aproveitamento do rio Paraná, entre Brasil e Paraguai, provocou sérios conflitos com a Argentina, país localizado dentro da Bacia do Prata que se utilizava economicamente do rio Paraná para a navegação. O Governo Argentino acusou o Brasil de expansionismo ao tentar fazer dos demais países da Bacia do Prata, Bolívia, Uruguai e Paraguai seus satélites. Para os argentinos o rio Paraná constituía um patrimônio público de incalculável valor estratégico para o desenvolvimento econômico, político e social de toda a região³⁵. O desentendimento entre Brasil e Argentina foi levado até a ONU, e os dois países enfrentaram-se diplomaticamente duas vezes, em Nova York em 1971 e em Estocolmo em 1972. Argentina reclamava do princípio de "consulta previa" (SANCHES-GIJÓN, 1990, 140). Isso significava que Itaipu não poderia sair do papel sem que antes tivessem sido consultados os outros três países da Bacia do Prata.

Itaipu foi a Entidade Binacional criada pelo artigo III do Tratado de Itaipu, assinado pelo Brasil e Paraguai, em 26 de abril de 1973 em Brasília, fazendo parte dele 3 Anexos: o Anexo A - Estatuto da Itaipu, Anexo B - Discussão das instalações destinadas à produção de energia elétrica e o Anexo C - Parte financeira e de prestação de serviços de eletricidade de Itaipu. O empreendimento foi construído sob medidas jurídico-administrativas especiais, por constituir-se numa binacional, a Eletrobrás e a Ande passaram a ter o controle, em partes iguais, do capital da Entidade. A empresa não prestava contas a nenhum ministério, possuindo capacidade jurídica, financeira e administrativa. De acordo com normas estabelecidas, ela impos

³⁵ O rio paraná que etimologicamente significa "Pai das águas", é um pai no sentido figurado de 80 milhões de pessoas que moram em torno de sua Bacia, que com seus 3,5 Km² é a sexta maior do mundo.

restrições ao uso das águas do reservatório, sendo impedidas quaisquer tipo de atividades que pudessem ser prejudiciais para a geração de energia elétrica. Por ser uma Binacional pertencente a dois países de línguas diferentes, a empresa faz sempre seus comunicados e notas oficiais em espanhol e português. O objetivo da Entidade Binacional foi o aproveitamento hidrelétrico dos recursos hídricos do Rio Paraná, pertencentes aos dois países, desde e inclusive o Salto Grande de Sete Quedas ou Salto de Guaíra até a foz do Rio Iguaçu³⁶. Um aproveitamento hidrelétrico que, segundo os políticos do Brasil e Paraguai, além de fornecer energia propiciaria a integração física e social de toda uma região.

Os aspectos financeiros do Tratado são ainda discutidos, principalmente a cláusula que proíbe a venda de energia elétrica a terceiros, virando monopólio de compra favorável ao Brasil. O Paraguai foi obrigado pelo Tratado de Itaipu a vender com exclusividade para o Brasil durante 50 anos a energia excedente. Isso significa um pouco mais do que a energia produzida por 8 das 9 turbinas que lhe pertencem, a um preço baixo dentro do mercado energético mundial, 300 dólares por Gwh (SCHILLING, 1991, 30). A Argentina estabeleceu um valor de 2998 dólares por Gwh, no Tratado de Yacireta, quase 10 vezes mais do que o Brasil pagará pela energia de Itaipu nos próximos 30 anos. Desde a queda do general Stroessner até hoje o governo paraguaio tenta reverter esta situação peculiar, que os obriga a vender a energia ao Brasil até 2023. O Tratado original foi revisto e o preço da energia reajustado conforme nota reversal nº 3 de 26 de janeiro de 1986³⁷. Se o Brasil pagasse o preço justo por toda a energia cedida pelo Paraguai, deveria arcar com 800 milhões de dólares, cifra esta que tal vez fique como empréstimo (CANESE, 1990, 45).

Já no Tratado pode-se notar que a Entidade Itaipu Binacional não foi o protótipo

³⁶ Atos oficiais da Itaipu Binacional, 1996.

³⁷ Jornal Canal de Aproximação, Nº 25, 1989.

do entendimento, da boa vizinhança, da cooperação e da unificação que a mídia queria ressaltar entre os dois países. SCHILLING (1991,32) se pergunta como Itaipu poderia ser chamada de a obra do entendimento, da igualdade se violou a soberania de um País. Para manter o equilíbrio e a interdependência econômica entre os dois países, foi necessário que algumas das cláusulas do Tratado de Itaipu fossem revistas e modificadas, já que este foi assinado por Alfredo Stroessner um dos maiores ditadores da América Latina. O custo inicial da obra foi calculado, no ano de 1973, em 2,5 milhões de dólares, tendo no final ultrapassado a cifra dos 20 milhões de dólares. A falta de controle oficial permitiu sobrefaturamentos e fraudes capazes de aumentar o custo da obra em quase 10 vezes (SCHILLING,CANESE,1991,8-9).

O Conselho de Administração da Itaipu Binacional foi um órgão de administração superior, que se encarregava das ações político-administrativas da Entidade. No Acordo firmado com o Paraguai fica estabelecido que o Diretor Geral da Itaipu Binacional será sempre um brasileiro. A Diretoria Executiva era composta no início por 12 membros, seis brasileiros e seis paraguaios. No Brasil um dos conselheiros era indicado pelo Ministro das Relações Exteriores e dois pela Eletrobrás. Em 1991 uma modificação no Estatuto reduziu o número de integrantes da Diretoria Executiva para oito, eles exercem seus mandatos por cinco anos.

A tabela 7 apresenta uma resenha dos acontecimentos que caracterizaram um marco relevante na história da construção da Usina Hidroelétrica de Itaipu.

TABELA 7 - Marcos relevantes da construção de Itaipu

Data	Evento
maio / 74	<ul style="list-style-type: none"> - Os Presidentes Ernesto Geisel do Brasil e Alfredo Stroessner do Paraguai instituem a Entidade Itaipu Binacional, sendo empossada a Primeira Diretoria Executiva; - ocorrem as primeiras desapropriações da área do futuro canteiro de obras, pelo Decreto Nº 74.140.

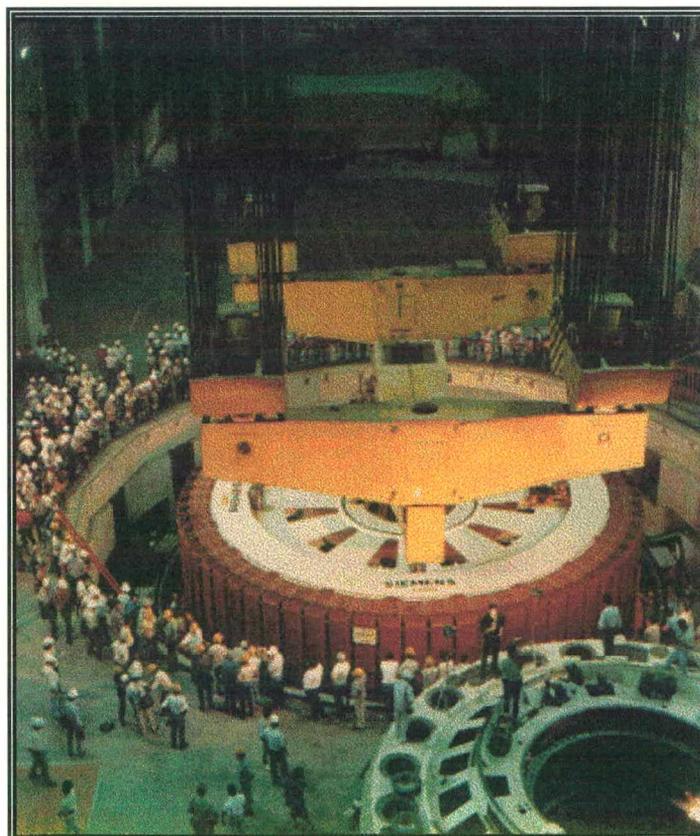
Data	Evento
fevereiro / 75	- Adquiridas as primeiras máquinas e equipamentos;
Outubro / 75	<ul style="list-style-type: none"> - assinado o primeiro contrato com consórcios, as empresas responsáveis pelas obras civis tanto no Brasil como no Paraguai foram a UNICON e a CONEMPA³⁸; - o estudo do canteiro de obras, o planejamento geral e os serviços de engenharia foram feitos pelo consórcio LOGOS/ENGE-RIO/GCAP; - o consorcio Itaipu Eletromecânico - CIEM, foi o encarregado da fabricação, transporte, supervisão e montagem das 18 unidades geradoras;
novembro / 75	- acontece o início dos trabalhos de escavação no "canal de desvio" (figura 22) com o objetivo de desviar as águas do rio Paraná;
Outubro / 77	- lançada a primeira caçamba de concreto no fundo do "canal de desvio", até sua conclusão que levou 3 anos foram lançados quase que 1 milhão de m ³ de concreto;
outubro / 78	- explodidas as ensecadeiras e o rio Paraná passa a correr pelo canal de desvio. O leito original do rio esta fechado pronto para ensecar, no final deste mesmo ano aconteceu a descida da primeira caçamba de concreto na estrutura da futura barragem, situada no leito primitivo do rio Paraná.
maio / 81	- inaugurada a Ponte da Amizade unindo Puerto Presidente Stroessner no Paraguai a Foz do Iguaçu no Brasil;
outubro / 82	- enchimento do reservatório, com um espelho de água de 1460 km ² ;
novembro / 82	- concluem as obras de engenharia civil e é inaugurada a barragem de Itaipu.
Maio / 84	- começa a produção comercial de energia;
1984 a 1989	continua a montagem de unidades geradoras (figura 23) e a operação da usina;
agosto / 89	- Itaipu chega a outro grande marco, tornando-se a maior hidrelétrica do mundo quando a unidade geradora número 15 entra em operação, produzindo 10,5 milhões de kW ³⁹ . (figura 24);

³⁸ Unicon sigla que designava União das Empresas Construtoras, consórcio das empreiteiras do lado brasileiro responsáveis pela execução do projeto civil. Conempa sigla que designava o Consórcio de Empresas Paraguaianas, responsáveis pela execução do projeto civil do lado paraguaio.

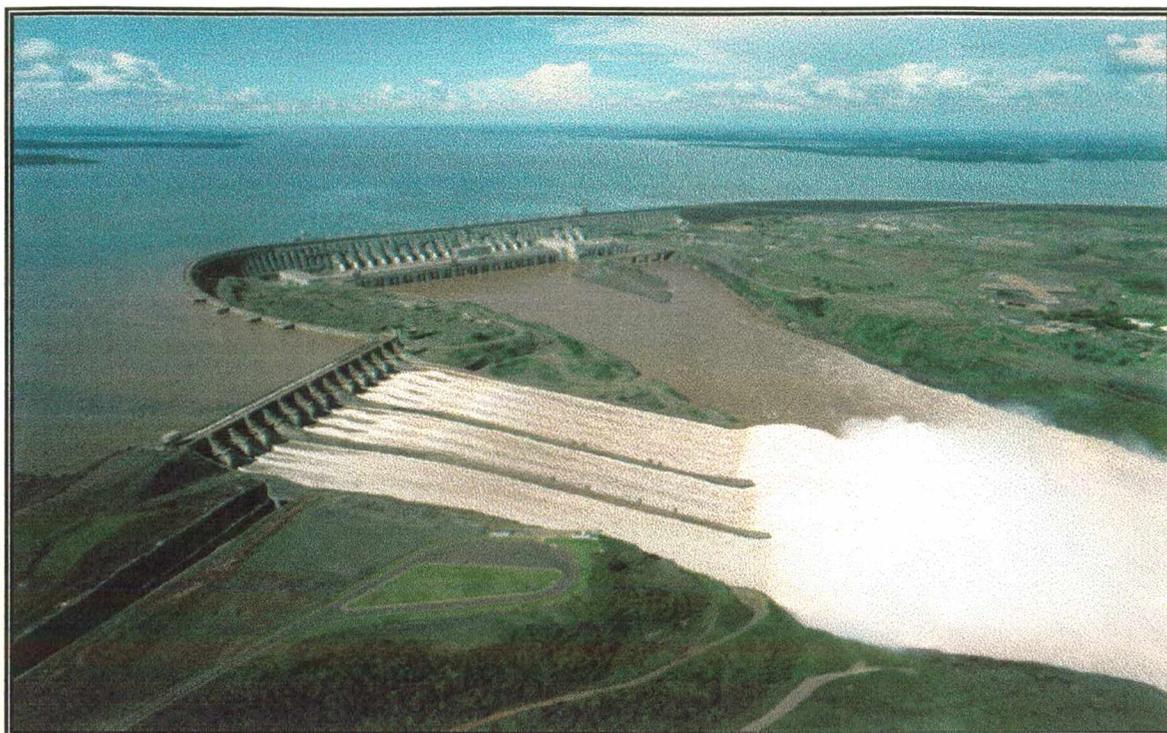
³⁹ Itaipu supera usina hidrelétrica de Grand Coulee nos Estados Unidos. a maior até o momento, com capacidade de 9,7 milhões de kW.



Fonte: Acervo Itaipu Binacional
Fig. 22 - Vista do Canal de Desvio



Fonte: Acervo Itaipu Binacional
Fig. 23 - Vista da Montagem do Rotor de uma das 18 Unidades Geradoras



Fonte: Acervo Itaipu Binacional

Fig. 24 - Vista da Usina Hidrelétrica de Itaipu

3.3 - Dados Técnicos de Itaipu

O canal original do rio Paraná era um profundo vale escavado no basalto, que se estendia de Guaíra a Posadas como um grande *canyon*. O local foi escolhido pelo desnível de 120 m que o rio Paraná apresentava no trecho em questão, aliado à grande vazão e à topografia favorável para a construção de uma barragem. Itaipu constitui-se, em síntese, por uma barragem principal de concreto, com 1.243 m de comprimento e 196 m de altura, e por barragens laterais, de concreto, de enrocamento e diques de terra nas margens do rio. O complexo de barragens estende-se por 7.700 m de comprimento, sendo: 2.664 m de concreto, 2.207 m de enrocamento e 2.829 m de terra.

Para a construção da barragem de Itaipu, foram escavados 63,8 milhões de m³ de rocha e terra, dos quais 19,9 milhões de m³ para o Canal de Desvio, este canal possuía 2000 metros de extensão, 150 metros de largura e 90 metros de profundidade,

proporções para conseguir segurar as águas do rio Paraná. Esta estrutura esteve em operação por 4 anos, durante o período de construção da barragem principal e da casa de força. A barragem principal liga-se a uma barragem lateral curva, ao vertedouro, localizado na margem direita, lado paraguaio e a um dique lateral de terra compactada. Ao pé da barragem principal foi construída a casa de força que possuía 99 metros de largura, 116 metros de altura máxima e 973 metros de comprimento, sendo até o momento a maior casa de força do mundo. Ela abrigou as 18 unidades geradoras, que aproveitaram uma queda de 112,9 metros para gerar uma potência de 700 mil kW cada, dando um total de 12.600.000 kW. Foram colocadas turbinas que trabalham em 60 Hz para alimentar o sistema brasileiro e em 50 Hz para alimentar o sistema paraguaio. O volume de água necessário para acionar cada turbina é de 700 m³/s. A água do reservatório de Itaipu foi canalizada nos condutos forçados para fazer com que a turbina se movimente. Cada conduto forçado tem 10,5 metros de diâmetro e 142 metros de comprimento. A força d'água que entrar produz uma rotação superior aos 90 giros/minuto. Itaipu possui também a maior subestação isolada a gás do mundo, ela permite que os condutores de energia fiquem mais perto entre si, economizando um enorme espaço, sem que haja descarga elétrica.

O vertedouro foi construído para controlar o nível da água represada, sendo composto por 14 comportas, de 20 metros de largura por 20 metros de altura, o equivalente a um prédio de 8 andares. Estas comportas estavam aptas para liberarem na cota máxima 223 m, 62 mil m³/s, mais do dobro da vazão já registrada no rio Paraná. A vazão máxima atingida pelo rio Paraná foi de 28.400 m³/s. O comprimento das calhas ou tobogã mede 483 metros. A água que vaza pelo vertedouro corre rapidamente até chocar-se com o chamado "salto de esqui"⁴⁰.

⁴⁰ Barreira artificial criada com a finalidade de quebrar a força das águas e evitar a erosão do leito e margens do rio. O "salto de esqui" permite a dispersão da energia cinética da lâmina, no espesso colchão de água.

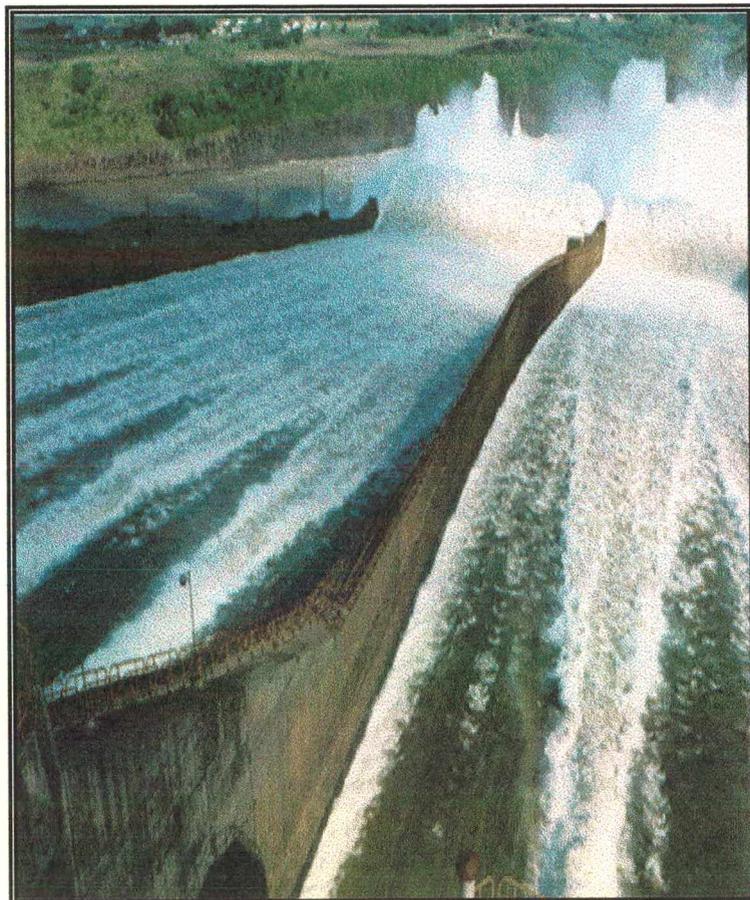
A capacidade de geração da Itaipu é superior a 50% da demanda elétrica da Argentina e a 36 vezes a demanda paraguaia. Em termos equivalentes a petróleo, Itaipu corresponde a 600 mil barris/dia, ou quase 219 milhões de barris/ano⁴¹. A produção de energia elétrica de Itaipu em 1995, atingiu 77.212 Gwh, o que representou 26% do consumo do Brasil. Itaipu consome mais energia que a cidade de Foz do Iguaçu para operar normalmente, mensalmente ela precisa de 31 mil Kw/h de energia, enquanto que Foz do Iguaçu precisa de 30 mil Kw/h⁴². Foz do Iguaçu não faz uso direto da energia produzida por Itaipu, devido à baixa taxa de industrialização que possui. A energia gerada é consumida principalmente pelo estado de São Paulo. A proporção da área inundada versus a potência instalada é de 0,10 Km²/MW, enquanto que o quociente de população afetada é de 3,64 hab/MW. Itaipu é a maior hidrelétrica do mundo com a menor área inundada por Kw instalado. A distribuição da energia gerada por Itaipu no Brasil corresponde a 80% para as regiões Centro-Oeste e Sudeste e 20% para a região Sul.

A subestação de Furnas em Foz do Iguaçu localiza-se próximo à Hidrelétrica de Itaipu, é a maior subestação do mundo, com uma potência transmitida de 12.600 MW e uma área de 2.200.000 m², sendo a única da América latina a funcionar utilizando corrente contínua, o que permite a transmissão de energia a grandes distâncias com a menor perda de potência. Por Itaipu ser uma hidrelétrica muito grande, sempre se fizeram comparativos e equivalências evidenciando seu tamanho, para que todas as pessoas foram capazes de deslumbrar-se perante esta obra que foi considerada a sétima maravilha do mundo moderno. A altura da barragem principal em concreto é igual a um prédio de 64 andares; o ferro e o aço utilizados na estrutura de concreto equivalem a 480.000 fuscas ou 15 vezes mais do utilizado no Eurotúnel ou ainda o

⁴¹ Revista Engenho e Tecnologia, 1985.

⁴² Jornal Canal de Aproximação, Nº 35,1991.

suficiente para construir 380 Torres Eiffel; o volume total de concreto utilizado seria suficiente para construir todos os prédios de uma cidade de 4 milhões de habitantes ou igual a 210 estádios de futebol do tamanho do Maracanã; a vazão máxima do vertedouro (figura 25) seria igual a 40 vezes a vazão média das Cataratas do Iguaçu.



Fonte: Acervo Itaipu Binacional

Fig. 25 - Vista do Vertedouro

4 - O RELACIONAMENTO INTRÍNSECO COM A CIDADE

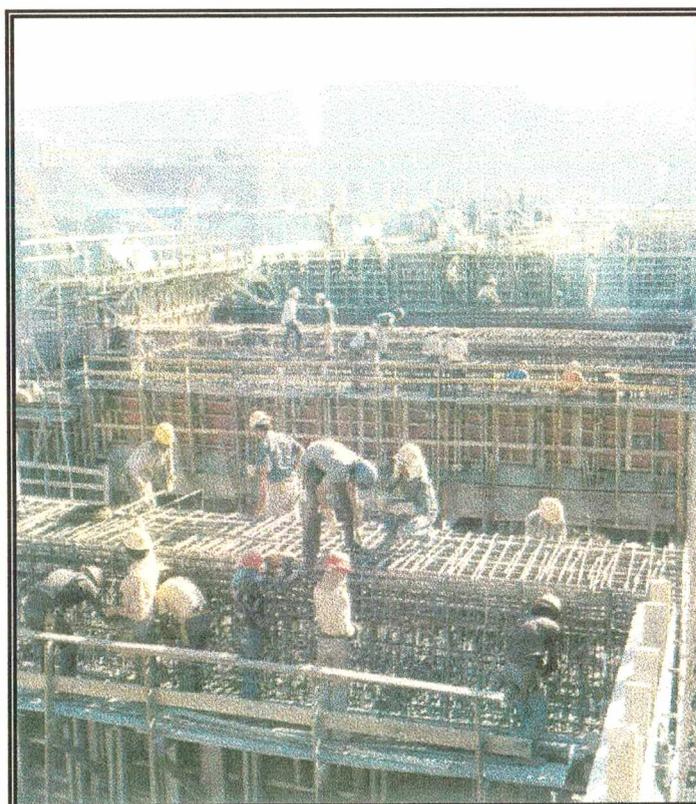
4.1 - O recrutamento dos trabalhadores

Para se construir a maior hidrelétrica do mundo foram necessárias muitas mãos e algumas cabeças. Através de um chamamento maciço em jornais, revistas e rádios aconteceu a convocação aos trabalhadores de grande diversidade profissional, principalmente aos barrageiros. As pessoas atenderam ao chamamento e vieram para a região que lhes oferecia maiores oportunidades de emprego e prometia um rápido desenvolvimento urbano. As convocatórias feitas pela empresa foram muito sedutoras, ressaltando-se diretamente os grandes ganhos e a possibilidade de trabalhar na maior hidrelétrica do mundo, e indiretamente uma passagem à felicidade e ao reconhecimento de todo o País. O sonho de participar do "Eldorado" e os ganhos materiais superiores ao mercado tiveram um papel fundamental no projeto vendido pela mídia para o recrutamento de pessoas. As condições oferecidas tiveram que ser sedutoras, já que a região era afastada dos grandes centros e totalmente carente de recursos e infra-estrutura.

O poder aglutinador da empresa foi condicionado a vários fatores, entre os quais as ofertas materiais de emprego bem remunerado, vida social organizada segundo padrões de classe média, o orgulho e o desafio de participar da maior obra nacional, e de confraternizar com um povo irmão, os paraguaios. A imagem passada pela empresa foi ancorada num discurso de irmandade, de socialização da realidade subjetiva das pessoas e de compromisso social com o País. Os trabalhadores começaram a chegar de todas as regiões do Brasil carregando na bagagem distintos referenciais econômicos, sociais e culturais. As diferentes idiossincrasias fizeram-se notórias na forma de sentir e interpretar este espaço. Os grupos sociais eram articulados por experiências diferentes, portadores de outras memórias, com uma

ordem de valores capazes de perceber, classificar e apreciar a maneira de viver, de utilizar a cidade e o tempo de maneira particular. O novo espaço obrigava a que os imigrantes fizessem um novo aprendizado, provocando na cidade novas e imprevisíveis redes de relações sociais. O projeto Itaipu afetou a fenomenologia dos indivíduos convocados e dos indivíduos oriundos do lugar.

Dos grandes contingentes migratórios muitos dos trabalhadores não foram aceitos devido à falta de qualificação e experiência, num dado momento eram tantos trabalhadores se oferecendo que a empresa implantou políticas sectárias para a escolha, como dar preferência a solteiros, e escolher homens fortes capazes de agüentar as duras jornadas.



Fonte: Acervo Itaipu Binacional

Fig. 26 - Barrageiros durante a construção

Um número significativo de pessoas não aproveitadas para a construção da usina permaneceram na cidade, esperando que com a magnitude da obra surgissem outras

oportunidades de emprego. Ficar na cidade lhes dava a ilusão de fazerem parte de algo grandioso, sentindo de perto toda a imponente obra. Durante a construção da barragem foram fornecidos muitos cursos de aperfeiçoamento, onde os empregados podiam aprender funções como as de carpinteiros, operadores de máquinas, pedreiros, armadores de ferragens. Os cursos eram muito concorridos já que davam a oportunidade de ascender profissionalmente melhorando o salário e os benefícios que a empresa outorgava. Estes cursos funcionavam como instrumento de fixação do homem à obra. De 1978 a 1981 o setor de treinamento de Itaipu capacitou mais de 6 mil funcionários.

A mídia teve o poder de persuadir e seduzir as pessoas com a idéia de progresso e modernidade para a região, principalmente para a cidade sede da hidrelétrica, o que ocasionou um grande deslocamento de indivíduos para Foz do Iguaçu, muitos mais do que tinha capacidade de acolher. A propaganda, apoiada e patrocinada pelos ideais patrióticos dos então governantes militares, no plano real, ajudou no "inchaço" da cidade, fazendo com que os migrantes sem emprego não retornassem a seus locais de origem por acreditarem no sonho de igualdade, fraternidade e progresso para todos, lema populista do qual a Itaipu se utilizava para criar a aparência de uma sociedade igualitária com o país vizinho. Estes migrantes passaram a aumentar a quantidade de desempregados da cidade, incrementando também o número de meninos de rua, de prostitutas e de favelas. A migração de tantas pessoas, em sua maioria de médio a baixo poder aquisitivo e a injeção insuficiente de dinheiro por parte do Governo Federal⁴³, fizeram a cidade de Foz do Iguaçu crescer quantitativamente, de aproximadamente 33 mil pessoas para 136 mil em uma década, sendo que 34% destas pessoas vinham de áreas rurais, sem instrução ou poder aquisitivo, mas perder em qualidade de vida, em tranquilidade, em infra-estrutura suficiente para a demanda. Fato

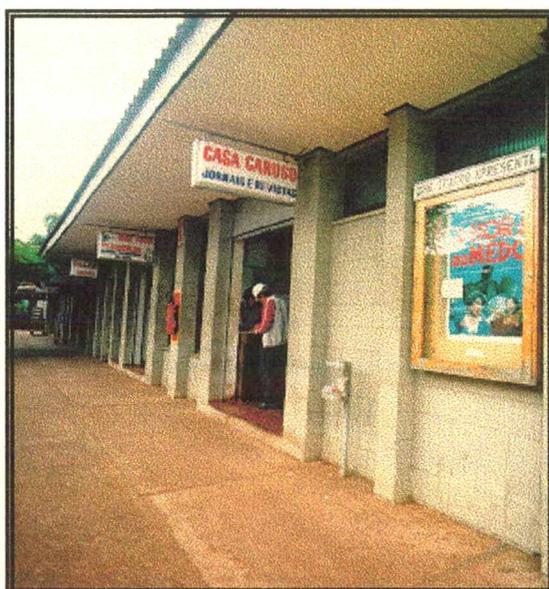
⁴³ Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 1992, V.I., p.50.

este comum à realidade brasileira, onde o Estado não consegue atender à demanda social da grande massa, e onde o poder privado cria um círculo particular de benefícios. Estima-se que do total de pessoas que vieram, 25% a 30% permaneceram na cidade mesmo sem conseguir emprego. A grande migração, muito além da esperada, não permitiu uma preparação adequada na oferta de equipamentos sociais e de infra-estrutura básica capazes de atender a toda essa população. O que fez com que a cidade tivesse uma estrutura inchada e desarticulada.

No início do recrutamento Itaipu deu prioridade aos solteiros devido a que as acomodações ficavam dentro do canteiro de obras, alojamentos dispostos em módulos que acomodavam grande número de barrageiros. Foram 12 mil empregados solteiros sob a responsabilidade da Unicon, empresa responsável pela administração e distribuição dos barrageiros dentro dos alojamentos. A divisão dentro deles era feita conforme o cargo que as pessoas ocupavam e a localização dos setores em que trabalhavam, a fim de facilitar o acesso ao trabalho, já que tempo era dinheiro, o lema da empresa era bater recordes continuamente. Nos alojamentos individuais foram instalados os engenheiros e assistentes, os alojamentos para duas pessoas eram destinados aos trabalhadores de nível médio. Os barrageiros eram acomodados em alojamentos de 6 ou 8 pessoas. Eles eram separados por nacionalidade também, mas houve alguns casos de brasileiros terem sido alojados do lado paraguaio e paraguaios do lado brasileiro. Quando isto aconteceu não houve nem integração nem irmandade como estava escrito no Tratado de Itaipu. Brigas entre brasileiros e paraguaios eram comuns, tanto que se tentava mante-los separados nos alojamentos, nos refeitórios e nos locais de trabalho.

Dentro do canteiro de obras os trabalhadores eram submetidos a um ritmo de trabalho igual a 10/12 horas diárias. Nas horas de lazer eles contavam com um centro comercial que lhes fornecia serviços de farmácia, lanchonete, cinema, confecções,

lotérica, jornais e revistas e barbearia (figura 27), tudo dentro do canteiro de obras. Ali também existiam duas agências bancárias uma do Banco do Brasil e outra do Unibanco⁴⁴.



Fonte: Acervo Itaipu Binacional

Fig 27 - Infra-estrutura nos alojamentos do canteiro de obras

As únicas saídas, do interior do canteiro de obras, aconteciam uma vez por semana para a zona de meretrício. A cidade possuía muitos bordeis com uma boa quantidade de mulheres para atender aos barrageiros, muitas delas eram atendidas por médicos da empresa que tinham a função de mante-las saudáveis para não passarem doenças aos empregados. Também os guardas de Itaipu controlavam os bordeis para que não acontecessem brigas e para que os trabalhadores não se embebedassem ao ponto de quando voltassem ao trabalho pudessem sofrer ou ocasionar algum acidente.

Os trabalhadores possuíam equipamentos de segurança e eram treinados em cursos para prevenir acidentes. Dado o número elevado de trabalhadores, as dificuldades, o ritmo acelerado de construção onde os trabalhadores competiam para

⁴⁴ Jornal Canal de Aproximação, Nº 14, 1988.

quebrar continuamente os recordes, a falta de pessoal treinado (poucos tinham trabalhado em outras hidrelétricas), os acidentes de trabalho que acabaram em morte foram reduzidos se comparados com outras grandes obras como a ponte Rio-Niterói, conforme divulgações da Itaipu.

Como os alojamentos existentes dentro do canteiro de obras não eram muito confortáveis e não permitiam o contato com a família, a empresa quase que de imediato iniciou a construção das vilas⁴⁵ de moradias para seus trabalhadores, como um alvo prático e imediatista. Foram desapropriadas para a construção dos conjuntos residenciais, no lado brasileiro, 561 ha próximos ao canteiro de obras. Estes espaços estabeleceram uma dependência nos moradores, algo assim como uma troca entre as possibilidades de vida e de dominação. Itaipu assumiu uma postura paternalista utilizando as moradias como um forte vínculo entre funcionários e empresa. Dentro das políticas sociais e econômicas do País, o paternalismo de algumas empresas se traduz quando estas tratam de utilizar as moradias como mecanismo de apoio. A mão-de-obra utilizada pela Itaipu não teria que sofrer com o fantasma da preocupação de onde e como morar. Os trabalhadores de baixa renda, os menos qualificados são os que mais sofrem com o fantasma da habitação, sentem-se menos livres, mais ligados ao trabalho e à casa (LEDRUT,1971,113). As preocupações por manter o emprego que lhes proporciona a casa, leva-os à disputa profissional, às horas extras e a esquecer a falta de participação na coletividade, o que acaba se tornando um isolamento geográfico e social. LEFEBVRE (1991,40) analisa a falta de participação na sociedade como uma alienação social que transforma os indivíduos em seres passivos e infelizes.

Antes das casas das vilas ficarem prontas, os empregados mais gabaritados, os não braçais, eram acomodados nos poucos hotéis da cidade, ou quando

⁴⁵ Foi através do Decreto Nº 74.972 de 26 de novembro de 1974 que se delimitaram as áreas para a construção das vilas residenciais para os trabalhadores de Itaipu. Foram criadas pela Empresa, do lado brasileiro, 3 vilas residenciais denominadas de vila "A", "B" e "C". Num total de 5046 casas.

acompanhados da família, a empresa alugava casas e apartamentos, se bem que a carência destes na cidade era muito grande. Não existia uma infra-estrutura capaz de atender a tantas famílias que continuavam a chegar, por isso a especulação imobiliária tornou-se um dos fatores mais fortes da carestia urbana. O metro quadrado de terreno em alguns pontos da cidade chegou a custar o mesmo que o metro quadrado na avenida Paulista, em São Paulo⁴⁶. Foi nessa época que a construção civil iniciou um crescimento acelerado, marcado pela instalação de muitas empresas na cidade. A procura de moradias era tão grande, que casas e apartamentos eram alugados mesmo antes de estarem prontos. O núcleo urbano de Foz do Iguaçu começou a tomar outra forma com a construção de tantos prédios, a cidade que era horizontal aos poucos foi tomando um perfil verticalizado. A construção civil juntamente com os serviços e o comércio representavam mais de 75% dos empregos de Foz do Iguaçu no início dos anos 80.

4.2 - As Vilas de Itaipu

As vilas ou conjuntos residenciais de Itaipu representam, para este trabalho, o cenário onde se pode vivenciar o cotidiano urbano de tantos outros lugares. Através da observação dos grupos humanos, da narração de seus costumes, da compreensão de suas mensagens e do decifrar de suas falas, nota-se os sinais de sua identidade. As vilas são o local onde, no tempo e no espaço, seus usuários não conseguem inserir-se plenamente no ambiente, por faltar-lhes o enraizamento e a identificação com o lugar. As pessoas que se isolam num determinado espaço, necessitam de outros indivíduos para que os ajudem a manter suas concepções. As vilas de Itaipu produziram dentro do espaço uma identidade geográfica, manifestada pelo fato dos trabalhadores da empresa habitarem num mesmo local, que tentou produzir uma

⁴⁶ Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 1992, V.I, p.119.

identidade coletiva diferenciada do resto da cidade, ancorada em princípios hierarquizantes. Somente como integrantes de um grupo social, os indivíduos sentem-se capazes de manter as diferentes realidades que vivem, isolados dentro do espaço. Para as realidades sociais terem sentido, têm de ser objetivadas por processos sociais⁴⁷. As instituições, as diferentes realidades e os diferentes universos simbólicos são legitimados por grupos sociais com localização e interesses sociais concretos. O fato de morar num local programado e corroborado pelo fato de pertencer a um meio social específico, reforça o processo de identificação de grupos sociais determinados.

Como referido no item anterior a falta de moradias na cidade chegava a ser dramática, sendo que para resolver este problema, Itaipu, estabeleceu novas formas de assentamento para seus funcionários, que diferiam do restante da cidade. Foram criados os conjuntos residenciais de Itaipu, chamados de vilas "A", "B" e "C", construídos a partir de 1975 e ocupados a partir de 1977. Do total da área desapropriada em Foz do Iguaçu, 460 ha foram para a formação da vila "A", 115 ha para a formação da vila "B" e 5570 ha para a formação da vila "C", do refúgio ecológico e do canteiro de obras. Toda a área desapropriada foi aplainada, ou seja, nenhuma planta ou árvore foi poupada e no meio de uma enorme terraplenagem surgiram as vilas de Itaipu. Grandes condomínios horizontais de casas do tipo A, B e C, sendo que as de melhor qualidade na construção e as de maior categoria são as casas da vila B e não a vila A como se poderia imaginar. Segundo dados da própria Diretoria Jurídica da Itaipu, o número total de processos de desapropriação da área em questão foi de 1547, que somavam uma área total de 24.599,95 ha, onde moravam mais de 5600 pessoas. Isso significava 23,22% da área total da cidade, o que difere muito com dados colhidos na prefeitura de Foz do Iguaçu. Na realidade a Empresa desapropriou muita mais área do que precisava, por isso hoje existem hoje algumas pessoas que estão

⁴⁷ Berger e Luckmann (1997, p.171).

processando a Itaipu e pedindo as terras desapropriadas que não foram utilizadas.

As casas das vilas ficaram totalmente prontas em 1979, mas os conjuntos habitacionais permaneceram em obras para a conclusão dos trabalhos relativos a saneamento básico, infra-estrutura e urbanização. Coube à empresa a subdivisão do espaço interno das vilas de acordo com seus critérios e interesses. As vilas se vivenciaram como um espaço privado particularizado, capaz de ser reconhecido pela rede de relações sociais que se travavam dentro do ambiente. Relações estas, que são uma espécie de sociabilidade do provisório, uma cultura do passageiro com ausência de futuro. A ausência de finalização vem da vocação finita de não se expandir nem de transcender dentro desse espaço criado e provisório, onde os compromissos vem da convivência com pessoas ligadas pela proximidade e pela repetitividade. Esta instabilidade dentro do espaço produziu insegurança pessoal e coletiva, uma sensação de incompletude e uma ameaça de desmoronamento. Tudo isto levou a uma necessidade de afiliação a grupos, de contatos em eventos de massa e ao aparecimento de identificações não impostas. O que poderia ser visto como um acordo onde os indivíduos se associam a um comportamento social, como meio de manter-se seguros. Dentro da sociologia seria como fazer uma reinterpretação dos acontecimentos do presente e do passado de forma a harmonizar o cotidiano e não sofrer com a nova identificação (BERGER,1997,212).

Como os lugares são os que manifestam as condições das relações sociais, estas vilas se apresentaram para a cidade de Foz do Iguaçu como um produto da fragmentação, do desenvolvimento desigual, como um espaço cheio de simbologias como "*status*" e poder. Induzindo seus moradores a uma imagem efêmera de si mesmos e mascarando sua realidade dentro do contexto local. O grupo de moradores das vilas tentou assumir uma identidade comum que lhes permitisse pertencer a esse espaço e diferencia-los do restante da cidade. Ser morador das vilas de Itaipu

representava a consolidação do meio social específico do qual passaram a fazer parte. Os moradores das vilas foram portadores de estandartes de identificação, como gesto desafiante de afirmação de grupo. Um gesto comunicativo que afirmava uma presença grupal, mas que no final ocultava o isolamento. Esta aparente proximidade entre eles fica profunda em superficialidades. Uma simbologia que expressa laços de pertinência e de obrigações mútuas. Uma espécie de selo que lhes garantia o reconhecimento dentro da cidade, dado pelo fato das pessoas terem a certeza de que eles estão empregados, tem à disposição vários benefícios e ganham muito bem de acordo com a média salarial da cidade.

Nas vilas observou-se um contrato social implícito, que se manifestou principalmente através dos comportamentos. Ele não existe como matéria, mas sim como essência, e cada um percebeu este contrato de maneiras diferentes mas o seguem com o intuito de manter o equilíbrio dentro da "família" Itaipu. O ambiente construído atuou como imagem, como espelho refletor que indicou e influenciou nas pessoas a maneira de agir e se comportar. Os indivíduos reunidos num mesmo espaço passaram a sublimar a grandiosidade de tamanha obra. O espaço urbano produzido não é só morfologia, é o suporte dos modos de vida, pois do espaço se retiram determinados referenciais de valores, hábitos e expectativas (LEFEBVRE, 1991(2),11). As diferenças de identidade passaram a ser sinônimos de superioridade ou de inferioridade, não permitindo às pessoas criarem traços que lhes fossem próprios. A identidade precisa fundamentar-se na realidade e não em sonhos e fantasias, sem se importar com a imagem refletida para os outros.

Os relacionamentos humanos dentro das vilas não chegaram ao ponto de acontecerem entre pessoas totalmente anônimas, pelo fato de estarem unidos por um só empregador e pela proximidade das casas. Mas também a integração dentro deste espaço não aconteceu por relacionamentos de amizade ou parentesco. Dentro delas

manifestou-se o reconhecimento pessoal de acordo com o reconhecimento dentro da empresa, a coletividade reconhece os indivíduos de acordo com os benefícios que Itaipu lhes outorga. Quanto mais benefícios maior o reconhecimento e a inserção dentro da vida cotidiana das vilas. Os benefícios dados pela empresa tornaram-se sinais de "status" e reconhecimento para os moradores das vilas e da cidade. Para Itaipu, os moradores das vilas faziam parte de um grupo de indivíduos onde tudo era calculável, previsível, quantificável. Todas as regras e normas mesmo que não escritas, foram estabelecidas em função da estrutura e do funcionamento das vilas, para manter uma coesão e um "singular" estilo de vida, reforçado pelo fato de compartilhar um mesmo local de moradia e de trabalho. Este conjunto de indivíduos mantém uma rede de relações baseada em interesses econômicos e não numa contigüidade sócio-espacial. Perante as tensões provocadas pela cidade o grupo tende a refugiar-se na homogeneidade. A ordem decorrente disso é falsa. Acontece reforçada pela "adesão inerradicável à ordem estabelecida" (HARVEY, 1994,308). Ordem imposta pela Itaipu e aceita por seus empregados. Esta adesão ocorre fortalecida pelo medo das mudanças e pelas coações, principalmente a econômica. O comportamento das pessoas dentro deste espaço criou vínculos e laços que não são de amizade, mas que possibilitaram alguns sentimentos coletivos. O cotidiano dentro das vilas foi uma busca do equilíbrio entre a proximidade imposta pelas moradias, que não pertencem às famílias, e a distância necessária para se conseguir preservar a vida privada. Houve afinidades entre indivíduos que possuíam posições de poder, existindo o interesse de manter esse "status".

Estes três conjuntos habitacionais surgiram como espaços privilegiados e serviram para mostrar o tratamento diferenciado que a Empresa dava a seus funcionários, o que serviu como mecanismo para marcar presença dentro da estrutura social existente, principalmente porque a Prefeitura local não podia oferecer os bens e serviços que a

população necessitava. Até 1993 Itaipu concedia a seus funcionários a manutenção periódica das casas (estrutural, sistema elétrico, hidráulico e pintura); iluminação pública; dedetização das residências e das áreas verdes; corte de grama; poda de árvores; coleta de galhos e entulhos; coleta de lixo e limpeza das ruas; segurança física das vilas, clubes e áreas de lazer. Hoje a empresa mantém somente o corte de grama das áreas verdes, a limpeza das ruas e a coleta de lixo e entulhos.

A vida dentro das vilas foi limitada por fronteiras invisíveis com o objetivo de conter-se tranqüila em si mesma. O cumprimento de normas, metas e projetos funcionaram forçadas por "rumores", onde os níveis competitivos eram de muita utilidade para a empresa. Nos locais de trabalho, moradia e lazer, os comentários, boatos, mexericos eram de muita utilidade, ajudavam a manter o controle de situações comuns. Através dos rumores e do medo aos rumores a empresa obtinha critérios para a estabilidade e a ordem das ações dos funcionários. A organização e o controle das vilas foi para Itaipu um instrumento que representava a posição do poder. Essa seletividade residencial foi reflexo da disciplina e da hierarquização existente na empresa, onde foram incorporados sistemas de valores diferentes para as casas, as relações, os símbolos e as atividades, de modo que o parcelamento e a padronização do espaço se refletissem nos relacionamentos coletivos. A Diretoria de Itaipu sempre procurou eliminar todos os imprevistos, tudo devia estar sempre planejado e esquematizado.

Os discursos, a produção de imagens de Itaipu Binacional para o mundo e a construção das vilas tiveram um papel muito forte na transformação e reprodução de conceitos sociais, como os de igualdade, de boa vizinhança, de entrosamento entre culturas diferentes. Mostrar com convicção os benefícios que Itaipu concedia à sua "família" fazia parte dos mecanismos de controle social, tanto internamente como externamente. Como afirma GOTTDIENER (1993,265) "...lugares e formas não têm

independência para produzir qualquer coisa, somente os indivíduos localizados dentro das redes de organização social possuem esse poder”. As diferenças estruturais e funcionais adquirem matizes conflitivos desde o momento em que refletem de forma direta valores imobiliários, valores econômicos e, indiretamente, princípios de eqüidade, solidariedade e convivência. Através de diversos estímulos os homens produzem combinações de relações baseadas em realidades similares e contraditórias, nos moradores das vilas o sentimento de "pertencer" a Itaipu foi muito forte. Fazer parte deste grupo de pessoas significou sofrer com os temores das demissões à medida que a usina foi ficando pronta, sofrer com as mudanças políticas de diretorias que modificavam seus quadros funcionais fazendo com que muitos perdessem os cargos de chefias e ficassem por um certo tempo, no que eles denominam “geladeira”, até que acontecessem novas mudanças. Toda a organização da empresa com relação à vida cultural, social e profissional levou a que os indivíduos traçassem uma identificação ideológica com a obra. O convívio de várias culturas com a grandiosidade do projeto seduziu os trabalhadores de Itaipu e suas famílias, à uma identificação temporária com o objeto. Em função da permanência das pessoas, além do tempo imaginado essa identificação tornou-se permanente. Os padrões de comportamento limitam-se dentro de espaços e de acordo com as categorias sociais às que pertencem (LEDROUT, 1971, 104). A diferenciação social existente nas vilas de Itaipu é um exemplo disto, seus moradores têm um sentimento comum pela Empresa, mas excludente e separatista de acordo com o local de residência. Eles se consideram iguais externamente como indivíduos pertencentes à "família" de Itaipu, internamente diferenciam-se por categorias sociais no trabalho e nos conjuntos habitacionais. A convivência cotidiana tanto no trabalho como no lazer acabou favorecendo a aglutinação de interesses recíprocos complementares e contraditórios, como o respeito pela conveniência, a empresa, e o esforço pela individualidade, pelo resgate de

singularidades.

Na época em que foram construídas as vilas e nos quase 10 anos seguintes, elas ficaram totalmente afastadas de qualquer outro loteamento da cidade e como ninguém tinha que atravessá-las para ir a outros bairros ou estabelecimentos elas conseguiram ser territorialmente ainda mais isoladas do contexto urbano. Ninguém que não morasse nas vilas tinha motivos para transitar por elas, tanto que os guardas da Empresa que controlavam as vilas podiam interceptar qualquer pessoa considerada estranha e pedir-lhe que se retirasse de suas ruas. A freqüentação das pessoas da cidade ou de outros bairros às vilas era mínima, não havia motivos para isto, nem os mais comuns como relações familiares ou de amizade. Hoje existem vários loteamentos em torno das vilas, mas pela localização e o formato destas, somente a vila "A" é transitada por pessoas que se dirigem a outros pontos. Justamente por estar sendo um lugar de passagem para muitas pessoas que se dirigem aos loteamentos que cercam a vila "A", esta passou a conviver com índices maiores de violência e delitos.

Após 1994, aproximadamente, os moradores das vilas tiveram liberdade para construir, pintar, murar, colocar piscinas, churrasqueiras, fazer as mudanças que quisessem nas casas. As modificações devem permanecer nas moradias na hora de ir embora, ou deixar as casas como foram entregues. Estas reformas muitas vezes são modestas por que as pessoas não consideram válido gastar muito dinheiro em uma casa que não lhes pertence, mas mesmo assim, hoje, já não existe aquela homogeneidade estética característica da época em que as casas foram construídas. Até hoje a empresa proíbe que as casas sejam utilizadas para fins comerciais.

Nas vilas "A" e "B" existem 130 casas onde ex-empregados da Itaipu Binacional, Itamon, Unicon e Empresa Limpadora Centro Ltda encontram-se em processo judicial. Na vila "A" também existem várias casas ainda ocupadas por ex-empregados que se

utilizaram dos planos de incentivo promovidos pela Itaipu⁴⁸ e que ainda gozam de prazo para a devolução das mesmas. Muitas casas encontram-se vagas por este mesmo motivo e outras estão sendo destruídas devido ao alto grau de deterioração em que se achavam. Cedidas para funcionários ou emprestadas para outras empresas as residências das vilas fogem ao controle individual.

4.2.1 - Vila C

Os moradores destinados à vila "C" foram os trabalhadores braçais da usina, chamados de barrageiros já que alguns tinham experiência em outras barragens, mas quase 40 % deles provieram de áreas rurais do Estado do Paraná. Esta vila dividiu-se em velha e nova, por ter sido construída em períodos diferentes. Este conjunto habitacional era composto por 2.652 casas pré-fabricadas de alvenaria, de dois modelos com aproximadamente 70 m² cada (figuras 28 e 29). A característica de construção das mesmas, correspondem a um bloco tipo galpão pré-fabricado com telhas de zinco, contendo cada bloco quatro casas. Estas moradias eram quase que inteiramente designadas às empreiteiras responsáveis pela contratação de mais da metade das pessoas empregadas. Por uma questão de proximidade com o local de trabalho esta vila foi construída muito perto do canteiro de obras, ficando muito afastada do centro da cidade. O acesso a este conjunto residencial era feito por uma única avenida, atualmente chamada Tancredo Neves. Esta avenida foi construída pela Itaipu para permitir o acesso de materiais e maquinarias ao canteiro de obras. Cortando esta vila foram colocadas as torres de alta tensão do "linhão"⁴⁹.

⁴⁸ As propostas para a demissão incentivadas foram muito sedutoras, de aproximadamente 3200 funcionários brasileiros 1500 aceitaram a oferta.

⁴⁹ ITAIPU foi a responsável pelo uso da tecnologia de transmissão em corrente contínua através do "linhão" no Brasil, tecnologia utilizada até então em países desenvolvidos como EUA, Canadá, URSS e Suécia. O "linhão" é uma gigantesca ponte de energia, que possui 3 linhas em corrente alternada e 2 linhas em corrente contínua, unindo Itaipu com os centros consumidores, atravessando o estado do Paraná numa diagonal.

Com a possibilidade da venda desta vila para os moradores da cidade e ex-empregados de Itaipu, a Prefeitura local passou a se preocupar em integrá-la ao quadro urbano, através da eliminação progressiva do “*status*” discriminatório⁵⁰. Em 1991 foram vendidas 2652 casas da Vila "C" para antigos empregados da Usina e outros moradores da cidade. O projeto de venda previa um financiamento em até 25 anos, através do Sistema Financeiro de Habitação da Caixa Econômica Federal e com a garantia hipotecária da Itaipu. Esta vila foi vendida por contratos de compra e venda e nenhum dos compradores possui escritura da casa. Segundo a Prefeitura a vila "C" não faz parte dos loteamentos aprovados e como tal não podem suas casas ter escritura pública. Estas residências, apesar de terem sido passadas pela Diretoria de Itaipu à Prefeitura local, continuam sem pagar IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), assim como também os outros dois conjuntos habitacionais que ainda pertencem a Itaipu. Após a venda das casas, a Empresa passou a economizar 18 milhões de dólares⁵¹ anuais deixando de dar manutenção e cuidados ao conjunto habitacional "C". Esta vila (figura 30) não era mais útil à Itaipu, repassando à comunidade as residências, as quadras poliesportivas, as igrejas, a escola e demais benfeitorias.

A Vila “C”, que foi construída próxima à Usina para facilitar o deslocamento dos barrageiros, traz atualmente sérios problemas, pois aconteceram invasões de terras na própria vila e nas áreas do Refúgio Ecológico de Itaipu. Esta vila tornou-se violenta e apresenta uma infinidade de carências, problemas nos quais Itaipu não mais está disposta a se envolver. O argumento da empresa é de que a vila é de responsabilidade da Prefeitura e não mais da Itaipu.

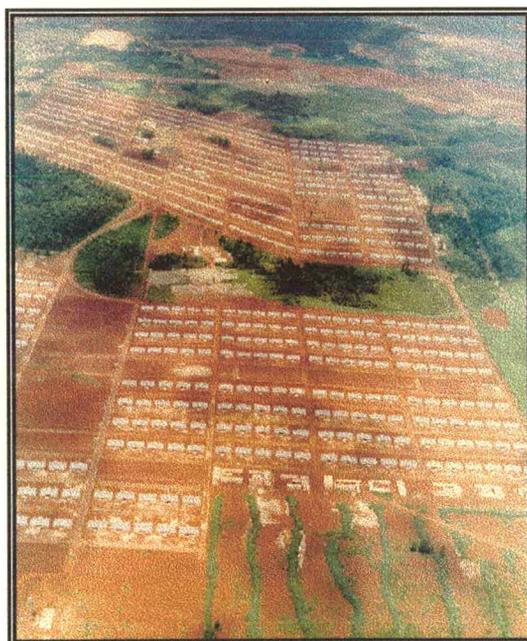
⁵⁰ Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 1990/91.

⁵¹ Dado original em cruzeiros e convertido a dólares. Jornal Canal de Aproximação, Nº 41, 1991.



Fonte: Acervo Itaipu Binacional

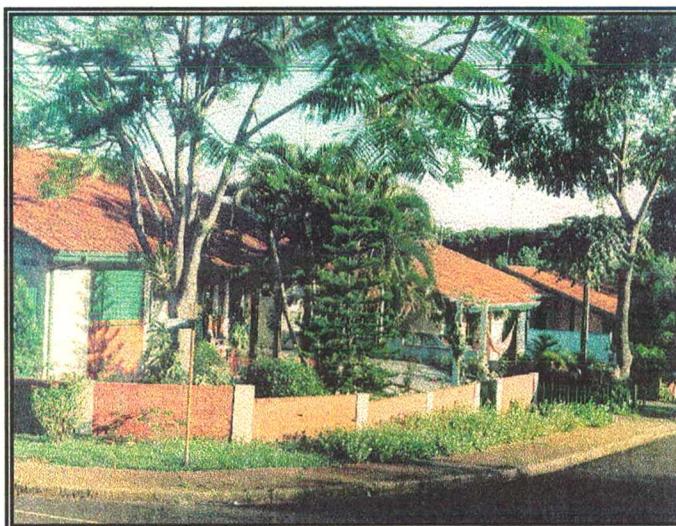
Fig. 28 - Vista de casas da Vila C



Fonte: Acervo Itaipu Binacional

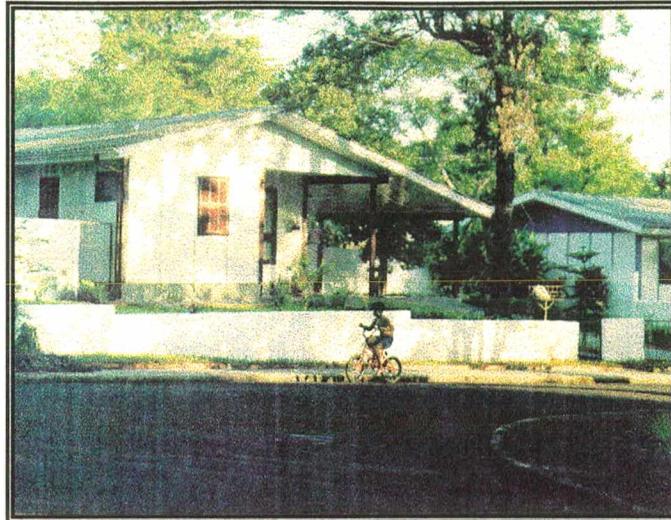
Fig. 29 - Vista aérea da Vila C

residências vários outros estabelecimentos como o Hospital Costa Cavalcanti (figura 33) onde são atendidos todos os funcionários de Itaipu e suas famílias sem nenhum ônus, hoje sendo administrado por uma fundação que atende à comunidade através de alguns convênios e planos de saúde. O colégio Anglo Americano fundado em 1976, para atender exclusivamente os filhos dos funcionários de Itaipu, atualmente atende a 12 mil alunos da comunidade em geral, que vão do pré ao ensino de 2º grau. Ainda estudam nele a grande maioria dos filhos de funcionários de Itaipu, mas estes podem optar por estudarem em qualquer outro colégio particular da cidade, continuando com a cobertura da Itaipu. O clube Floresta (figura 34) onde todos os trabalhadores de Itaipu e seus dependentes podem ser sócios desde que paguem a mensalidade que atualmente gira em torno de 30 reais. Este clube abriu em 1993 suas inscrições para a comunidade de Foz do Iguaçu.



Fonte: Acervo Itaipu Binacional

Fig. 31 - Vista de casa de alvenaria da Vila A



Fonte: Acervo Itaipu Binacional

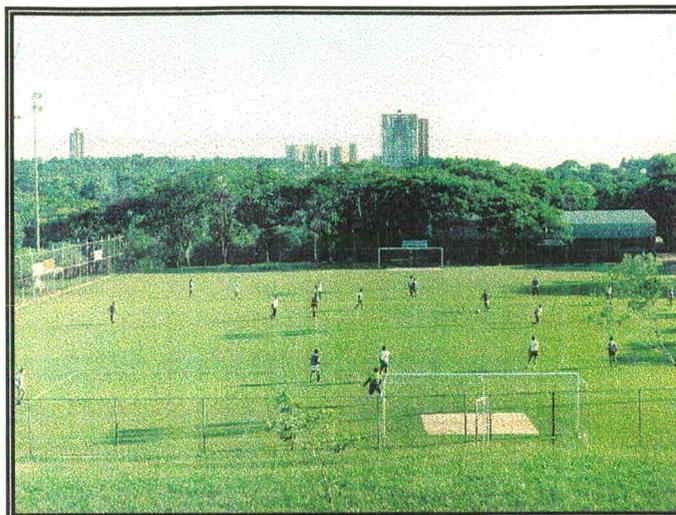
Fig. 32 - Vista de casa de madeira da Vila A

Há na vila templos evangélico, espírita, maçom (figura 35) e as igrejas Católica e Assembléia de Deus. Existe também uma pequena área comercial interna onde funcionam 3 agencias bancárias, Caixa Econômica Federal, Banestado e Real, além de padaria, açougue, agência lotérica, delegacia de polícia, posto da Telepar, salão de cabeleireiro, vídeo locadora, farmácia, restaurante, papelaria e mercearia. Há também dentro da vila diversas praças, parquinhos, campos de futebol, quadras poliesportivas e áreas verdes (figuras 36 e 37). Na parte externa da vila está em formação uma forte área comercial.

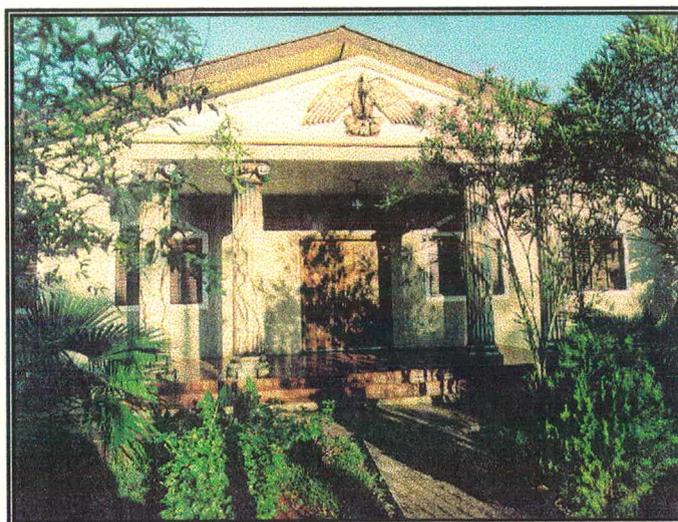


Fonte: Acervo Itaipu Binacional

Fig. 33 - Vista aérea Hospital Costa Cavalcanti



Fonte: Acervo Itaipu Binacional
Fig. 34 - Vista do Floresta Clube



Fonte: Acervo Itaipu Binacional
Fig. 35 - Vista do Templo Maçom



Fonte: Acervo Itaipu Binacional
Fig. 36 - Vista aérea da Vila A

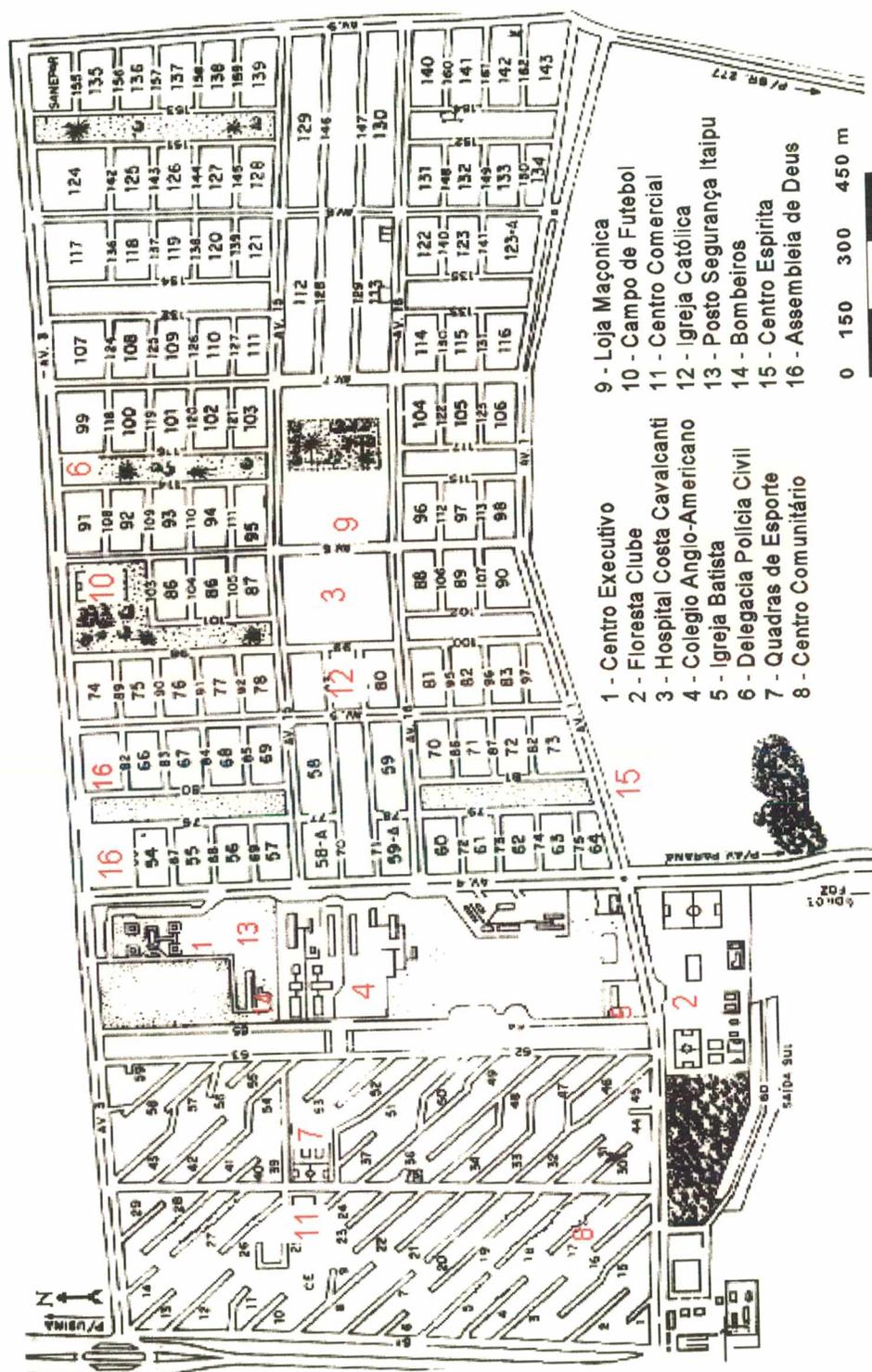
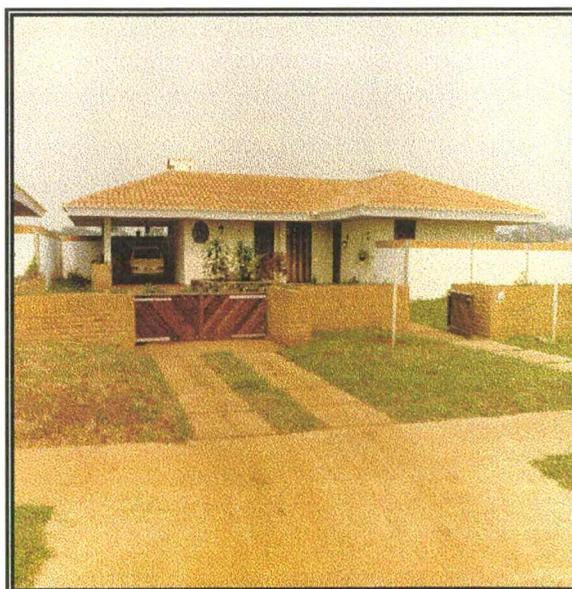


Fig. 37 - Planta da Vila A

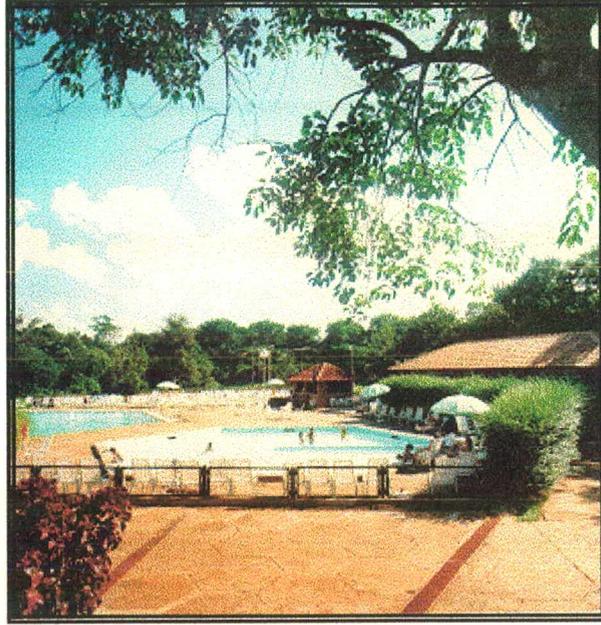
4.2.3 - Vila B

O conjunto habitacional "B" era designado aos diretores e gerentes, composto por um total de 221 casas de 17 modelos diferentes todas de alvenaria, oscilando entre 150 m² e 300 m² de área construída (figura 38). Existem somente duas casas neste conjunto habitacional que não são ocupadas por funcionários de Itaipu, elas foram cedidas a Furnas Centrais Elétricas. Residem hoje, nesta vila 215 empregados ativos da Itaipu Binacional. Este conjunto habitacional, devido a sua forma física e a sua essência é o mais parecido com a forma hoje usual de habitação de classes abastadas dentro do espaço urbano brasileiro que é o condomínio fechado (figuras 40). Não existe circulação de transporte coletivo, com exceção dos ônibus da empresa. Possui uma guarita onde os visitantes devem se identificar, circuito interno de TV, guardas exclusivos, e uma série de outras benfeitorias que representam atualmente quase US\$250,00 mensais pagos pelos moradores de cada casa. Esta vila é muito arborizada possuindo várias áreas verdes e parquinhos. Dentro dela existe o clube Ipê (figura 39), exclusivamente para funcionários de Itaipu, há também uma Capela e um clube de pesca, a "Toca do Pescador", criado pelos moradores desta vila para fugirem do tumulto dos outros clubes de pesca. A figura 41 mostra a planta da Vila B.

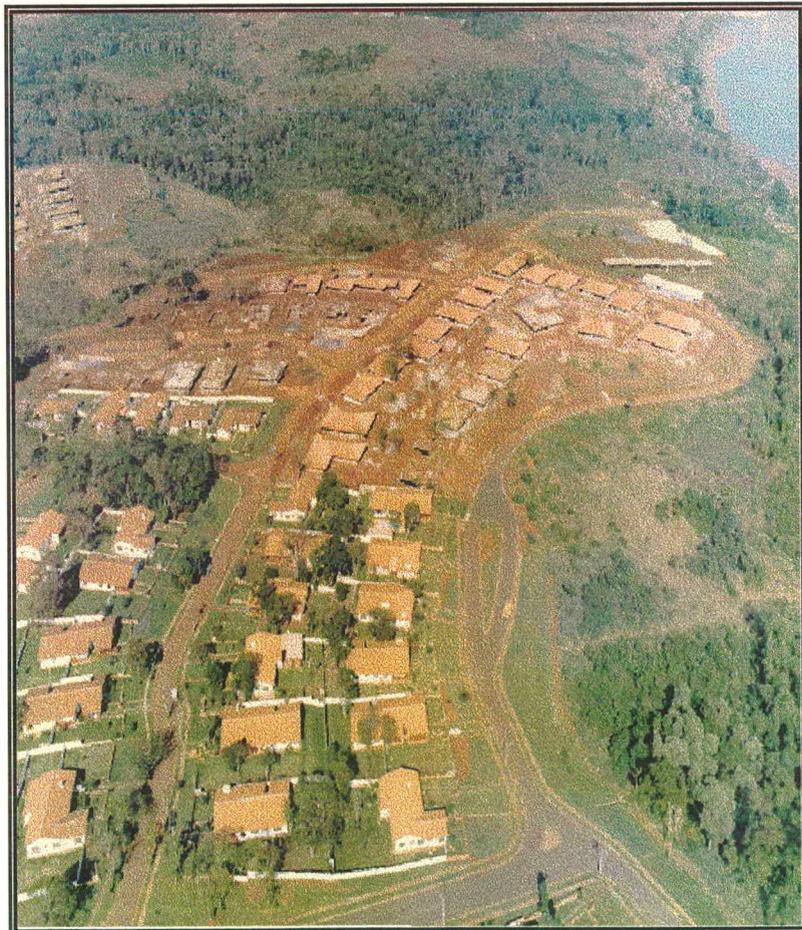


Fonte: Acervo Itaipu Binacional

Fig. 38 - Vista de casa da Vila B



Fonte: Acervo Itaipu Binacional
Fig. 39 - Vista do clube Ipê na Vila B



Fonte: Acervo Itaipu Binacional

Fig. 40 - Vista aérea da Vila B

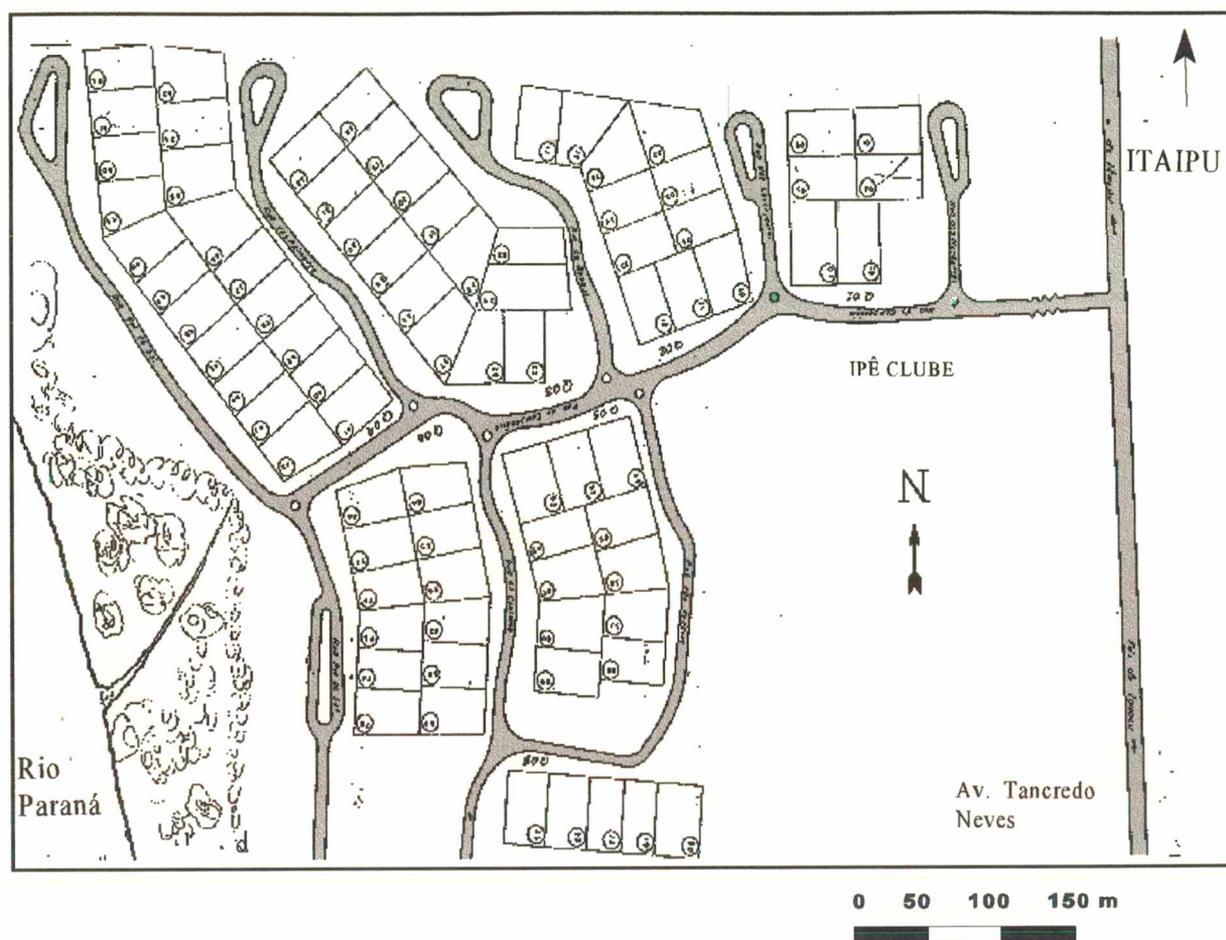


Fig. 41 - Planta da Vila B

5 - PERCEPÇÕES DO COTIDIANO DA CIDADE

5.1 - A pesquisa de campo

Para a obtenção das opiniões da população sobre aspectos relacionados com os objetivos deste trabalho, foram aplicados questionários (apêndices I e II) na população local, sendo a cidade dividida de acordo com o conceito de zonas homogêneas, critério adotado pela Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento da Prefeitura de Foz do Iguaçu na pesquisa sócio-econômica de 1991. As zonas homogêneas são formadas por vários loteamentos que correspondem quase ao conceito de bairro, uma vez que a cidade não tem bairros consolidados. A área urbana foi dividida em zonas com limites definidos segundo as características tipológicas de suas construções e de acordo com a situação sócio-econômica da sua população⁵³. A cidade dividiu-se em 16 zonas homogêneas (ZH) e duas zonas especiais (ZE). As ZE mostram grandes extensões de terras com funções específicas, não urbanas por isso não ofereceram interesse para o estudo em questão.

Foram aplicados 180 questionários em todas as zonas homogêneas da cidade⁵⁴ (tabela 8), com maior interesse nas zonas: ZH1 (centro), ZH14 (Vila A), ZH15 (Vila B) e ZH16 (Vila C). As outras zonas homogêneas foram integradas para análise sob a denominação de bairros (figura 42). A aplicação dos questionários deu-se de maneira aleatória tentando atingir todas as classes sociais e as faixas etárias dos moradores de Foz do Iguaçu. Deste total, 8 questionários foram devolvidos em branco ou

⁵³ Conceito de zonas homogêneas enunciado no Anuário Estatístico de 1994 feito pela Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento de Foz do Iguaçu.

⁵⁴ A zona homogênea 5 não foi considerada na pesquisa por tratar-se de uma área muito pouco povoada, área rural.

extraviados⁵⁵, o que representa 4,4% dos questionários, demonstrando o interesse que as pessoas tiveram em responder questões a respeito do seu cotidiano. A distribuição dos formulários foi por intermédio de associações de bairro, de escolas e pessoalmente. Alguns foram respondidos através de entrevista e os restantes pelos próprios destinatários. Houve por parte dos entrevistados uma predominância feminina, 56,4 mulheres contra 43,6 homens, talvez por serem as mulheres as que respondem com mais facilidade a este tipo de questionários. As informações dos questionários juntamente com as outras informações levantadas em conversas com a população em geral, proporcionaram uma aproximação da realidade do tipo de população encontrada nas vilas e na cidade.

TABELA 8 - Questionários aplicados por zonas homogêneas em Foz do Iguaçu

Zonas	Localidades	Questionários aplicados
ZE 1	ÁREA MILITAR	-
ZE 2	CLUBE FLORESTA, CTG	-
ZH 1	CENTRO	17
ZH 2	VILA YOLANDA, VILA ADRIANA, Jdm. ELIZA, Jdm. IGUAÇU	10
ZH 3	PORTO MEIRA, Jdm. DAS FLORES, OURO VERDE, PROFILURBS	14
ZH 4	MARACANÃ, FESTUGATO, VILA MATILDE, M'BOYCI	10
ZH 5	CARIMÃ, ESTRADA DAS CATARATAS	-
ZH 6	CAMPOS DO IGUAÇU, Jdm. TAROBÁ, LIBRAS, SÃO PAULO	13
ZH 7	Jdm. CENTRAL, Jdm. ITAMARATY, PARQUE PRESIDENTE	8
ZH 8	VILA PORTES, Jdm. JUPIRA, Jdm. AMÉRICA, VILA PARAGUAIA	8
ZH 9	RINCÃO SÃO FRANCISCO, Jdm. COPACABANA, COHAPAR	11
ZH 10	PORTAL DA FOZ, PARQUE RESIDENCIAL TRÊS BANDEIRAS	8
ZH 11	TRÊS LAGOAS, SANTA RITA, NOVO MUNDO, LOTEAMENTO WITT	6
ZH 12	AKLP, Jdm. PARANÁ, Jdm. DUARTE, VILA BRÁS	10
ZH 13	PORTO BELO, Jdm. CALIFÓRNIA, VILA SÃO SEBASTIÃO	6
ZH 14	VILA "A"	24
ZH 15	VILA "B"	16
ZH 16	VILA "C"	19

⁵⁵ Os questionários entregues em branco ou perdidos foram distribuídos nas Zh da seguinte forma: dois em cada uma das zonas homogêneas 7, 11 e 13; um nas zonas homogêneas 8 e 15 .

As informações foram armazenadas em um banco de dados, especialmente desenvolvido para tal fim, que permite a consulta e o relacionamento das informações de interesse (anexo). A análise originou-se da necessidade de entender os processos sociais dentro do contexto urbano. Mostrando como as pessoas se deixaram manipular por um "modo de ser urbano" individualista, esquecendo muitas vezes as práticas coletivas. O triunfo do individualismo faz com que se esqueçam as funções coletivas da vida urbana. Os relacionamentos baseiam-se em necessidades, em interesses de consumo e não em sentimentos espontâneos. Como afirma BERMAN (1995,21), a humanidade encontra-se em meio a uma enorme ausência e vazio de valores. O individualismo, a competitividade, o consumismo são práticas e pressões da vida econômica atual, onde os seres humanos se exploram entre si, mas ao mesmo tempo, a si mesmos.

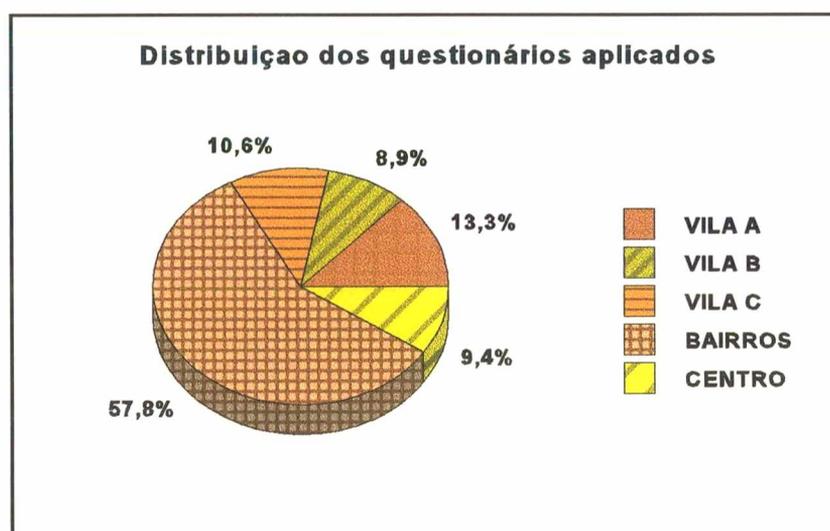


Fig. 42 - Distribuição dos questionários aplicados

5.2 - Interpretação dos dados

Através da análise dos questionários conseguiu-se extrair o "perfil" das pessoas que residem nos conjuntos habitacionais de Itaipu e fazer um comparativo com o "perfil" dos moradores do centro e dos bairros da cidade de Foz do Iguaçu. Os

conjuntos residenciais criados por Itaipu, são muito dispares do ponto de vista social. Das três vilas de Itaipu, a Vila A é a que apresenta maiores diferenças internas, desde a infra-estrutura, a morfologia das casas até a classe social dos moradores, sendo este conjunto residencial, do ponto de vista social o mais heterogêneo dos três.

Dos 180 questionários aplicados na cidade, 58 foram aplicados nas vilas de Itaipu, destes 33 foram respondidos por funcionários diretos de Itaipu. Esta diferença de 25 pessoas que moram nas vilas mas não trabalham em Itaipu, aconteceu por dois motivos, um porque são atualmente poucos os moradores da Vila C que trabalham na Itaipu, e outro por que alguns moradores da Vila A não trabalham em Itaipu e moram em casas cedidas pela Empresa. Pode-se observar que mais de 90% dos empregados da Itaipu entrevistados, residem nas vilas. Já os que não moram nas vilas são casos singulares, pessoas que optaram por morar no centro ou em bairros nobres, em imóveis próprios ou alugados.

O número de pessoas entrevistadas que tem parentes que trabalham ou que já trabalharam na empresa sobe para 105, ou seja mais de 60% do total de entrevistados. Esse dado comprovou como Itaipu marcou presença na vida da população local, e como, apesar de no decorrer dos anos ter dispensando muitos funcionários, estes permaneceram na cidade.

5.2.1 - A relação com Foz do Iguaçu

No gráfico da figura 43 observa-se que 34,9% dos entrevistados vieram para Foz do Iguaçu especificamente para trabalhar em Itaipu, 34,9%, vieram pelas expectativas de novas oportunidades de emprego, causado pelo rápido crescimento que a cidade estava enfrentando. Sendo também Itaipu responsável indiretamente por esta migração.

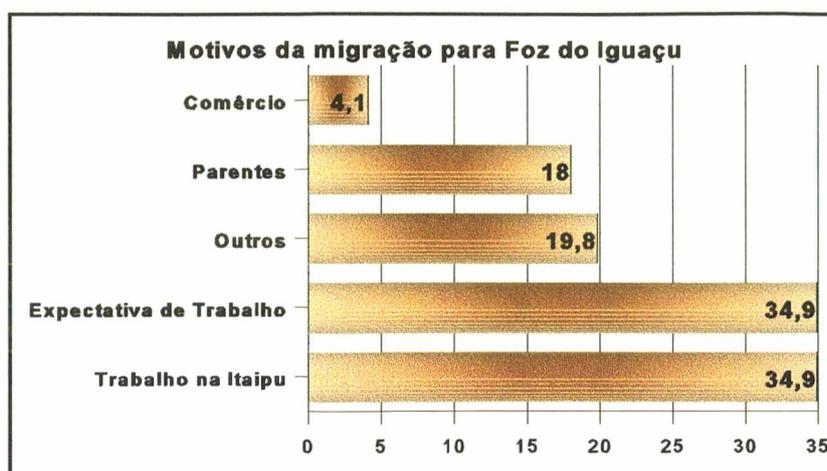


Fig. 43 - Motivos da migração para Foz do Iguaçu

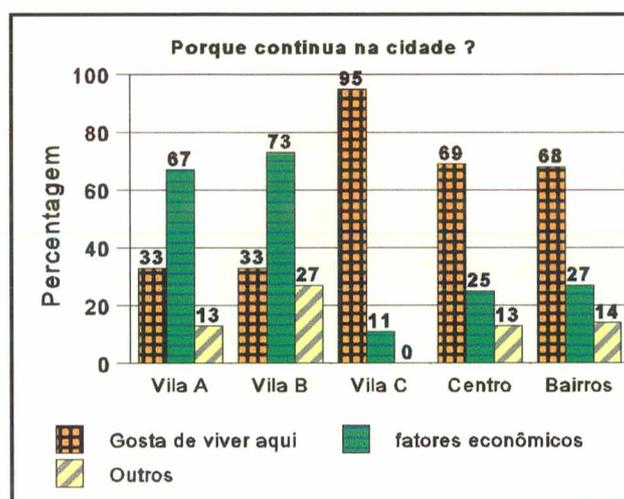


Fig. 44 - Motivos de permanência na cidade

Das pessoas entrevistadas nas vilas de Itaipu, observa-se (figura 44) que permaneceram na cidade por que gostam de morar nela 95% dos moradores da Vila C, 33% da Vila A e 33% da Vila B. Já os motivos econômicos apresentaram a seguinte distribuição: 67% da Vila A, 73% da Vila B e 11% da Vila C. Observa-se no gráfico que as respostas nos bairros e no centro são mais homogêneas. Provavelmente a grande parte dos moradores das vilas A e B continuam na cidade respaldados por vantagens econômicas.

Na Vila B, 93% dos entrevistados (figura 45) vêm dificuldade para que seus filhos permaneçam na cidade. Na Vila A é de 71%, na Vila C, onde o nível econômico é mais baixo, 58% querem que seus filhos saiam da cidade. Este número é muito significativo considerando-se que estes moradores tem um alto grau de integração com a cidade, pois permanecem nela por que gostam 93% dos entrevistados. No centro, a dificuldade é para 63% dos entrevistados, nos bairros cai para 40%. Observa-se que é generalizada a preocupação com o futuro dos filhos. Também quanto maior o poder aquisitivo menor o percentual dos entrevistados que querem que seus filhos permaneçam na cidade. A condição econômica lhes permite imaginar as pessoas queridas fora do local onde não se sentem à vontade, mesmo que não o façam.

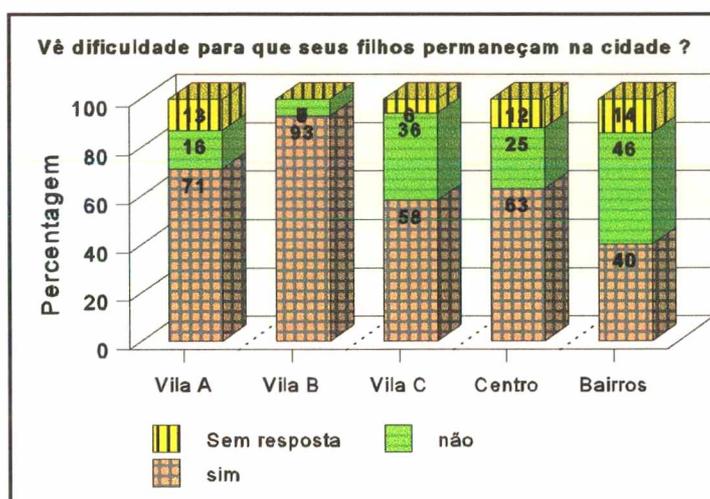


Fig. 45 - Dificuldade de permanência dos filhos na cidade

Contra-pondo-se à questão anterior, observa-se no gráfico da figura 46 que a média de 83% dos entrevistados acreditam que Foz do Iguaçu é uma cidade com futuro. A preocupação com a permanência dos filhos na cidade pode ser explicada pela falta de cursos universitários, pela falta de perspectivas profissionais e por não gostarem de viver na cidade. Apesar da maioria dos entrevistados considerar a cidade com futuro promissor, muitos ainda pensam em retornar a seus locais de origem. O que

talvez explique a falta de integração, pela ausência de enraizamentos, pela procura de um lugar no qual se identifiquem como indivíduos, e não como grupo social.

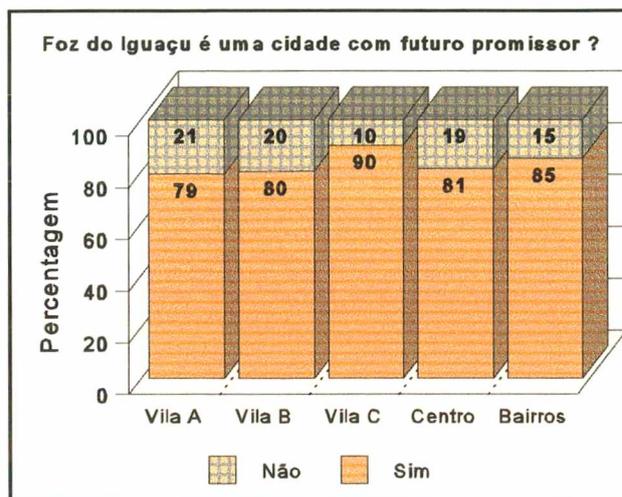


Fig. 46 - Futuro promissor da cidade

O 75% dos moradores entrevistados do centro e dos bairros, responderam que se sentem comprometidos com a cidade (figura 47), nas vilas de Itaipu variou de 33% na Vila B, 45% na Vila A e 90% na Vila C. Os moradores da Vila C são sem dúvida os que mais se sentem arraigados à cidade, talvez por esta ter-lhes oferecido condições sociais melhores às que possuíam anteriormente.

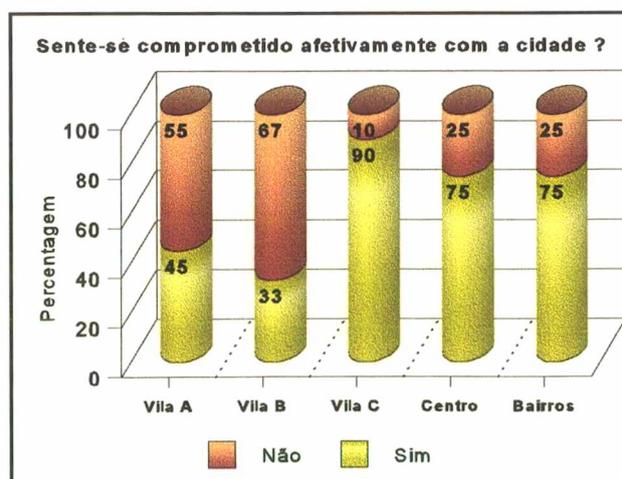


Fig. 47 - Compromisso afetivo com a cidade

Na média, 74% dos entrevistados consideram Foz do Iguaçu uma cidade confortável para viver (figura 48). As respostas na Vila A foram de 66%, na Vila B de 40%, e na Vila C de 84%. As opiniões variaram de acordo com o estrato social a que pertencem. As classes sociais com menor poder aquisitivo são menos exigentes nos parâmetros de conforto, por isso a grande maioria dos entrevistados da Vila C e dos Bairros consideraram Foz do Iguaçu uma cidade confortável. Os estratos sociais mais altos sentem falta de comércios, opções de lazer e atividades culturais. Porém, para alguns dos que vieram de cidades grandes com sérios problemas de trânsito, onde o tempo necessário para se deslocar é muito maior, problemas de segurança e de violência, consideram a cidade de Foz do Iguaçu muito confortável. Isso demonstra como as opiniões mudam de acordo com as experiências e com a maneira como se integraram com a cidade.

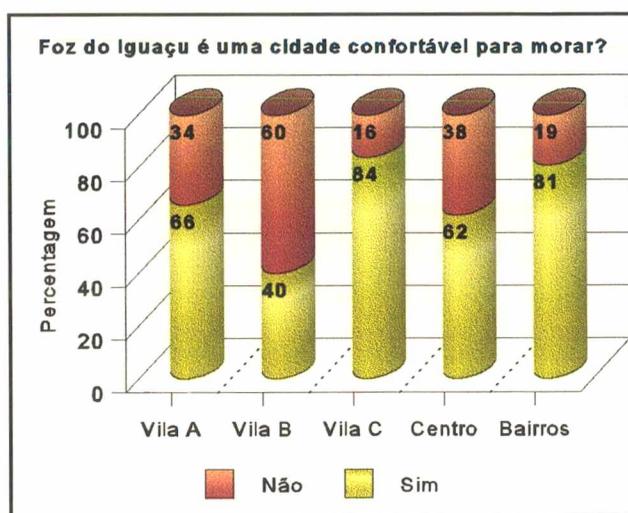


Fig. 48 - O conforto da cidade

Com relação à pergunta da vontade de voltar para os locais de origem (figura 49) as respostas na Vila A foram favoráveis em 41% dos casos, na Vila B o número sobe para 67% e na Vila C diminui para menos de 16%. Observa-se nas vilas que quanto menor o poder aquisitivo mais difícil se torna imaginar um deslocamento para fora da

cidade. Os entrevistados do centro e dos bairros sentem-se muito mais estabelecidos que os das vilas de Itaipu. Tem que ser considerado que para alguns voltar ao lugar de origem significa um retrocesso em suas vidas, já que o local pode não apresentar mais atrativos do ponto de vista familiar, econômico ou de afeição.

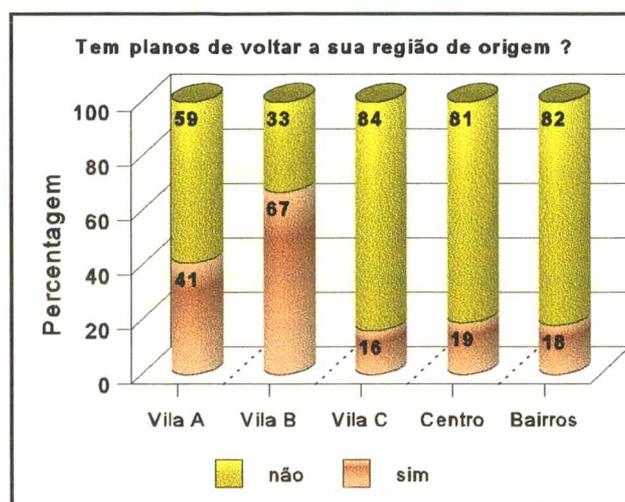


Fig. 49 - Planos de voltar à região de origem

Nas vilas de Itaipu existe concentração de população com faixa etária variando de 5 a 19 anos e uma diminuição na faixa de 20 a 29 anos, aumentando na faixa de 30 a 45 anos. Isso prova que as vilas são totalmente ativas, não há lugar para aposentados, pois seus moradores estão produzindo. Esta é mais uma diferença com qualquer outro bairro da cidade que acolhe os aposentados e os inativos. A população da Vila C é a única que não mostra variações nas faixas etárias de 5 a 39 anos, diminuindo na faixa acima de 39 anos. Isto demonstra que nas vilas quanto mais alto o poder aquisitivo das pessoas, menos seus filhos permanecem na cidade para cursar a universidade, provocando desarraigo com a cidade.

Na cidade de Foz do Iguaçu, no período de 80 a 89 a educação de primeiro grau era atendida principalmente pelo Estado, logo por escolas particulares e por último pela rede municipal, hoje as escolas particulares perderam 20% do mercado. Já no segundo

grau as escolas particulares disputavam o mercado com as estaduais meio a meio, mas após 1989 as escolas particulares vem perdendo alunos. Esta diminuição nas matrículas dos alunos particulares se explica pela crise nacional e pela crise que passou a viver a cidade após as massivas demissões de Itaipu.

TABELA 9 - Grau de Instrução por Zona Homogênea

ZONAS HOMOGÊNEAS	SEM ESCOLARIDADE %	1º GRAU %	2º GRAU %	NÍVEL SUPERIOR %
ZH 1	20,05	42,4	24,38	13,17
ZH 2	13,15	60,57	19,01	7,27
ZH 3	20,92	72,46	5,97	0,65
ZH 4	13,9	61,29	16,94	7,87
ZH 5	21,64	67,77	8,16	2,43
ZH 6	17,23	62,78	15,16	4,83
ZH 7	36,88	39,93	16,08	7,11
ZH 8	19,27	62,26	14,67	3,8
ZH 9	21,16	73,59	4,75	0,5
ZH 10	22,19	70,73	6,19	0,89
ZH 11	46,76	48,53	4,37	0,34
ZH 12	11,68	69,95	15,48	2,89
ZH 13	22,72	72,15	4,56	0,57
ZH 14 (A)	8,05	51,62	30,31	10,02
ZH 15 (B)	7,63	31,37	21,8	39,2
ZH 16 (C)	15,6	72,65	10,41	1,34

Fonte: PMFI - Pesquisa sócio-econômica 1991

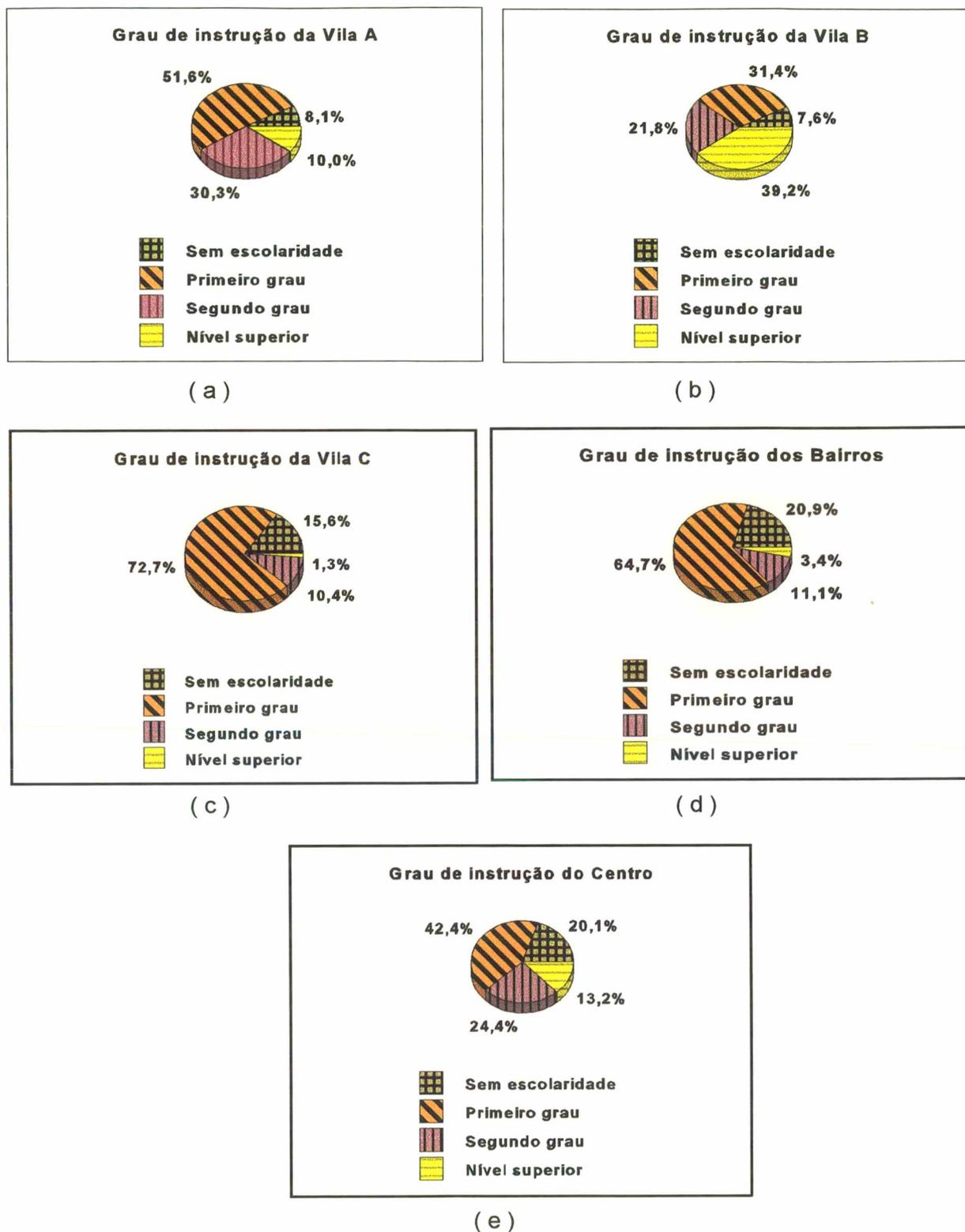


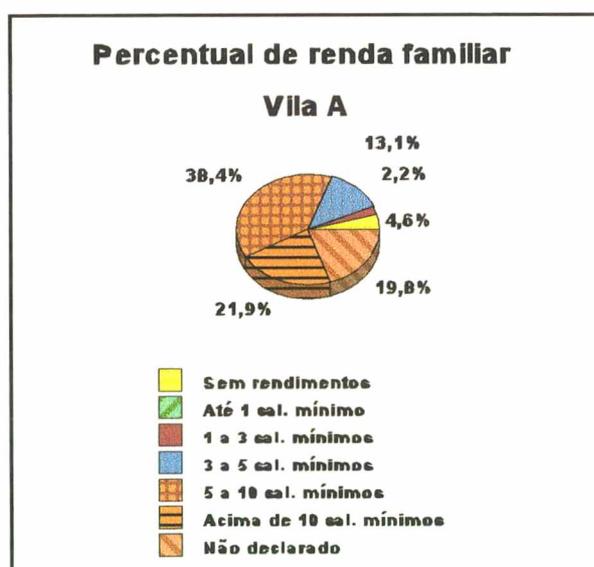
Fig. 50- Distribuição do grau de instrução

Fica claro nos gráficos da figura 50 que tanto a nível de segundo grau como de nível superior destaca-se uma predominância das vilas B, A e do centro da cidade.

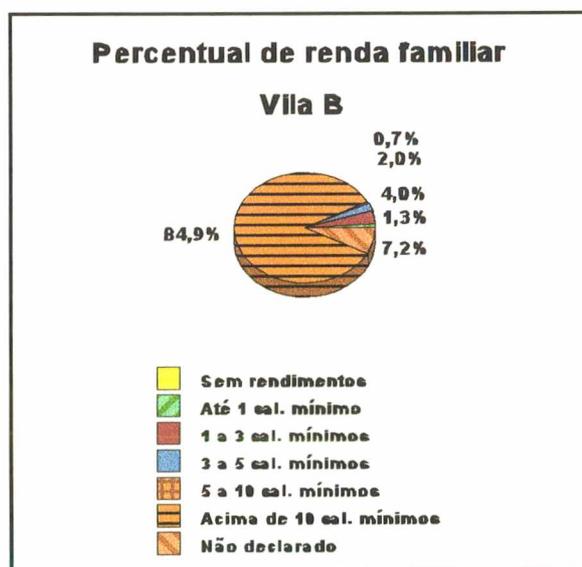
TABELA 10 - Percentual de renda familiar por Zona Homogênea

ZONAS HOMOG.	Sem Rendim.	Até 1 Salário mínimo	1 a 3 Salários mínimos	3 a 5 Salários mínimos	5 a 10 Salários mínimos	Acima de 10 Salários mínimos	Não declarado
ZH 1	1,43	4,34	17,31	11,81	14,86	20,17	30,08
ZH 2	4,76	4,20	25,03	14,15	16,03	16,77	19,06
ZH 3	4,72	15,58	46,91	16,73	6,89	1,50	7,67
ZH 4	2,91	5,89	25,53	15,81	19,00	16,47	14,39
ZH 5	1,10	9,34	30,08	10,30	11,26	3,37	33,95
ZH 6	5,61	5,27	25,47	13,27	14,78	11,83	23,77
ZH 7	4,22	6,70	20,47	12,28	14,10	17,62	24,57
ZH 8	5,29	5,03	24,67	19,16	11,79	9,00	25,06
ZH 9	4,85	8,61	39,69	13,83	6,27	1,74	25,01
ZH 10	2,26	5,50	40,68	16,13	12,22	3,36	19,85
ZH 11	3,44	15,25	39,84	11,89	9,24	2,50	17,84
ZH 12	5,59	10,78	35,98	14,96	12,39	4,93	15,37
ZH 13	6,81	8,21	44,91	17,46	6,41	2,69	12,81
ZH 14 (A)	4,57	-	2,22	13,08	38,41	21,91	19,81
ZH 15 (B)	-	1,32	3,95	1,97	0,66	84,86	7,24
ZH 16 (C)	15,68	1,14	33,52	23,95	20,96	1,80	2,95

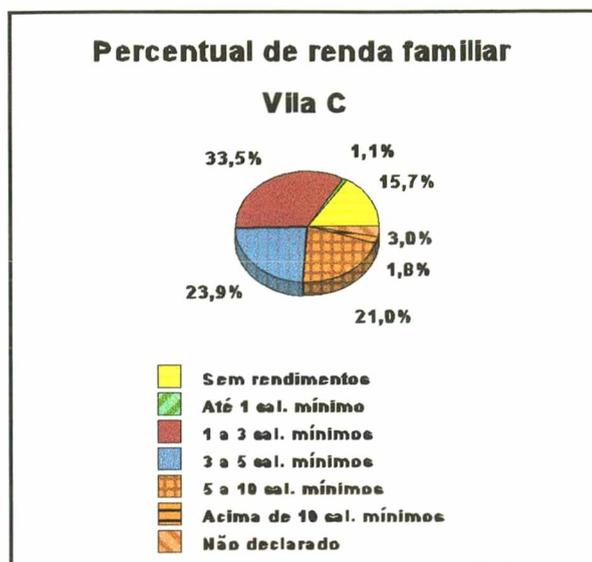
Fonte: PMFI - Pesquisa sócio-econômica 1991



(a)



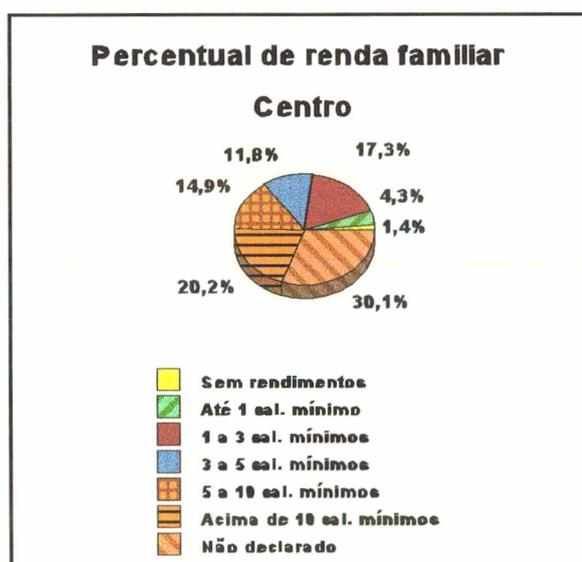
(b)



(c)



(d)



(e)

Fig. 51 - Distribuição da renda familiar

A tabela 10 e os gráficos da figura 51 apresentam a distribuição de renda familiar nas vilas, no centro e nos bairros, mantendo a similitude com a distribuição da escolaridade. Estes aspectos comprovam as diferenças sociais dentro do espaço urbano, onde pela ocupação do espaço percebe-se as diferenças de classes.

5.2.2 - A relação com o local de moradia

A Vila B é considerada muito boa por 73% dos entrevistados, a Vila A por 45% e a Vila C por 68%. Deve ser levado em conta a situação de origem dos entrevistados e suas aspirações para melhor entender a distribuição das opiniões (figura 52), uma vez que a Vila A é a mais heterogênea, a Vila C a mais humilde e a Vila B a de melhor poder aquisitivo. O percentual dos moradores do centro e dos moradores dos bairros que consideraram seus locais de moradia muito bons, ficou muito abaixo do percentual de entrevistados das vilas.

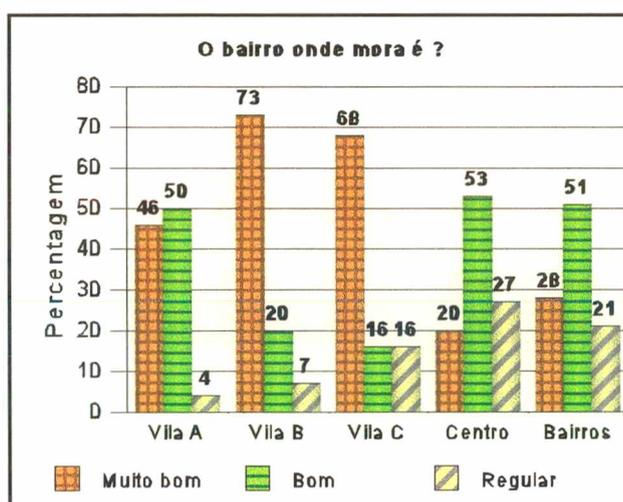


Fig. 52 - Qualificação do bairro

Na Vila A 13% dos entrevistados (figura 53) gostaria de mudar-se, mas somente 4% consideraram o bairro regular, o que mostra que o problema não é o bairro e sim a insatisfação pessoal, provocada talvez pela falta de opção de escolha em relação à moradia. Apesar dos defeitos apontados pelos entrevistados das vilas, o fato de morar sem ônus, diminui as cobranças e permite o esquecimento de alguns transtornos. Na Vila C, 16% consideram o bairro regular, mas somente 10% expressaram a vontade de mudar-se. Para as camadas mais pobres da sociedade imaginar-se dentro de padrões que impliquem mudanças é muito difícil. Eles tem um convívio maior com a realidade,

e o sonho, quando desnecessário traz sofrimento e angústia.

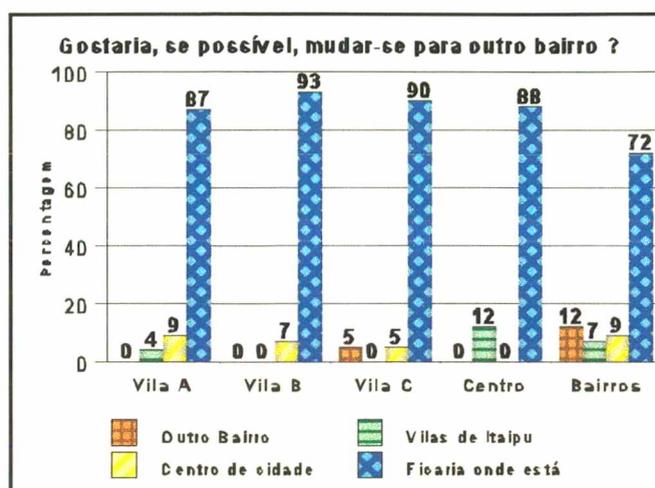


Fig. 53 - Mudança para outro bairro

O 12% dos moradores entrevistados do centro da cidade gostariam de mudar-se para as vilas, talvez por considerarem que o conforto e a calma nelas sejam melhores. Apesar de tudo 88% querem permanecer no mesmo lugar, isso talvez se deva ao fato do centro continuar sendo uma área nobre, sem as deteriorações que se fazem presentes nas áreas centrais de outras cidades. Nos bairros o percentual de pessoas que gostariam de mudar-se para outros bairros é de 12%, para o centro 9% e cai para 7% quando o local da mudança são as vilas de Itaipu. Mesmo reconhecendo a qualidade de vida no referente à infra-estrutura, reconhecendo as belezas das vilas as pessoas se ressentem de mudar-se para elas. O número de entrevistados que afirmaram querer mudar-se dos bairros em que moram foi pequeno se comparado ao número de entrevistados que consideraram o local de residência carente de infra-estrutura, afastado e regular.

Como afirma LEDRUT(1971,196), quando os indivíduos de um bairro sentem-se afastados do centro com relação à distância física, este afastamento se traduz em falta de participação e de integração com a cidade. Pela definição de LEDRUT, e pelos

comparativos das respostas, os moradores das vilas sentem-se isolados, este isolamento se traduz em falta de participação. Os moradores das vilas sentem esse distanciamento de maneira diferente (figura 54).

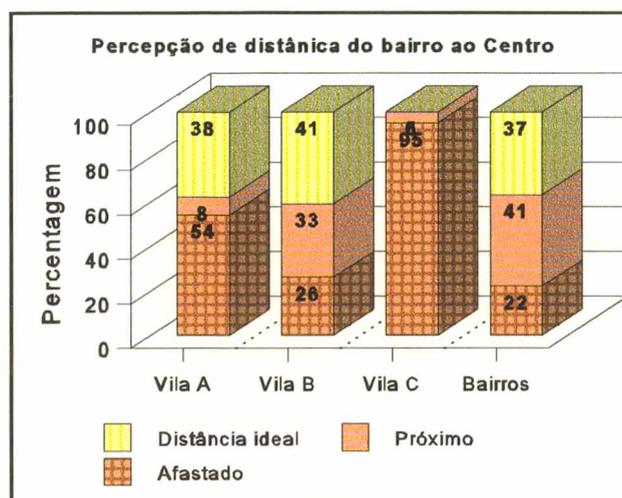


Fig. 54 - Percepção de distância ao centro

Na Vila A, 54% das pessoas consideram que vivem afastados do centro, somente 8% responderam que estão próximas. Na Vila B, 26% consideram que moram afastados e 33% que moram próximos. Na Vila C, 95% dos entrevistados consideram que moram afastados do centro. Deve ser levado em consideração o meio de locomoção utilizado para deslocar-se de um lugar a outro, pois evidentemente para quem utiliza ônibus, a distância parece ser maior do que para quem se desloca de carro, o conforto e o fato de não perder tempo em pontos de ônibus, faz com que as distâncias se apresentem diferentes. As entrevistas nos outros bairros da cidade mostraram que 22% das pessoas consideram que moram afastadas do centro, mas 41% consideram-se próximas, o que pode significar que até os mais pobres se sentem participantes dos acontecimentos da cidade, enquanto que nas vilas a participação se dá de acordo com o poder aquisitivo. Um meio de transporte melhor lhes garante uma aproximação ilusória do ponto de vista da distância física, o que também torna-se irreal

do ponto de vista social. O deslocamento das vilas para o centro ou outros bairros e vice-versa, acontece com algumas dificuldades para aqueles que não possuem meios de transporte próprio, pois os serviços de ônibus são deficientes no atendimento de horários e percursos. Os grandes prejudicados são os jovens, os velhos e principalmente os trabalhadores que se deslocam diariamente, como empregadas, funcionários dos clubes, jardineiros, etc.

O gráfico da figura 55 mostra que a maioria das pessoas entrevistadas nas vilas A e B afirmaram que freqüentam outros bairros em função de comércios e amigos principalmente. Os moradores dos bairros e do centro apresentaram um percentual mais elevado, 90% e 93% respectivamente. Eles frequentam outros bairros principalmente a trabalho, em visita a amigos e a lazer. Os entrevistados da Vila C mostraram um comportamento diferente aos demais, somente 5% responderam que saem da Vila C para outros bairros. A maioria o faz para trabalhar, pois as visitas a amigos, o lazer e as compras são efetuadas dentro da mesma vila. Duas observações podem ser feitas com este comportamento, o alto grau de integração interno e a falta de comunicação externa. Apesar das pessoas desta vila sentirem-se muito arraigadas e comprometidas com a cidade não se integraram a ela como poderiam, talvez os problemas sejam a distância e o serviço de ônibus que é bastante reduzido.

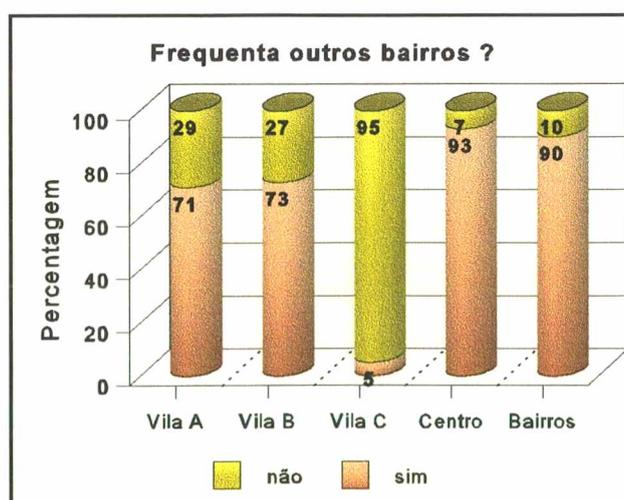


Fig. 55 - A freqüência a outros bairros

Os moradores das vilas afirmaram que saem destas, principalmente pela falta de comércios. As saídas em sua maioria não são diárias e acontecem como meio de satisfazer alguma necessidade básica (compras, lazer). Dos entrevistados da Vila A, 83% responderam que se deslocam para o centro ou para outros bairros a procura de comércios, na Vila B, 93% dos entrevistados afirmaram que se deslocam por falta de comércios. Na Vila C o número é menor, 52%, pois atualmente conta com inúmeros comércios em seu interior, após ser vendida, muitas casas tornaram-se estabelecimentos comerciais.

Dos entrevistados da Vila B, 20% vão ao centro ou a outros bairros todos os dias, 21% da Vila C e 29% da Vila A (figura 56). Grande parte dos entrevistados que se deslocam todos os dias o fazem geralmente por trabalharem em outro lugar. Com relação aos moradores do centro e dos bairros, a maioria respondeu que frequentam o centro ou outros bairros todos os dias, para trabalhar e fazer compras.

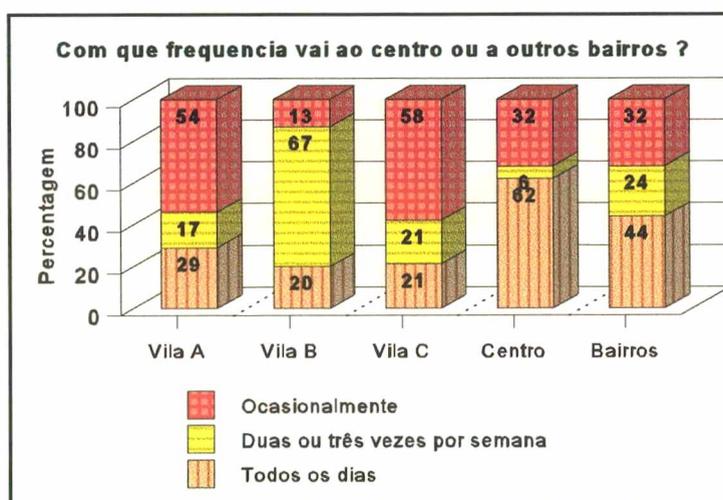


Fig. 56 - A frequência ao centro e a outros bairros

5.2.3 - A relação com o lazer e as atividades sociais

Quanto ao local onde os entrevistados das vilas passam as festas de fim de ano (figura 57), 38% da Vila A responderam que passam com parentes, 46% que passam

nas cidades de origem e 37% ficam em Foz do Iguaçu. Na Vila B, 47% das pessoas responderam que ficam em Foz do Iguaçu, 60% que passa com parentes e 47% nas cidades de origem. Na Vila C, 84% das pessoas responderam que passam as festas em Foz do Iguaçu e 16% na cidade de origem. O alto percentual de pessoas da Vila C que ficam durante as festas em Foz do Iguaçu pode ser explicado pelo baixo poder aquisitivo.

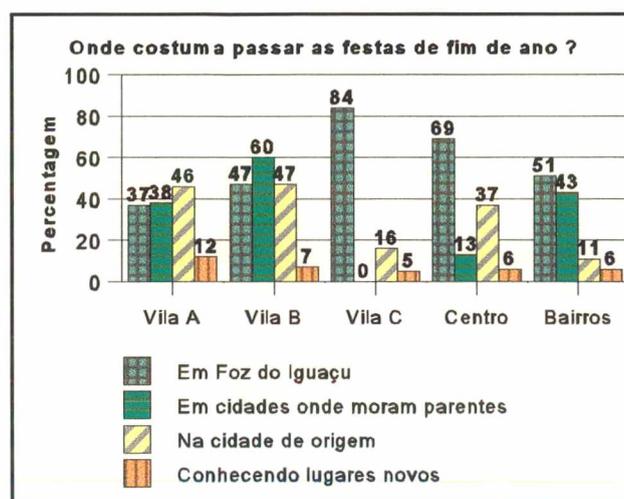


Fig. 57 - O lugar das festas de final de ano

Dos entrevistados do centro e dos bairros a maioria respondeu que permanece em Foz do Iguaçu, talvez o motivo seja que saem da cidade quando gozam as férias. De todos os entrevistados poucos responderam que passam as festas de final de ano conhecendo lugares novos, estas datas geralmente possuem uma forte carga afetiva, por isso as pessoas procuram, quando possível, locais representativos.

Com relação ao aproveitamento das áreas verdes de Itaipu (figura 58), responderam que nunca as utilizam 42% dos entrevistados da Vila A, 33% da Vila B, 68% da Vila C, percentuais elevados para locais gratuitos, próximos e agradáveis, mais ainda se considerado que a cidade não possui praticamente praças e áreas verdes. Fora o Parque Nacional do Iguaçu, que fica afastado e cujo ingresso custa mais de US\$ 3,00 por pessoa. Dos entrevistados 88% do centro e 70% dos outros bairros,

responderam que não frequentam as áreas verdes das vilas quase nunca, este dado demonstra que falta uma ligação entre as vilas e as demais áreas da cidade.

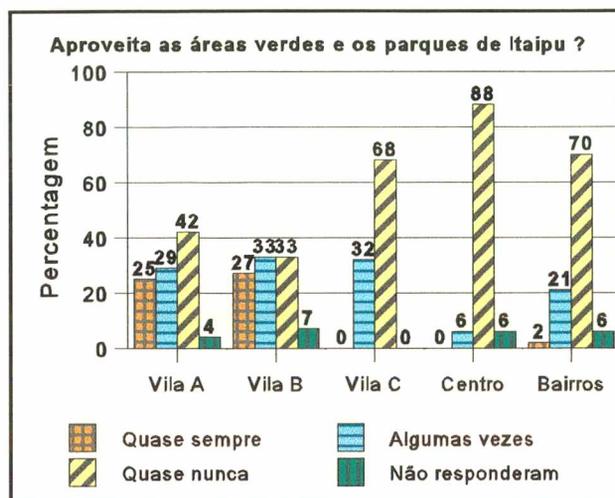


Fig. 58 - Aproveitamento de áreas verdes

O gráfico da figura 59 mostra que as pessoas mais humildes são as mais solidárias, sendo as menos exigentes nos relacionamentos. Para eles, vizinho é quase sempre sinônimo de amigo, são os que primeiro irão ajudar diante de qualquer eventualidade. Pode-se afirmar que nos bairros mais pobres os relacionamentos internos entre as pessoas fluem com maior facilidade, as carências acentuam a solidariedade entre as pessoas, levando a que se façam vínculos de amizade.

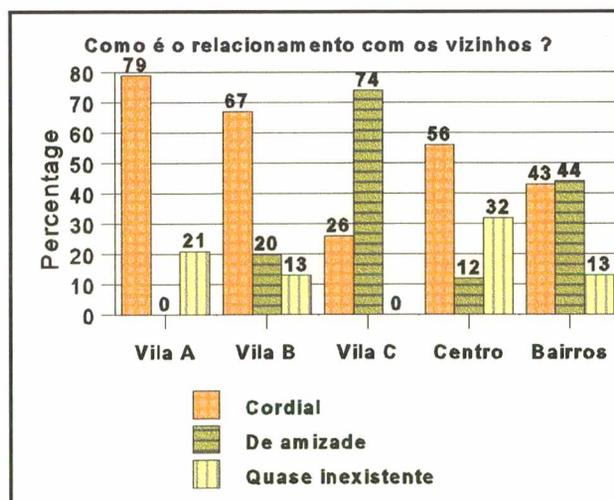


Fig. 59 - O relacionamento com os vizinhos

Os relacionamentos de ajuda, de apoio e de amparo na Vila C são maiores que nas outras vilas, talvez pelo fato de perceberem que não estão num local temporário e sim permanente. Ser proprietários das casas lhes concede essa permanência. Na Vila B este percentual de amizade cai para 20%, mas se mostra maior que o da Vila A, que é de 0%, onde as pessoas tem somente relações cordiais com os vizinhos e não de amizade. Talvez o fato de residirem na Vila B pessoas do mesmo estrato social, facilite o entendimento e as amizades com os vizinhos. Este fenômeno também ocorre nos bairros com certa homogeneidade, no que se refere às condições sócio-econômicas dos seus moradores, como a exemplo dos condomínios fechados e da própria Vila B. Na Vila A, a mistura de estratos sociais é muito intensa e a concorrência para ascender em cargos ou benefícios é muito grande. O pequeno relacionamento com os vizinhos não é produto de falta de tempo, já que a maioria reside nas vilas há mais de 5 anos. Nota-se que as relações de ajuda e amizade tem relação direta com a estratificação social. Pelas respostas, a Vila A mostra uma indiferença muito grande pelos moradores tanto da própria vila como pelos moradores da cidade. Viver dentro das vilas provoca uma pressão social intensa, onde a solidariedade com o decorrer do tempo vai se perdendo. Nas vilas A e B a maioria dos relacionamentos são de caráter prático e não de amizade.

A grande maioria dos moradores das vilas não tem nenhum parente próximo, a não ser os do núcleo familiar direto (conjugue, filhos), fator que facilitaria o convívio com outras pessoas a fim de aumentar o seu relacionamento dentro da coletividade em que estão inseridos.

O número de entrevistados na Vila A que freqüentam associação de bairro é de 4% (figura 60), talvez seja por causa da heterogeneidade dos moradores ou pela falta de interesse político definido desta associação. Na Vila B o percentual é de 27%, possivelmente por causa da homogeneidade dos moradores, e pelo tratamento no

âmbito dessa associação das questões de condomínio. Na Vila C sobe para 42%, mostrando a participação dos moradores nas decisões do bairro, e nas atividades esportivas.

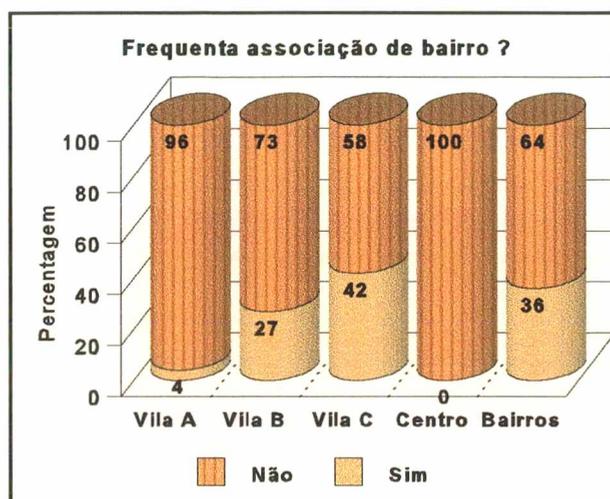


Fig. 60 - A participação na associação de bairro

Dos entrevistados do centro da cidade 100% responderam que não freqüentam associações de moradores. O centro das cidades geralmente é muito heterogêneo e de difícil contato entre as pessoas, ele possui um ritmo próprio. Nos bairros o percentual de pessoas que freqüentam associações de bairro ⁵⁶ é de 36%, significando que neles estas funcionam como aglutinadoras de práticas sociais, esportivas e religiosas.

Os entrevistados responderam que utilizam seu tempo livre principalmente para freqüentar casas de amigos, ficar em casa, ir a restaurantes e comércios. Dos entrevistados da Vila A, 30% freqüentam comércios, 58% ficam em casa, 54% freqüentam casas de amigos e 63% vão a restaurantes. Na Vila B as respostas foram similares 20% freqüentam comércios, 80% ficam em casa, 67% vão à casa de amigos

⁵⁶ As associações de bairro de Foz do Iguaçu, não possuem atividades políticas definidas. Os que participam de associações de bairro estão ligados a religião ou a atividades sócio desportivas.

e 67% vão a restaurantes. Na Vila C notam-se comportamentos diferentes para a utilização dos tempos livres, 10% freqüentam comércios, 53% ficam em casa, 58% vão à casa de amigos e somente 5% freqüentam restaurantes. Mais uma vez as grandes diferenças aparecem respaldadas no poder econômico de cada grupo. Dos outros entrevistados a diferença mais significativa também é a falta de possibilidades econômicas para fazer uso de serviços como, restaurantes, que são freqüentados por 40% das pessoas que moram no centro e por 18% das pessoas que moram nos outros bairros.

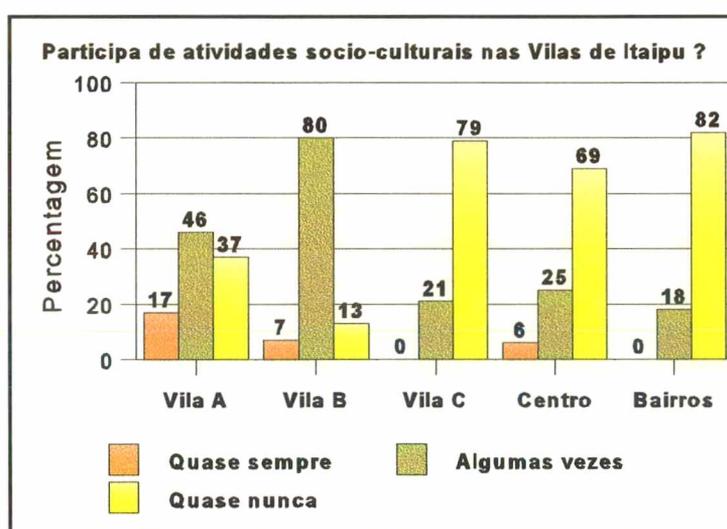


Fig. 61 - Participação em atividades sócio-culturais

Mais de 75% dos entrevistados da cidade não participam de atividades culturais (figura 61), já nas vilas isto se modifica bastante, talvez pelo fato da maioria das pessoas terem vindo de cidades maiores, ou por não terem parentes na cidade ou ainda pelo fato de terem um poder aquisitivo maior. No referente à participação dos moradores nas atividades culturais dentro das vilas, o percentual dos entrevistados que o fazem quase sempre, foi, 7% na Vila B, 17% na Vila A e 0% na Vila C. Os moradores da Vila C mostraram uma total falta de interesse pelos acontecimentos sócio-culturais. Este fato justifica-se mais uma vez pelo baixo poder aquisitivo da população ali

residente e pela falta de costume em participar de eventos culturais. Os entrevistados dos bairros apresentaram respostas similares às da Vila C, a distância e o baixo poder aquisitivo talvez sejam os motivos para esta falta de participação. Dos entrevistados do centro somente 6% participam com frequência de atividades nas vilas, possivelmente seja este mais um indicador da resistência à integração.

A segurança foi a maior preocupação para os entrevistados. Na Vila C, 89% das pessoas responderam que a maior carência do bairro é a segurança, os índices de violência desta vila aumentaram consideravelmente depois da venda a seus moradores, deixando de contar com a força de segurança de Itaipu. Na Vila B a segurança é uma preocupação para somente 7% dos entrevistados, pois possui um esquema de segurança particular que a protege. Na Vila A, a preocupação com a segurança ficou em primeiro lugar com 75%, isso se deve a que hoje ela é um lugar de passagem para outros bairros e ao fato de estar próxima de favelas.

Os transportes coletivos foram uma preocupação para 79% dos entrevistados da Vila C, 54% da Vila A e 67% da Vila B. O fato desta última apresentar uma preocupação grande sobre o tema, deve-se a que não existe circulação de ônibus dentro dela. No centro a preocupação com os transportes foi inexistente. Nos bairros a preocupação foi de 26%, índice baixo se comparado com as vilas.

O lazer ficou em terceiro lugar entre as preocupações dos entrevistados. Na Vila A foi de 46%, na Vila B 13%, na Vila C 53%, no centro 44% e nos bairros 52%. O percentual alto na Vila C e nos bairros possivelmente se deva ao lazer gratuito. A falta de espaços culturais foi a quarta preocupação com a seguinte distribuição de respostas, Vila A 54%, Vila B 33%, Vila C 26%, no centro 37% e nos bairros 45%.

Dos entrevistados, 50% responderam que lêem os jornais locais, sendo que na análise separada dos conjuntos residenciais de Itaipu este percentual é de 40% nas vilas A e B e 36% na Vila C. Responderam que assinam jornais nacionais 42% dos

entrevistados da Vila A, 47% da Vila B e somente 5% da Vila C. A média geral dos entrevistados que assinam jornais nacionais é de 21%. A cidade não possui jornais de renome a nível regional, os que circulam somente trazem notícias locais muito limitadas, talvez por isso um número significativo assine, e não somente leia, jornais de outras regiões. Entre os mais lidos estão a Folha de São Paulo e o Zero Hora. Itaipu possui jornais próprios que são editados individualmente pela margem direita em espanhol e pela margem esquerda em português. A edição é mensal e a distribuição gratuita para todos os funcionários de acordo com a margem à que pertencem.

5.2.4 - A relação com a Itaipu e as Vilas

Com relação à percepção de integração entre as vilas e a cidade (figura 62), aproximadamente 30% de todos os entrevistados consideraram que não existe falta de integração, não sendo afetados em nada pela comunicação centro-vilas, vilas-centro. As pessoas da Vila A são as que menos se preocuparam com o isolamento, 42% dos entrevistados desta vila não sentem falta de integração com os moradores da cidade. Na Vila B o resultado é similar, 40% não querem ou não precisam de uma maior integração. A Vila C novamente apresenta a grande diferença, 89% querem uma maior integração com a cidade. Percentual similar acontece com as respostas dos moradores do centro, eles também gostariam de ter um intercâmbio, uma integração maior com os moradores das vilas. Inclusive por que a distância destas ao centro não é tão grande.

Talvez o distanciamento físico tenha sido a diferença no percentual de respostas dos entrevistados dos bairros, onde 70% querem a integração. De forma geral é uma carência que aparece nas resposta da grande maioria dos entrevistados. Querer já é o primeiro passo para poder fazer, talvez após 20 anos se esteja caminhando para isso.

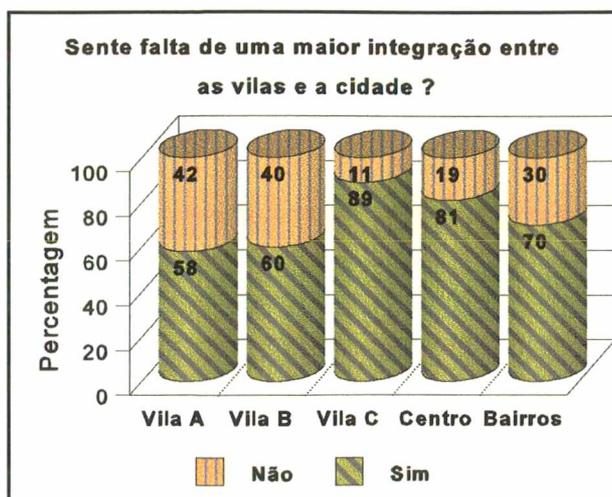


Fig. 62 - Integração das vilas com a cidade

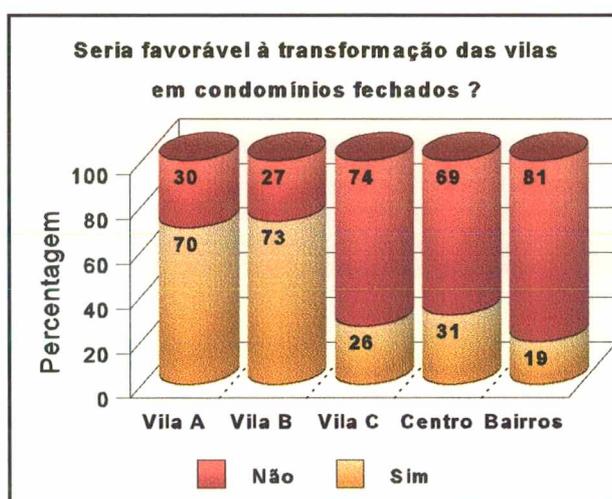


Fig. 63 - A transformação das vilas em condomínios

Na Vila A 70% dos entrevistados são favoráveis a condomínios fechados (figura 63), na vila B são 73%, percentuais muito próximos, que de certa forma se contradizem com as respostas do gráfico anterior, onde querem uma integração, mas gostariam de isolar-se em condomínios fechados. Os condomínios fechados são a maneira mais moderna de grupos sociais se excluírem se segregarem e de serem segregados da sociedade que os rodeia. Na Vila C somente 26% dos entrevistados foram favoráveis a condomínios fechados, respostas mais coerentes com o gráfico anterior, se bem que

muitos não soubessem o que isso significava. Nas entrevistas feitas com moradores do centro da cidade 31% concorda que as vilas passem a ser condomínios fechados. Nos bairros 19% também concordam, respostas que condizem com o gráfico anterior.

Para os trabalhadores de Itaipu a empresa não tem tanto destaque na cidade de Foz do Iguaçu como para as pessoas que não trabalham nela, este detalhe se percebe no percentual de 62% dos moradores que não trabalham em Itaipu e que consideram esta como um destaque da cidade, contra 44% dos empregados da empresa. Talvez isto aconteça com os moradores da cidade de forma mais eminente, como parte de um sentimento de pertencer ao processo Itaipu do qual sempre se sentiram excluídos.

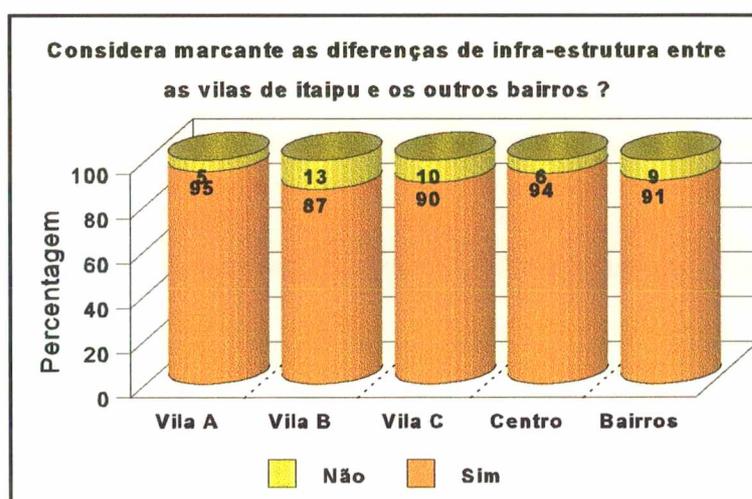


Fig. 64 - Diferenças de infra-estrutura

Para mais de 91% da população entrevistada existem diferenças marcantes entre as vilas de Itaipu e o restante da cidade(figura 64). O número de entrevistados das vilas que consideram que não existem diferenças é de 9%. Percebe-se que a grande maioria da população da cidade de Foz do Iguaçu é consciente das diferenças, tanto morfológicas, funcionais e sociais que existem nas vilas de Itaipu. Praticamente ninguém desconhece ou nega estas diferenças.

Dos entrevistados que moram nas vilas de Itaipu, 97% consideram que a empresa

Ihes trouxe algum tipo de benefício (figura 65), destacando-se em primeiro lugar o econômico com 40%, seguido do profissional com 32%. Para 45% dos entrevistados da cidade, Itaipu trouxe benefícios relacionados com fatores econômicos, devido ao grande crescimento da cidade.

Para 86% dos moradores da cidade, Itaipu favoreceu o turismo em Foz do Iguaçu, opinião compartilhada por 94% dos entrevistados das vilas.

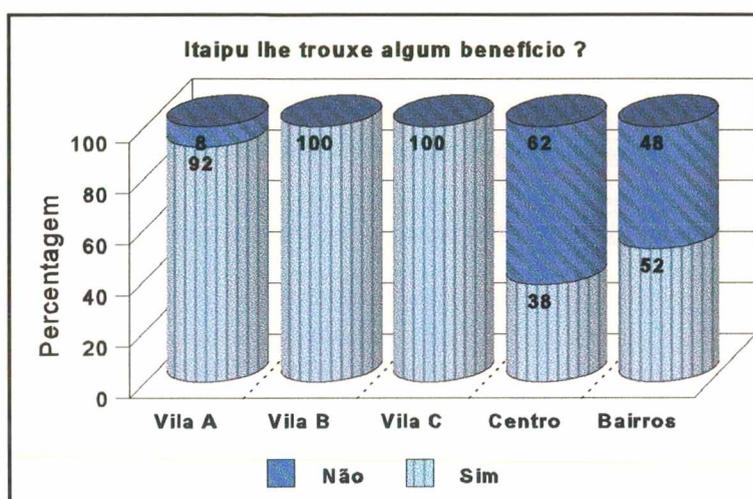


Fig. 65 - O benefício de Itaipu para os moradores

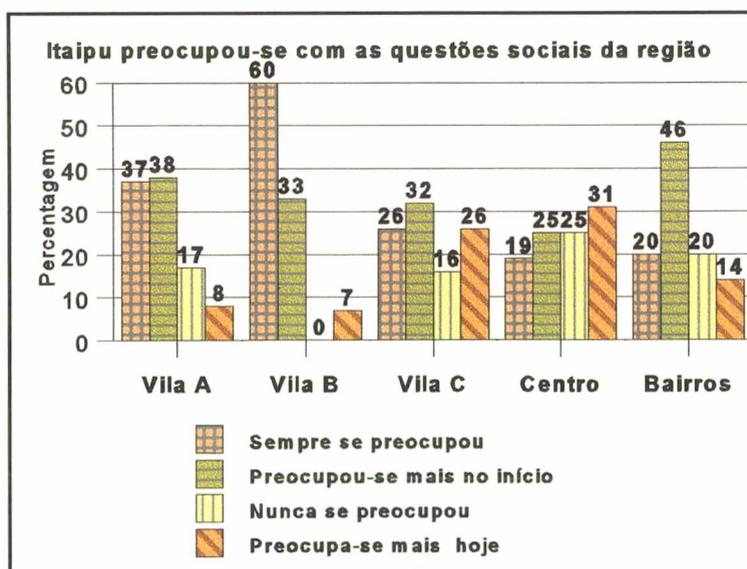


Fig. 66 - Preocupação da Itaipu com as questões sociais

Dos moradores das vilas de Itaipu, 41% consideram que a empresa sempre se preocupou com as questões sociais da cidade (figura 66), já para os moradores da cidade, somente 19% opina da mesma forma. Para 11% dos entrevistados das vilas, Itaipu nunca se preocupou, a opinião dos moradores da cidade foi de 22%, esta diferença mostra as diferentes formas de sentir a problemática social dentro da cidade de Foz do Iguaçu. Com relação a Itaipu ter contribuído com o aumento das favelas nas cidade de Foz do Iguaçu (figura 67), 53% dos entrevistados das vilas e 66% dos moradores da cidades responderam que sim. Em ambos casos um percentual muito elevado, o que de certa forma seria justificado pela proliferação de favelas durante a década de 80. O percentual mais alto da afirmativa, 70%, moram nos bairros, onde alguns dos entrevistados foram demitidos pela empresa.

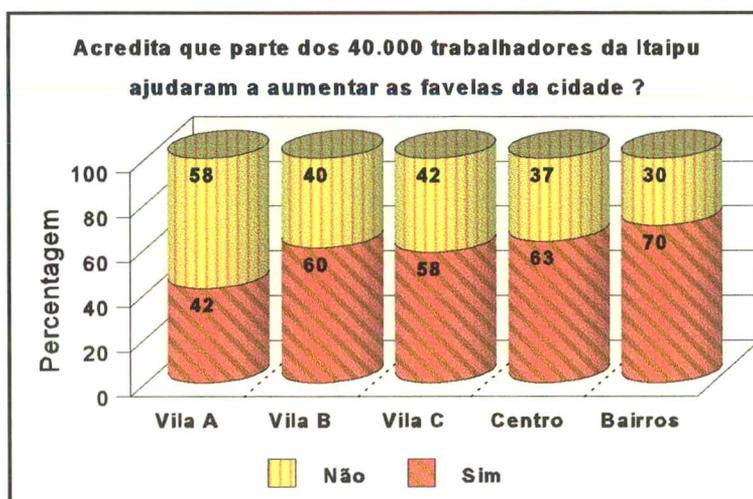


Fig. 67 - Itaipu e o aumento das favelas

Para os entrevistados o que mais contribuiu com o aumento da marginalidade na cidade foi em primeiro lugar, com 51% das opiniões, o crescimento rápido. Já a negligência do poder local veio em segundo lugar com 48% e a condição de cidade de fronteira em terceiro com 46% das opiniões.

Analisando as questões, observa-se similaridade das respostas dos entrevistados

das vilas A e B e diferenças com as respostas dos moradores da Vila C. Isto deixa claro que as pessoas das vilas A e B não se relacionam com os moradores da cidade nem com os moradores das outras vilas. Enquanto que as pessoas da Vila C pensam e atuam como a grande maioria da cidade, eles tentam conseguir uma maior participação dentro do contexto social, integrando-se com os moradores da cidade.

6 - URBANIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO

6.1 - O uso do espaço urbano

A especulação com o espaço urbano de Foz do Iguaçu acentuou-se com o aumento demográfico na cidade e com a implantação seletiva dos serviços coletivos por parte de Itaipu e da Prefeitura local. O nível técnico das pessoas que vieram e foram aceitas para trabalhar na Itaipu, causou um processo de crescimento e de diferenciação dentro da cidade num pequeno espaço de tempo. A formação das vilas criou uma ruptura no espaço urbano existente, ao produzir áreas com interesses e dimensões qualitativas tão opostas, enquadrando-se no que Lefebvre denomina de "contradições do espaço", fruto de práticas sociais, mas principalmente de práticas capitalistas (LEFEBVRE, 1976, 42). Dentro do sistema capitalista para uma determinada posição social corresponde uma determinada posição espacial, procurando através da posição espacial ascender em posição social. Estes posicionamentos criaram fronteiras sociais intensas que separaram os grupos e que deliberaram na formação de uma identidade social forçada. As pessoas oriundas de fora e aceitas na corporação de paternalismo, imagem que a empresa deixava transparecer para a sociedade, criaram uma ideologia de desprezo em relação à população local. Muitos moradores de Foz do Iguaçu, se indignaram perante as pretensões e os privilégios sociais que os empregados de Itaipu possuíam.

A estrutura social das vilas não se projetou de maneira natural e transparente na cidade, elas aglomeraram indivíduos que se sentiam como estranhos em relação a tudo o que não fizesse parte do projeto Itaipu. Tudo isso serviu, enfim, para criar um universo contraditório que, ao mesmo tempo, foi capaz de desarticular e padronizar estilos de vida. Estas modificações no espaço urbano pré-existente fazem parte das estratégias de empresas que agem na remodelação do uso do solo. Numa análise

simplista elas transformaram o espaço urbano, numa análise mais profunda travaram uma luta entre a sociedade e suas relações sociais. As vilas quebraram a visão de conjunto dentro do espaço social de Foz do Iguaçu, elas surgiram como fragmentos que reificam os indivíduos. Na escola da Vila A é muito comum os professores dizerem para seus alunos que pelo fato de morarem nas vilas são alienados, não percebendo o que acontece na cidade.

As pessoas reconhecem, no plano local, figuras de coisas, que na realidade significam uma multiplicidade de outras coisas, existem muitas cidades diferentes dependendo dos olhos que a vêem. Sempre há uma cidade que foge aos olhos, e que é percebida com o coração, a motivação e a história. A cidade é percebida e apreciada de acordo com o lugar social e a geração a que pertencem os moradores. Os funcionários de Itaipu têm uma percepção da cidade diferente dos outros moradores, por causa da emotividade que os liga a ela. É um agrupamento que conforma seu modo de vida no entrecruzamento do passado e do presente, do local e do global. Seu ambiente imaginário é um pingue-pongue entre o “aqui e em outra parte”. A autoridade e a socialização não estão mais encarnadas na instituição familiar, nem na coletividade local. É um ir e vir de um para outro, é um imaginário de combinações que se multiplicam. LEDRUT(1971,99), afirma que não existe coletividade, sem que esta possua uma forma no espaço baseada em preferências que comportem sistemas sociais e atividades específicas. Para que exista uma consciência coletiva as pessoas tem que possuir valores e expectativas sociais semelhantes.

As relações humanas que se desenvolvem nas sociedades induzem a práticas seletivas dos espaços, principalmente do urbano, mas não se trata somente de trazer à tona as diferenças espaciais, trata-se de tentar entender e captar o contexto local através das atividades frágeis, circunstanciais, imaginárias, entrando no cotidiano multifacetado do singular. Entender como as pessoas tiveram que se acostumar a viver

numa área cercada por muros invisíveis e com uma uniformidade quase que total, onde o despreparo de perceber-se diferentes os fez temer por sentir-se instáveis dentro do espaço geográfico e social. Eles sofrem a saudade dos locais de origem, porque como afirma CALVINO(1993,94), "As formas das coisas se distinguem melhor à distância". A não proximidade aumenta os pontos positivos, fazendo com que se sinta falta de um local quase perfeito que foi criado pela imaginação.

O progresso que a hidrelétrica de Itaipu trouxe para a cidade de Foz do Iguaçu favoreceu o desenvolvimento da sua economia, em detrimento de sua parte social. As características de Itaipu, como instituição fechada, hierarquizada, disciplinada e fortemente controlada a fazem um símbolo de racionalidade técnica com comportamentos internos definidos. Prevaleram dois pensamentos opostos, primeiro a idéia de que se tratava de uma empresa individualista e a segunda que proporcionava uma sobre valorização desta como entidade universalista, capaz de integrar socialmente dois países e suas diversas identidades advindas de regiões e culturas diferentes. Juntamente com o crescimento e a modernização, que surgiram na região de uma hora para outra, apareceram dois segmentos paralelos e contraditórios, a concentração de riqueza e poder em mãos de poucos e o aumento da pobreza. O crescimento urbano gera ganhadores e perdedores, o impacto das mudanças do crescimento é sentido de modo desigual pelos habitantes locais, o que por sua vez ocasiona grandes conflitos sócio-políticos. Estes conflitos não são decorrentes do poder econômico somente, decorrem de fatores políticos e culturais também (GOTTDIENER,1993,235). Ignorar as desigualdades e as injustiças faz parte das abstrações do crescimento. O sistema capitalista consegue criar um entorno de igualitarismo (globalização) que confunde as pessoas e acaba concebendo um ambiente psicossocial capaz de aceitar estes câmbios em nome da modernidade. O rompimento, o distanciamento entre o pensamento subjetivo e o pensamento objetivo

dos indivíduos faz parte da exploração de contradições que sempre estão no cerne do pensamento original (HARVEY,1994,309). Nas cidades capitalistas, graças às contradições sociais, a tendência à segregação sócio-espacial é muito marcante, grupos sociais impõem seu poder através do lugar que ocupam no espaço.

Itaipu entrou na cidade de Foz do Iguaçu como uma aliada das questões sociais, utilizando-se de atitudes populistas e chamativas que criavam uma aparência de sociedade igualitária, onde as diferenças deviam ser esquecidas em nome de um objetivo de progresso comum. A grande obra respaldava-se na responsabilidade que conseguia engajar nos seus funcionários. O dogma de construir a maior hidrelétrica do mundo era uma tarefa de muita responsabilidade, e a empresa utilizou-se desta idéia para criar um ritmo de trabalho onde a competição e a rivalidade conseguiam quebrar continuamente seus próprios recordes. A quebra de recordes foi um elemento marcante durante a construção de Itaipu. Os trabalhadores eram motivados e compensados com prêmios de produção.

SANTOS afirma que as grandes empresas quando aumentam seu poder de mercado e seu poder no mercado, estão aumentando seu poder político, ou seja, seu poder de decisão em questões de ordem econômica e sociais, que as favoreçam (SANTOS,1993 (1),106).Itaipu utilizou-se da mídia para conseguir uma boa imagem, legitimando-se e ganhando credibilidade dentro do mercado nacional e internacional, driblando todo e qualquer empecilho que afetasse seu poder de decisão. A rede de circulação de idéias foi hábil o suficiente para mudar e organizar sistemas de relações de acordo com os interesses das alianças do poder. Itaipu em pouco tempo tornou-se uma potência local e regional no que se refere a questões políticas e econômicas, deixando de lado os interesses sociais da comunidade, o que criou problemas de segregação e de desigualdades sociais urbanas.

6.2 - Urbanização diferenciada

As perguntas que precisam ser respondidas para melhor compreender a produção do espaço diferenciado são: para quem estas vilas foram criadas?, qual o fator de atração destes moradores para a cidade?, qual a sua concepção das vilas e da cidade? e qual a importância de Itaipu para a cidade?

Itaipu logo no início construiu vilas próprias, para acomodar seus trabalhadores e como parte de um processo de separação de sua força de trabalho com relação à força de trabalho da cidade. Ao criar os conjuntos residenciais a empresa conseguiu atribuir-se mais poder e mais domínio sobre as relações sociais que estabeleceu entre ela e seus funcionários. Com a construção das vilas houve um isolamento espacial e social com o resto da cidade, no início a Itaipu quase que formou uma cidade dentro de outra. A sua grandiosidade tanto física quanto econômica e política possibilitaram um enorme poder de dominação sobre todo o espaço urbano, alicerçado na propriedade privada do solo o que lhe permitiu a produção e a distribuição das residências. Como afirma SANTOS(1991,41), as coisas nascem prenes de simbolismos, de representatividades, de intencionalidades destinadas a impor idéias de conteúdos e de valores que, em realidade, elas não possuem. O seu significado real é deformado pela sua aparência.

A realidade cotidiana das vilas foi objetivada por objetos designados, as relações dependiam de tipificações e de padrões estabelecidos. O fato dos seus moradores não terem participado da história da cidade e da formação dos conjuntos habitacionais fez com que eles observassem este local como algo dado e não conquistado. Quando algo chega de "graça", não se lhe outorga o valor e a importância devida, perdendo assim muitos atrativos e tornando-se nebuloso em muitos aspectos. Geralmente a nitidez e a clareza são conquistas que vem junto com a luta, a discussão, a batalha. Esta realidade fictícia foi capaz de configurar os indivíduos que foram morar nas vilas como

tipos específicos, que não seriam reconhecidos como tal fora desse contexto socialmente produzido e objetivado. Dentro das vilas as pessoas assumiram posturas públicas que lhes permitiram uma troca com os indivíduos do mesmo bairro, chegando assim a serem reconhecidos na comunidade. Reconhecimento que acontece pelo paradoxo da convivência igualitária (dentro das vilas) e pela convivência desigual (com a cidade). Um indivíduo com muito dinheiro é reconhecido socialmente sem problemas como um integrante da comunidade. A dinâmica de vida dentro das vilas devido ao apadrinhamento de Itaipu, faz com que seus moradores sintam a necessidade de voltar a elas para obter reconhecimento. Dentro delas encontram unidade social, o *“feeling”* cotidiano. A vida cotidiana dentro e fora das vilas estabeleceu-se por conveniências, tudo o que fosse importante para o desenrolar dos objetivos previamente estabelecidos, fazia parte do cotidiano. Segundo LEFEBVRE(1991(1),27), é no cotidiano que se sabe sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que as pessoas sofrem ou sentem prazer. A reciprocidade entre os moradores das vilas, aconteceu como uma maneira de extravasarem suas carências e necessidades, e de exteriorizarem suas finalidades específicas, como por exemplo aceitar a cidade de Foz do Iguaçu como local de transição.

O trabalho, o convívio e a espera formam o trampolim para outros lugares, onde existem referenciais. Geralmente os locais de origem. As pessoas projetam seus desejos sobre os lugares e as coisas, conferindo-lhes assim, uma existência real e uma imaginária. Muitos se resignam à cidade e às vilas onde moram, mas não se sentem confortáveis ou adaptados à nova vida. Quando não existem referenciais ou estes se turvam, as relações sociais perdem a sua base. Muitos dos que vieram atrás do sonho de enriquecer em poucos anos, acabaram ficando por fatores econômicos, ou por acomodação, renunciando a sonhos. Quando essa renúncia encara-se como temporária não se sofre com problemas psíquicos. O fator temporário ajuda a mascarar

e diluir as mágoas e angustias. Seria o que Lefebvre traduz como negação e ignorância da situação que se vive, como mecanismo de defesa da consciência (LEFEBVRE, 1975, 181). Há menos riscos quando os indivíduos habitam na periferia de suas vidas. No início as pessoas precisam como forma de fuga viver pensando no retorno, mas essa fuga torna-se relativa por que ficam presas a um local idealizado e não conseguem viver o local real, onde moram. Passam a perceber a cidade com superficialidade, e travam lutas internas contra ela. Quando as pessoas deixam simplesmente de tolerar a situação em que se encontram e se conscientizam de que o retorno para os locais de origem será demorado, passam a aceitar conviver com a cidade de uma maneira mais livre. A partir desse momento, sentem um interesse, mesmo que superficial, pelos acontecimentos da comunidade, não existindo o impulso de se afastar física e mentalmente da cidade. Quando os indivíduos conseguem gostar e sentir-se confortáveis no local onde moram, passam a ser mais sedentários e mais caseiros.

Itaipu modelou a vida de seus empregados através da especulação dos interesses habitacionais, uma das maiores necessidades do homem, a moradia. Os indivíduos, geralmente tem na moradia a segurança e a objetivação da sua capacidade profissional, a casa é tida como o prêmio pelo bom desempenho. Garantir a habitação é uma auto-realização para os trabalhadores, perante a sociedade a casa é um símbolo de capacidade. As empresas que oferecem moradias para seus funcionários, tem através delas mais uma maneira de controlar o trabalho e o destino dos seus funcionários. Perante o fato das empresas que criam vilas para seus funcionários, LEFEBVRE(1991 (1),75) argumenta quechegam a instalar seus funcionários em habitações de alta hierarquia, pressionando (e alienando) até nos limites da vida privada. A mercantilização do espaço através da manipulação da oferta e da demanda de moradias, por parte de grupos detentores do poder, pelas empresas e pelo setor

imobiliário, causam relações sociais que projetam vontades e necessidades individuais e privadas, esquecendo o lado coletivo e participativo na sociedade. A manipulação das necessidades de emprego e de moradia, geralmente submetem a uma passividade social não participativa que limita os indivíduos a se calar e a ouvir. A fragmentação e a insegurança econômica fazem com que o ser humano tenda a procurar tábuas de salvação capazes de lhe propiciar valores estáveis, como por exemplo o "sonho da casa própria", do abrigo, do aconchego familiar. A insegurança os leva também a dar ênfase às instituições básicas como a família, a religião, o Estado.

As casas que ficam dentro das vilas operárias, funcionam como arapucas modernas que aprisionam sem tirar a "liberdade". Dentro deste meio ambiente "criado" as pessoas esquecem que precisam vincular-se com a cidade, conhece-la, e participar de sua vida política, social e econômica. Como afirma SANTOS(1996 (1),263) "Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação". Para eles, entender o funcionamento do lugar não interessa tanto quanto a relação que criam com o mundo global, como forma de sentir-se menos alienados. Através de jornais, internet, televisão conseguem fugir do local, no qual não se integraram, para suas cidades de origem ou para o mundo. Geralmente conhecem e se interessam muito mais pelas notícias alheias à localidade, fogem para a universalidade para não ter que enfrentar a individualidade⁵⁷.

O sonho com o qual passam a conviver resume-se ao pensamento de permanecer e trabalhar neste local inóspito durante um curto período de tempo, para posteriormente retornar aos lugares de origem, pois a relação com estes locais foi e continua sendo muito forte. SANTOS(1996 (1),264) descreve bem isto quando afirma

⁵⁷ O termo individualidade é usado aqui como sinônimo de lugar, e não de pessoa, como o faz Santos no seu livro *A natureza do espaço*.

que “O homem de fora é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação”. Mas nem todos se sentem preparados ou capazes para um novo aprendizado e passam a constituir suas vidas sobre as memórias do passado, do antigo lugar onde formaram sua identidade. Nas vilas de Itaipu o vazio de referências exige adaptações, uma vivência de um habitar efetivo e afetivo dentro do espaço produzido. A partir desses pensamentos, criam uma dependência do “ter” para poderem se libertar do espaço alienado em que vivem. O vazio e a solidão com que encaram este desafio, faz com que assumam certas particularidades grupais para se manterem juntos e fieis ao lema de cooperação da empresa. Mas ao mesmo tempo estas atitudes os mantêm isolados dos outros grupos sociais urbanos.

O fato das casas de Itaipu serem cedidas, estarem concentradas num espaço delimitado e serem praticamente iguais, privou os moradores da diversidade e da espontaneidade. A vida cotidiana que acontece nestes tipos de conjuntos habitacionais, leva os indivíduos a se assemelharem, a se parecerem, até o ponto em que inconscientemente e paradoxalmente passam a fazer tudo para conseguirem ser diferentes, ser originais como forma de manter o individualismo. Por outro lado as vilas de Itaipu, transmitem para seus moradores um prestígio pessoal e coletivo muito forte, como afirma SANTOS(1993 (2),81) de maneira generalizada, “... cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende da sua localização no território”. As pessoas assumem valores diferentes segundo o lugar onde moram, assim, o espaço residencial acaba se tornando um agente de segregação. CASTELLS(1983,210) define segregação como: “...a tendência à organização do espaço em zonas de forte homogeneidade social interna e com intensa disparidade social entre elas, sendo esta disparidade compreendida não só em termos de diferença, como também de hierarquia”. Este conceito enquadra a realidade das

vilas de Itaipu.

As vilas contam com uma infra-estrutura boa, pertencem a uma empresa de grande porte com um nome importante dentro do contexto regional, nacional e mundial seus moradores assumem o valor dado pelo sistema capitalista no qual estão inseridos. Todas as mudanças no conceito e na forma de residir alteram as relações sociais a nível individual e coletivo. Os moradores das vilas envolvidos em conceitos de temporalidade e de convivência programada, admitem para eles, que a permanência na cidade é uma condição do poder econômico e das oportunidades nacionais de emprego.

6.3 - A segregação urbana

A segregação assim como o isolamento, a exclusão e a procura de identidade não precisam essencialmente estar mapeadas, elas aparecem através dos relacionamentos. As diferenças no uso da cidade por diferentes segmentos, comprovam que o espaço se constrói e se reproduz de forma desigual e contraditória. A desigualdade espacial é produto da desigualdade social, por isso este processo se dá de forma diferenciada para os diversos grupos sociais. O espaço se produz com lutas, ele é determinado pelas forças produtivas e pelas relações de produção que se originam delas. A urbanização acontece dentro de um confronto entre o que é bom para a sociedade e o que é bom para os grupos econômicos que detêm o capital. No espaço urbano fundem-se os interesses do capital, a ação do Estado e a luta dos moradores como forma de resistência contra a segregação no espaço residencial e pelo direito à cidade. O processo de segregação mostra uma espacialidade fragmentada que pode tanto acontecer entre diferentes áreas como dentro de uma mesma.

Nem sempre a segregação é uma ação imposta ou racional de pessoas ou

grupos, mas ela é uma realidade cada vez mais palpável dentro da sociedade em que estamos inseridos. A criação das vilas de Itaipu forjou uma segregação onde foi obstruída a chance da mobilidade e da escolha, e onde se impuseram novos costumes, novos hábitos de consumo, e onde se universalizaram novos valores de vida. Com as facilidades dos “prolongamentos da morada” (LE CORBUSIER, 1984, 67) oferecidos pela empresa as pessoas sentiam-se em dúvida quando queriam ou precisavam sair deste espaço. Estas regalias funcionaram como condicionantes de isolamento.

As pessoas se viram, num primeiro momento muito atordoadas com as mudanças. As relações de proximidade e de cotidianidade que aconteciam dentro das vilas desempenharam um papel importante para que o processo de alienação social com a cidade fosse apaziguado. É o grande paradoxo da vida moderna onde por um lado se visa a integração (como o processo de globalização) mas por outro se leva à desintegração. Criaram-se recintos capazes de distanciar a vida cotidiana das transformações sociais do entorno, são os fenômenos paradoxais que LEFEBVRE (1991 (2), 100) definiu como a integração desintegrante da realidade urbana. As vilas como espaço delimitado tornaram-se cativeiros para alguns grupos sociais tais como mulheres não motorizadas, crianças e idosos, sendo muito difícil sua participação dentro da vida urbana, agudizada pelas deficiências do transporte coletivo. Assim como, também, para os homens que trabalham unicamente na usina, e que saem das vilas para participar e se integrar à vida coletiva da cidade, somente aos sábados. No sábado eles se tornam consumidores em potencial e espectadores dos acontecimentos da comunidade em geral. É principalmente no sábado que os homens e mulheres que trabalham em Itaipu vivenciam a cidade.

Para os moradores das vilas, o centro representa uma forte atração, por ser, de certa maneira, o local onde se encontra e floresce a sensibilidade urbana, é o local de consumo. Os conjuntos habitacionais representam o local onde eles se sentem

protegidos, onde Itaipu tem poder e prestígio para protege-los, onde encontram um espaço social adequado a suas expectativas, a suas necessidades e onde conseguem se comunicar com igualdade apesar das diferenças. Sentem-se como reencontrando a família, voltando ao lar. Apesar da vida comunitária dentro das vilas desenvolver-se através da competitividade e da luta de classes a exemplo do que acontecia no local de trabalho, ela era o referencial mais próximo, mais familiar. O fato dos fluxos decisivos no local de trabalho, nas moradias e nos locais de lazer pertencerem à empresa fez com que a subjetividade individual se corporificasse em elementos comuns de objetivação. Criaram-se laços de "união" muito particulares, fundamentados na necessidade de se identificarem como grupo social. Trabalhar no mesmo local e viver num setor uniforme acarretou tensões sociais que escorregaram para a segregação mutua vilas-cidade, cidade-vilas. A residência nos conjuntos habitacionais facilita e permite uma interligação entre os relacionamentos do cotidiano da vizinhança com os relacionamentos no trabalho. A similitude, a uniformidade e a monotonia das vilas marcam uma certa falta de liberdade, que acaba induzindo ao isolamento social. LEDRUT(1971,112) afirma que o isolamento em vilas somado com as diferenças de infra-estruturas são condições determinantes para um intenso grau de pressão social e de tensões mais fortes.

As condições de vida dentro dos conjuntos residenciais de Itaipu estão longe de ser penosas ou ruins, mas mesmo assim algumas pessoas sentem-se invadidas por tensões sociais, provocadas pelo desconforto psíquico. A habitação serve como mecanismo de articulação entre o capital e os trabalhadores, fazendo com que se tornem suportáveis as incomodidades que possam aparecer. O isolamento social dos indivíduos dentro das vilas faz com que alguns procurem formas de extravasar as tristezas e melancolias através de mecanismos de defesa tais como a religião, o álcool, as drogas, etc. Estes mecanismos de defesa fazem com que os indivíduos

esqueçam as diferenças e exaltem as qualidades superficiais de identificação. São os momentos em que os empregados de Itaipu fazem parte da mesma família e passam a se ver como seres semelhantes, leais e amigos. Mas o paradoxo é que dentro do local de trabalho eles se vêem como rivais, como competidores de times diferentes.

A organização interna aliada às características econômicas criaram expectativas e visões da realidade local que na maioria das vezes não correspondiam à realidade. Pela organização do espaço e das pessoas dentro dele, a empresa desempenhou o papel de tutora em relação à população afetada e à população empregada na obra, o que ajudou a criar vínculos de dependência e de sujeição. As vilas se justapõem à cidade não se integram a ela, são duas forças que se encontram e entrecruzam por necessidades, mas não se unem (LEDROUT, 1971, 116). Como a maioria dos moradores das vilas são oriundos de outros locais do País, eles carecem de laços com a cidade, a comunicação e o intercâmbio acontecem por necessidades que não podem ser saciadas no local, degenerando assim em relacionamentos superficiais e frágeis por ambas as partes.

Dentro dos limites das vilas o controle do lazer através dos clubes, da religião através dos templos religiosos, da educação através da escola, foram de fato formas de controle do empregador (Itaipu) sobre seus empregados e de gestão do seu patrimônio. A empresa através das vilas conseguiu fixar ainda mais a posição de proprietária tanto da força de trabalho como das moradias e do lazer. Ela exerce o controle na distribuição dos homens, dos equipamentos e das atividades. O desenvolvimento das forças produtivas produz mudanças constantes e com estas, a modificação do espaço urbano. Nos últimos 20 anos quase todos os aspectos da paisagem e da cultura de Foz do Iguaçu se modificaram. Estas mudanças foram muito rápidas e profundas, gerando novas formas e configurações espaciais, novos ritmos de vida, novos relacionamentos entre as pessoas, novos valores.

As cidades são ótimos lugares para o anonimato, o que gera a impressão de uma certa liberdade, mas as vilas de Itaipu por tentarem ser igualitárias dentro do mesmo espaço, limitaram muito a liberdade dos indivíduos. A homogeneidade forçada aumentou os preconceitos enquanto que a seleção voluntária, geralmente faz com que as pessoas desenvolvam outros tipos de sentimentos mais positivos. Como afirma LEFEBVRE em seus livros, nenhum lugar urbano é idêntico a outro, por isso eles tem que ser analisados através de pensamentos unitários e de forma diferencial. Para estudar o espaço urbano foi necessário além da análise econômica a análise social, ou seja, as necessidades, os desejos, os valores e os comportamentos diferenciados das pessoas que nele convivem e se inter-relacionam. Gestos, objetos, palavras, movimentos do cotidiano fazem parte do preenchimento da vida comum das pessoas.

Novas necessidades induzem as pessoas a esquecer seu verdadeiro eu, ocultando o real significado da vida e valorizando os significantes. A deterioração das relações humanas fez com que os espaços fossem cada vez mais fragmentados e ao mesmo tempo, que fossem aceitos de maneira passiva e natural, como sendo uma consequência pós-modernista. O capitalismo foi obrigado a redobrar seus esforços para criar novas necessidades nos indivíduos, capazes de justificar o consumo enfatizando o cultivo de apetites imaginários e o papel da fantasia, do capricho e do impulso (HARVEY, 1994, 103). A Itaipu quando circunscreveu um espaço próprio, fez uma fragmentação no espaço, que para as pessoas funciona como mecanismo capaz de instituir insegurança e instabilidade, mantendo-os presos ao emprego, e à moradia principalmente. A fragmentação é o sustentáculo do capital que maneja as necessidades do homem e suas liberdades.

Os motivos sócio-econômicos que levaram as pessoas a locomover-se e a adaptar-se em novos espaços, são muito diversos e sempre geraram conflitos de interesses. As vilas podem não ser conhecidas por todos os moradores da cidade, mas

todos têm uma idéia de como elas são, com formas físicas bem definidas, com uniformidade social e com modos de vida muito semelhante entre os moradores. Com relação à estética externa, as casas das vilas não tinham seu aspecto próprio, não havia diversidade, não havia espontaneidade. Era um espaço monótono com falta de identidade, gerado por uma empresa que impunha uma racionalização de estética. Estes conjuntos habitacionais, ao invés do que ocorre nos bairros convencionais, tem seus limites bem definidos e conhecidos pelos moradores e uma grande parcela da população. Como geralmente acontece, quando as moradias e as atividades econômicas fazem parte de um mesmo contexto, a unidade entre os indivíduos se apresenta mais forte e mais conhecida dentro do contexto externo, neste caso na cidade. Itaipu manteve nas suas vilas a homogeneidade do todo e a segregação das partes.

7 - CONCLUSÕES

O progresso e o desenvolvimento acontecem quando a qualidade de vida aumenta e os problemas sociais de todos os moradores diminuem. Nos países do Terceiro Mundo o início da modernização ocorreu através da instalação de regimes políticos autoritários, que exigiam sacrifícios da população em nome do chamado "progresso". Hoje a política neo-liberal estabelecida pelos detentores do poder, não mudam as situações de miséria e exclusão em que se encontram a maioria da população. Os regimes políticos exercidos na maioria dos países da América Latina continuam a exigir grandes sacrifícios da população. Os objetivos de "progresso" nas mãos de grupos hegemônicos, ignoram a realidade social das cidades, atendem a interesses e mercados externos fazendo com que o desenvolvimento atinja setores determinados e seja indiferente para as necessidades do grosso da população. Será necessário uma maior sensibilidade para com os sacrifícios que a economia globalizante exige dos indivíduos impondo ações e amputando a criatividade. Este processo leva ao esquecimento do *"locus"*. Para recuperar a integração com o *"locus"* é necessário que se intensifiquem as relações dos habitantes com o espaço territorial e social.

De forma geral, a sociedade de consumo, favorece minorias em detrimento de maiorias. É preciso refletir sobre a ideologia neo-liberal na qual o País se encontra, agudizando cada vez mais as desigualdades. Hoje energia significa produção e produção significa modernidade, conceitos que estão indissociados nas mãos dos grupos do poder que se respaldam no discurso de desenvolvimento e progresso. É necessário redefinir o progresso implementando-se modelos diferentes de desenvolvimento.

Soluções de bases físicas, econômicas e administrativas, não terão resultados

satisfatórios, se não forem acompanhadas de políticas sociais intensas que alcancem a integração da população urbana a nível local e regional. São necessários procedimentos de ordem social que visem uma melhor percepção da realidade dos indivíduos que fazem parte dos grupos afetados por grandes projetos. É preciso analisar informações sobre o Setor Elétrico Brasileiro e sua integração na sociedade, para poder propor alternativas que melhor atendam os interesses sociais da maioria da população.

É através do reconhecimento do espaço local e da importância das relações sociais intensas que o homem pode chegar à cidadania. Quando não existe comunicação e diálogo a consequência é o isolamento. A globalização perversa a serviço do capital torna os indivíduos sumamente frágeis, periféricos, fazendo-os acreditar que se encontram dentro de um processo global de simetrias, porém estão em um processo global de isolamento. LE CORBUSIER(1984,26) afirma, que “...durante milênios , o homem vivera no seio de um universo incluído num raio de quinze a vinte quilômetros em torno de seu domicílio; hoje, porém, por meio da visão ou da leitura, o mundo todo se lhe tornou acessível....Semelhante informação constitui tanto incitações à cobiça quanto convites aos retraimentos egoístas”. Hoje as pessoas estão dentro de uma cultura de massas onde perdem o sentimento de identidade e adotam o sentimento de identificação. O desconcerto é tão grande que a corrida atrás de uma identidade não cessa jamais⁵⁸.

GUATTARI (1991,7) analisa os “relacionamentos humanos individuais e coletivos como relacionamentos que evoluem⁵⁹ no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a reduzir-se ao mínimo, a vida doméstica vem sendo

⁵⁸ Idéias extraídas da palestra realizada pelo Prof. Claval, na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, em outubro de 1995.

⁵⁹ Destaque da autora.

gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar encontram-se freqüentemente “ossificadas” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão”. As pessoas conectam-se ao mundo através das mais diversas tecnologias, mas cada vez lhes resulta mais difícil relacionar-se com os vizinhos. Hoje o efeito das práticas capitalistas sobre as pessoas é brutal, atinge-as em todos os flancos, na vida social, no contato com vizinhos, na vida familiar, estabelecendo novos valores. O desejo de competitividade e de individualidade é tão grande que as lutas hoje se travam dentro das próprias casas. Hoje o ser humano está isolado num mundo que o tenta globalizar.

Seria utópico e hipócrita ir contra o progresso, a modernidade e principalmente contra as obras de engenharia desta natureza. O medo da mudança e da transformação devem ser substituídos por alternativas que possibilitem uma nova forma de organização social onde os meios de produção não continuem em favor de uma ínfima minoria. Os discursos e atitudes das concessionárias devem estar baseados nas novas exigências das classes sociais, estas devem representar algo mais do que simples números para cálculos de custos e benefícios. As empresas não podem apresentar-se alheias aos comportamentos locais, não podem manter-se externas às especificidades das regiões.

A cidade muda e expressa essas mudanças, não somente em seus cenários, ritmos e movimentos, também em seus habitantes que a percebem e apreciam desde o local social, gênero e geração em que se situam. Para Foz do Iguaçu, Itaipu foi o caminho para a modernidade, mas ao mesmo tempo modificou o modo de ser, de pensar e de agir de seus moradores, foi uma transfiguração de seu caráter, uma constante ameaça para seus pertences, seus conhecimentos, seus costumes, sua identidade. O crescimento e o desenvolvimento urbano devem acontecer sem esmagar os homens, devem fazer parte de um processo que permita à população melhorias na

qualidade de vida.

A grande migração diferenciada que aconteceu na cidade de Foz do Iguaçu, fez com que surgissem, com mais intensidade, diversos estilos de vida, o que ocasionou com maior frequência conflitos e choques na convivência. Conflitos gerados por indivíduos que atribuem valores diferentes a um mesmo lugar. Na história da cidade percebe-se que esta tem ficado à margem, é uma cidade de passagem, um local de observação dos grandes acontecimentos, exemplo disso a exploração da erva-mate por estrangeiros, a construção de Itaipu, o mercado livre de Ciudad del Este e agora o Mercosul. Acontecimentos de grande importância mas que acabam deixando a cidade e seus moradores à margem.

As vilas de Itaipu são parte da realidade complexa do mundo moderno, onde se criaram contornos e fronteiras definidas como mecanismos de homogeneização, que revelam o autoritarismo e a hierarquização de grupos econômicos. Este espaço privilegiado de infra-estrutura desenvolveu-se pelas relações de poder que influem sobre a classe trabalhadora dotando-a de qualidades e comportamentos próprios. O direito à diferença é fundamental para que se melhorem as condições de cidadania das pessoas, a homogeneização e a uniformização como modo de vida desejável determina a fortificação de preconceitos e o autoritarismo.

Foi através das práticas de consumo que a desigualdade social teve uma forte representatividade na cidade. O consumo tem a capacidade de alienação e de dominação, ele consegue regular o cotidiano das pessoas, impondo-lhes necessidades que se tornam obrigatórias para que se sintam cidadãos. O consumo oculta as diferentes personalidades, onde as pessoas, para não se sentirem cidadãos excluídos, se impõem modas e costumes. É através dos objetos do consumo que os indivíduos se integram a grupos sociais, por meio da lógica consumista pode-se perceber a produção e a manipulação dos significados sociais. Onde o consumo é o motor da vida

cotidiana das famílias possibilitando a ilusão de alcançar o modo de vida dos estratos sociais mais altos.

A segregação urbana que se manifesta nas vilas, não é de fato uma projeção direta da estratificação social, mas um efeito da distribuição no espaço, das moradias e dos equipamentos sociais por uma empresa com grande poder político e econômico. Neste caso a segregação urbana se constitui pela sub-cultura que desenvolveu e pelas relações de hostilidade que a empresa estabeleceu com a comunidade. Assim, tem-se que a localização espacial diferenciada e particular, dentro da estrutura urbana, é reflexo de segregação, mesmo que não faça parte da estratificação social da cidade. Elas apresentam uma segregação urbana onde a organização interna mostra uma grande tendência à homogeneidade, mas com diferenças hierárquicas entre elas, como cita CASTELLS(1983,210) na sua definição de segregação.

As vilas de Itaipu são um exemplo de ambiente construído, que vai além das desigualdades de infra-estrutura e de localização das moradias. Elas constituíram um processo embrionário de formação de bairros seletivos dentro da cidade que hoje tendem a crescer. Foram também responsáveis por produzir situações sociais importantes que interferiram no conjunto das dinâmicas da cidade. As moradias gratuitas, homogêneas e pertencentes a uma empresa, evitam o sentimento de posse, e transformam o local em temporário, o que no relacionamento com a comunidade acaba, geralmente, reduzindo os mecanismos de integração. O aspecto transitório das moradias fez com que os valores coletivos fossem substituídos por um desapego para com a cidade. As pessoas cercam-se de subjetividades como forma de preservar sua identidade anterior. Os cenários que compõem o espaço do cotidiano urbano promovem os relacionamentos imediatistas, instáveis e passageiros, onde imperam a falta de tempo a individualidade e a ausência de um futuro coletivo. Esta falta de sociabilidade produz insegurança, o futuro aparece tingido por ameaças de dissolução.

Faz-se necessário trabalhar e processar a exigência de estar sempre à altura dos novos tempos, da nova era que se vivencia. É preciso conviver com a contemporaneidade. Trágico é viver com medo das mudanças, e por isso ser contrário a elas. Trágico é viver silenciado e recluso nas limitações. Tem-se que lograr uma mentalidade de planejamento capaz de conferir à cidade uma identidade, que seja resultado da somatória de todas as individualidades das pessoas que nela se instalaram. A problemática da segregação urbana e a transcendência política e econômica das medidas que tendem a traçar um paliativo da mesma, requerem um conhecimento profundo dos processos que conduzem a ela. Os diferentes laços de relacionamentos que inter-conectam os fenômenos sociais, fazem com que a segregação seja um dos temas da problemática urbana. Tentar evitar a segregação não significa deixar de respeitar as individualidades, as singularidades, o reconhecimento das particularidades e o direito às diferenças de cada indivíduo, utópico seria deixar de considera-las.

Os geógrafos têm a obrigação de estar a serviço dos homens e da sua convivência dentro do espaço e não estar a serviço dos objetos que se movimentam dentro deste espaço. Perceber as dificuldades de entrosamento já é uma maneira de não fechar os olhos para a questão e tentar achar o caminho para minorar este problema.

8 - BIBLIOGRAFIA

- BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANESE, Ricardo, MAURO, Luis Alberto. **ITAIPU: dependência o desarrollo**. Asunción: Araverá, 1985. 369 p.
- CANESE, Ricardo. **La problemática de ITAIPU**. Asunción: Base, 1990. 196 p.
- CARVALHO, Cesar Augusto F. **Concepções "ambientalistas" e a intervenção do estado a partir da implantação de uma usina hidrelétrica: caso Tucuruí**. Monografia, maio 1991.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CASTRO, Antonio Barros de, SOUZA, Francisco E. **A economia brasileira em marcha forçada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- CAUBET, Christian. **As grandes manobras de ITAIPU**. São Paulo: Acadêmica, 1991.
- CERNEA, Michael M. **Relocaciones involuntárias en proyectos de desarrollo: lineamientos de políticas a ser aplicadas en proyectos financiados por el Banco Mundial**. Documento técnico del Banco Mundial n.80s. Washington, D.C. Banco Mundial, 1989. 101 p.
- CNPq. **Impactos de grandes projetos hidrelétricos e nucleares**. Aspectos econômicos, tecnológicos, ambientais e sociais. [S.l.] 1988.
- COLODEL, José Augusto. **Obrages & companhias colonizadoras: Santa Helena na história do Oeste paranaense até 1960**. Santa Helena: Educativa, 1988.
- COMASE. **Remanejamento de populações**. Comitê Técnico de Hidrelétricas - grupo

de trabalho metodológico. out., 1989.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **A taipa da injustiça: ITAIPU x agricultores expropriados.** Santa Helena: nov., 1980.

COSTA, Ana Luiza M. et al. **Hidrelétricas, ecologia e progresso: contribuições para um debate.** Rio de Janeiro: CEDI, 1990.

COSTA NETO, Pedro Luis de Oliveira. **Estatística.** São Paulo: Edgar Blücker, 1977.

CUNHA, Paulo José Nogueira da. **Experiência com desapropriações em ITAIPU.** ITAIPU, out., 1984.

DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade.** São Paulo: Perspectiva, 1984.

ELETROBRÁS. **Manual de estudos de efeitos ambientais dos sistemas elétricos.** Diretoria de planejamento e engenharia. Departamento de recursos energéticos. jun., 1986.

———. **Plano diretor para proteção e melhoria do meio ambiente nas obras e serviços do Setor Elétrico.** Rio de Janeiro, nov., 1986.

———. **Plano diretor de meio ambiente do Setor Elétrico 1991/1993.** v.I, Fundamentos. Rio de Janeiro, 1990.

———. **Plano diretor de meio ambiente do Setor Elétrico 1991/1993.** v.II, Diretrizes e programas setoriais. Rio de Janeiro, 1990.

———. **Plano diretor do meio ambiente do Setor Elétrico 1991/1993.** Resumo executivo. Rio de Janeiro, 1990.

FACETTI, Carlos A., FREITAS, Cassio de Paula. **La represa de ITAIPU; antecedentes, planificación territorial y urbana, aspectos sociales.** Seminário sobre problemas sociales de las grandes represas de américa latina. Buenos Aires: jul., 1983.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar periférico.** São Paulo: Edusp, 1993.

FONSECA, J. Simon, MARTINS, G. de Andrade. **Curso de Estatística.** São Paulo: Atlas, 1982.

- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1993.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas - SP: Papyrus, 1991.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- IBGE. **Anuário estatístico do Brasil - 91**. Rio de Janeiro, 1991.
- IPARDES. **Nova configuração espacial do Paraná**. Curitiba, 1983.
- ITAIPU Binacional. **Ecomuseu de ITAIPU**: livro texto. Fundação Mudes: out., 1987.
- . **Diretrizes de desenvolvimento regional**: municípios lindeiros ao lago de ITAIPU.
v. I. Curitiba, dez., 1989.
- . **Diretrizes de desenvolvimento regional**: municípios lindeiros ao lago de ITAIPU.
v. II. Curitiba, dez., 1989.
- . **ITAIPU binacional**: desenvolvimento regional [1990?].
- . **Aprovechamiento hidrelétrico de ITAIPU**. El proyecto del siglo. Mayo, 1991.
- . **Ações sócio-ambientais da hidrelétrica de ITAIPU**: estudo de caso. Foz do Iguaçu, 1992. 43 p.
- . **Aspectos ambientais da Bacia do Prata**. Foz do Iguaçu, fev., 1993. 23 p.
- . **Atos Oficiais da Itaipu Binacional**. Curitiba, 1996.
- Jornal canal de aproximação. Nº 14, mar./abr., 1988.
- Jornal canal de aproximação. Nº 25, 1989.
- Jornal canal de aproximação. Nº 26, ago., 1989.
- Jornal canal de aproximação. Nº 35, abr., 1991.
- Jornal canal de aproximação. Nº 41, nov./dez., 1991.
- LE CORBUSIER. **Planejamento urbano**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- LEDRUT, Raymond. **Sociologia urbana**. Rio de Janeiro: Forense, 1971. 1. ed. francesa 1968.
- LEFEBVRE, Henri. **Introdução à modernidade**: prelúdios. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1969.

- **La revolución urbana.** Madrid: Alianza, 1972.
- **De lo rural a lo urbano.** Barcelona: Península, 1975.
- **Espacio y política.** Barcelona, 1976.
- **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991. (1)
- **O direito à cidade.** São Paulo: Moraes, 1991. (2)
- LOJKINE, Jean. **O estado capitalista e a questão urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas.** São Paulo: Martins Fontes, 1991. 1. ed. 1961.
- MÜLLER, Arnaldo Carlos. **ITAIPU uma obra de concreto com muita vida.** Foz do Iguaçu: novembro, 1980. 12 p.
- **Hidrelétricas, meio ambiente e desenvolvimento.** São Paulo: Makron Books, 1996.
- PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná.** São Paulo: Hucitec, 1981.
- Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **Relatório estatístico do desenvolvimento de Foz do Iguaçu, 1974 a 1978.**
- **Alternativas para a cidade de Foz do Iguaçu após o ciclo de Itaipu.** 1980.
- **Propostas para o desenvolvimento municipal integrado 1990-2000.** 1990/91.
- **Pesquisa sócio-econômica 1991.**
- **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado.** 1992. v. I.
- **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado.** 1992. v. II.
- **Anuário Estatístico de 1994.**
- **Anuário Estatístico de 1995.**
- Relatório da Comissão Técnica de Barragens e Meio Ambiente do Comitê Brasileiro de

Grandes Barragens. **Barragens, reservatórios e meio ambiente.** Themag Engenharia, ago.,1979.

Revista Engenho e Tecnologia, fev.,1985.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras,1995.

RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz, SANTOS JUNIOR, Orlando A. dos. **Globalização, fragmentação e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiras na crise.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1994.

SÁNCHEZ-GIJÓN, Antonio. **La integración en la cuenca del Plata.** Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica,1990.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Hucitec,1991.

— . **A urbanização brasileira.** São Paulo: Hucitec,1993.(1)

— . **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel,1993.(2)

— . **Por uma economia política da cidade.** São Paulo: Hucitec,1994.

— . **A natureza do espaço.** São paulo: Hucitec,1996. (1)

— . **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec,1996. (2)

— . **O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo.** São Paulo: Hucitec,1996. (3)

— . **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional.** São Paulo: Hucitec,1997.

SCHILLING, Paulo, CANESE, Ricardo. **Itaipu geopolítica e corrupção.** São Paulo: CEDI,1991.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Zahar,1994.

SOUZA, Edson Belo Clemente de. **Os efeitos sociais e ambientais provocados pela construção da hidrelétrica da ITAIPU Binacional.** Foz do Iguaçu,1992. monografia.

VAINER, Carlos, ARAUJO, Frederico C. **Grandes projetos hidrelétricos e**

desenvolvimento regional. Rio de Janeiro: CEDI, set.,1992. 85 p.

VALLADARES, Licia, PRETECEILLE, Edmond, coordenadores. **Reestruturação urbana:** tendências e desafios. São Paulo: Nobel,1990.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, mensus e colonos:** história do oeste paranaense. Curitiba: Vicentina,1982.

— . **História do Paraná.** Curitiba: Vicentina,1988.

WESTPHALEN, Cecilia Maria. **História documental do Paraná:** primórdios da colonização moderna da região de ITAIPU. SBPH-Pr. Curitiba,1987. 120 p.

APÊNDICE I

Foz do Iguaçu, junho de 1996

Prezado entrevistado,

Considerando a valiosa e necessária integração entre os diversos bairros da cidade, vimos por meio desta solicitar vossa cooperação para participar do levantamento destas informações.

O formulário de pesquisa de opinião em anexo faz parte de um levantamento geral de dados sobre Foz do Iguaçu e sua população, o qual servirá como base no estudo da segregação urbana, tema de dissertação de Mestrado no Curso de Pós-graduação em Geografia, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Solicitamos por gentileza a colaboração para o preenchimento das questões, observando as seguintes considerações:

- os formulários não possuem identificação dos entrevistados;
- a divulgação dos resultados será realizada exclusivamente em trabalhos de caráter científico;
- será mantido a fidelidade e o caráter confidencial das informações;
- cada pergunta poderá ter mais do que uma resposta;
- complemente com informações adicionais que julgar convenientes para uma adequada interpretação dos dados;
- solicitamos devolver o envelope fechado;
- qualquer esclarecimento sobre os assuntos perguntados ou relativos à pesquisa em questão, favor contatar-nos através do telefone 524-4630, em horário comercial.

Desde já agradecemos a vossa colaboração e nos colocamos a disposição para quaisquer esclarecimentos e sugestões que contribuam para o aprimoramento da pesquisa.

Cordialmente,

Patricia Claudia Godoy Sotuyo
Aluna Mestranda em Geografia - UFSC

APÊNDICE II

PESQUISA DE OPINIÃO

- 1 - Cidade de nascimento: Estado: ...
- 2 - Sexo: () M () F 3 - Idade:anos
- 4 - Profissão:
- 5 - Bairro em que mora atualmente:
- 6 - Há quanto tempo mora no bairro ?
- 7 - Trabalha
 () no mesmo bairro () no centro
 () em outro bairro () na ITAIPU
 () outros
- 8 - Vai ao trabalho
 () a pé () de ônibus
 () de carro () outros
- 9 - Se alguém mais da família trabalha em Foz do Iguaçu, indique grau de parentesco e atividade

- 10 - Mora em casa ou apartamento
 () alugado () próprio () cedido
- 11 - Quantas pessoas moram na casa? ... 12 - Em que ano veio para Foz do Iguaçu? ...
- 13 - Por quê veio a Foz do Iguaçu?
 () trabalho em ITAIPU () comércio
 () expectativa de trabalho () parentes na cidade
 () outros
- 14 - Continua na cidade
 () por que gosta de viver aqui () por fatores econômicos () outros
- 15 - Foz é uma cidade confortável para morar?
 () sim () não
- 16 - Sente-se integrado à população local?
 () totalmente () pouco () nada
- 17 - Sente-se comprometido afetivamente com a Cidade de Foz do Iguaçu?
 () sim () não
- 18 - Com que frequência participa de atividades sócio-culturais na cidade?
 () toda semana () duas vezes por mês
 () ocasionalmente () nunca
- 19 - Acha que o crescimento da cidade se deu de forma ordenada?
 () sim () não

- 20 - **O que falta na cidade de Foz do Iguaçu: (numerar de 1 a 12 pela ordem de importância)**
 transportes telefones públicos
 comércios lazer (diversão)
 postos ou centros de saúde espaços culturais
 infra-estrutura segurança
 iluminação pública moradia
 educação outros
- 21 - **Acredita que Foz é uma cidade com futuro promissor?**
 sim não
- 22 - **Transferiu seu título de eleitor para Foz do Iguaçu?**
 não não vota sim Caso afirmativo, em que ano?.....
- 23 - **Os principais investimentos os realiza em**
 Foz do Iguaçu na cidade de origem outra cidade
- 24 - **Quando há algum feriado**
 permanece na cidade
 se possível, viaja
- 25 - **Onde costuma passar as festas de fim de ano?**
 em Foz do Iguaçu na sua cidade de origem
 conhecendo lugares novos em cidades onde moram parentes
- 26 - **Quando fala com pessoas que não conhecem a cidade, que aspectos destaca mais?**
 as compras no Paraguai as Cataratas do Iguaçu
 o calor a hospitalidade das pessoas
 os casinos diversão noturna
 as belezas da cidade a usina de ITAIPU
 a tranquilidade da cidade outros
- 27 - **Vê dificuldades para que seus filhos permaneçam na cidade de Foz do Iguaçu?**
 sim não
 Caso afirmativo, porquê?
 falta de alternativas de cursos universitários baixa qualidade do ensino
 falta de perspectivas profissionais outros
- 28 - **Tem planos de voltar para sua região de origem?**
 sim não
 Caso afirmativo, quando?
 antes da aposentadoria depois da aposentadoria
- 29 - **Assina ou lê algum jornal local?**
 sim não
- 30 - **Assina algum jornal de outra região?**
 sim não
 Caso afirmativo, qual?
- 31 - **É sócio de algum clube no centro da cidade?**
 sim não
 Caso afirmativo, qual?
- 32 - **É sócio de algum dos clubes das vilas de ITAIPU?**
 sim não
 Caso afirmativo, qual?

- 46 - **No seu tempo livre freqüenta**
 cinema restaurantes e bares
 Ciudad del Este (compras) o lago de ITAIPU
 casino festas e bailes
 comércios casa de amigos / parentes
 fica em casa outros
- 47 - **Gostaria, se possível, mudar-se para**
 outro bairro da cidade para o centro da cidade
 para as vilas de ITAIPU ficaria onde está
- 48 - **Considera marcante a diferença de infra-estrutura entre as vilas da ITAIPU e os outros bairros da cidade?**
 sim não
- 49 - **Sente falta de uma maior integração entre as vilas de ITAIPU e o centro da cidade?**
 sim não
- 50 - **Seria favorável à transformação das vilas de ITAIPU em condomínios fechados?**
 sim não
- 51 - **Aproveita as áreas verdes e os parques das vilas de ITAIPU?**
 quase sempre algumas vezes quase nunca
- 52 - **Participa de atividades sócio-culturais nas vilas de ITAIPU?**
 quase sempre algumas vezes quase nunca
- 53 - **Se mora nas vilas de ITAIPU, sai delas para**
 supermercados médicos
 trabalho comércio
 lazer (recreação) outros
- 54 - **ITAIPU foi importante para o crescimento de Foz e região?**
 sim não
- 55 - **Acha que ITAIPU favoreceu o turismo de Foz do Iguaçu?**
 sim não
- 56 - **Em relação as questões sociais da região, a ITAIPU**
 sempre se preocupou nunca se preocupou
 preocupou-se mais no início preocupa-se mais hoje
- 57 - **Alguém da família ou você já trabalhou ou trabalha em ITAIPU ou empreiteiras?**
 sim não
- 58 - **Acredita que parte dos 40.000 trabalhadores da ITAIPU ajudaram a aumentar as favelas da cidade?**
 sim não
- 59 - **O que mais contribuiu para o aumento da marginalidade na cidade?**
 crescimento rápido operários dispensados por ITAIPU
 contrabando negligencia do poder local
 política econômica nacional cidade de fronteira
 outros

60 - ITAIPU lhe trouxe algum benefício?

sim não

Caso afirmativo, de que tipo?

econômico

social

outros

político

profissional

61 - ITAIPU lhe trouxe algum prejuízo?

sim não

Caso afirmativo, de que tipo?

econômico

social

outros

político

profissional

ANEXO

Banco de Dados da Pesquisa

Para permitir o armazenamento e tratamento dos dados coletados na pesquisa de opinião pública objeto da dissertação de mestrado, foi desenvolvido um sistema composto de três módulos, Cadastro de Dados, Consultas e Estatísticas.

- Cadastro de dados: permite a entrada das respostas da planilha de opinião;
- Consultas: permite estabelecer perguntas com referencias cruzadas de todas as perguntas cadastradas;
- Estatística: apresenta a quantificação das respostas contidas no banco.

A autoria é do Eng. Jorge Habib Hanna El Khouri, sendo a linguagem utilizada o Delphi versão 1.0 Nas páginas seguintes há uma cópia de cada uma das telas apresentadas pelo sistema.

MÓDULO DE CADASTRO

Pesquisa de Opinião

Buscar:

Incluir Registro

1-10 11-21 22-27 28-33 34-42 43-52 53-61 62-62

Código:

1. Cidade de Nascimento:

2. Sexo
 M F

3. Idade: anos

4. Profissão:

5. Cidade de residência anterior a Foz do Iguaçu:

6. Bairro em que mora: Zona:

7. Há quanto tempo mora no bairro: anos meses

8. Trabalha
 no mesmo bairro no centro
 em outro bairro na ITAIPU
 outros não trabalha

9. Vai ao trabalho
 a pé de ônibus
 de carro outros

10. Se alguém ... parentesco e atividade:

Pesquisa de Opinião

Buscar:

1-10 11-21 22-27 28-33 34-42 43-52 53-61 62-62

11. Mora em casa ou apartamento
 alugado próprio cedido

12. Quantas moram na casa:

13. Em que ano veio a Foz:

14. Por quê veio a Foz
 trabalho em ITAIPU comércio
 espec. de trabalho parentes
 outros

15. Continua na cidade
 porque gosta de viver aqui
 por fatores econômicos
 outros

16. Foz é confortável
 Sim Não

17. Sente-se integrado
 totalmente nada
 pouco

18. Sente-se comprometido
 Sim Não

19. Com que freqüência...
 toda semana
 ocasionalmente
 duas vezes por mes
 nunca

20. Cresceu ordenado
 Sim Não

21. Foz tem futuro
 Sim Não

Pesquisa de Opinião

Buscar:

1-10 11-21 **22-27** 28-33 34-42 43-52 53-61 62-62

22. O que falta ... [1 a 12]

<input type="checkbox"/> transportes	<input type="checkbox"/> telefones
<input type="checkbox"/> comércio	<input type="checkbox"/> lazer
<input type="checkbox"/> postos	<input type="checkbox"/> espaços cult.
<input type="checkbox"/> infra-estrutura	<input type="checkbox"/> segurança
<input type="checkbox"/> iluminação	<input type="checkbox"/> moradia
<input type="checkbox"/> educação	<input type="checkbox"/> outros

23. transferiu seu título

não não vota sim

Caso afirmativo, em que ano:

24. Os principais investimentos

Foz do Iguaçu
 na cidade de origem
 outra cidade

25. Quando há algum feriado

permanece na cidade
 se possível, viaja

26. Onde costuma passar as festas de fim de ano

em Foz do Iguaçu cidade de origem
 lugares novos cidade de parentes

27. Que aspectos destaca mais de Foz do Iguaçu

compras no Paraguay a tranquilidade da cidade diversão noturna
 o calor as cataratas a usina de ITaipu
 os cassinos a hospitalidade outros
 as belezas da cidade

Pesquisa de Opinião

Buscar:

1-10 11-21 22-27 **28-33** 34-42 43-52 53-61 62-62

28. permanência dos filhos

Sim
 Não

28. Caso afirmativo, porque

curso universitário qualidade de ensino
 persp. profissional outros

29. Tem planos ... volta origem

Sim
 Não

29. Caso afirmativo, quando

antes da aposentadoria
 depois da aposentadoria

30. Assina ou lê algum jornal local

Sim Não

31. ... e de outra região

Sim
 Não

Caso afirmativo, qual.

32. Sócio de Clube no centro

Sim
 Não

Caso afirmativo, qual.

33. Sócio de clube das vilas

Sim
 Não

Caso afirmativo, qual.

Pesquisa de Opinião

Buscar:

1-10 11-21 22-27 28-33 **34-42** 43-52 53-61 62-62

34. Frequenta outros bairros
 Sim
 Não

34. Caso afirmativo, em função de que.
 amigos *trabalho*
 lazer *compra*

35. Seu bairro em relação ao centro.
 afastado *próximo*
 numa distância ideal *não sabe definir*

36. O bairro onde mora é.
 muito bom *regular*
 bom

37. Seu bairro têm carência de.
 transportes *telefones*
 comércio *lazer*
 postos de saúde *espaços cult.*
 creche *infra-estrutura*
 segurança *outras*

38. Serviço de ônibus do bairro.
 muito bom *poucos pontos*
 bom *poucos horários*
 insuficiente *desconhece*

39. Relacionamento com vizinhos.
 cordial *quase inexistente*
 de amizade

40. Os vizinhos se metem.
 Sim *Não*

41. Maioria das amizades por intermédio de.
 escola dos filhos *igreja*
 trabalho *clube*
 relacion. no bairro *outros*

42. Frequenta assoc. de bairro
 Sim *Não*

Pesquisa de Opinião

Buscar:

1-10 11-21 22-27 28-33 34-42 **43-52** 53-61 62-62

43. Frequênta o centro para.
 lazer *compras*
 trabalho *saúde*
 passaios *amigos*

44. Com que freqüência ...
 todos os dias *ocasionalmente*
 2/3 vezes/semana

45. Quando vai ao centro, ... o faz de.
 a pé *de ônibus*
 de carro *outros*

46. Compras fora do bairro, porque.
 falta de comércio *mais barato*
 não há variedades *outros*

47. No seu tempo livre frequenta.
 cinema *restaurantes*
 compra PY *lago de IPU*
 cassino *festas e bailes*
 comércios *casa amigos*
 fica em casa *outros*

48. Gostaria, de mudar para.
 outro bairro *centro da cidade*
 vilas de ITAIPU *ficaria onde está*

49. Considera dif. marcantes...
 Sim *Não*

50. Sente falta de integração
 Sim *Não*

51. Condomínios fechados...
 Sim *Não*

52. Aproveita área verdes...
 quase sempre *quase nunca*
 algumas vezes

Pesquisa de Opinião

Buscar:

1-10 11-21 22-27 28-33 34-42 43-52 **53-61** 62-62

53. Atividades sócio culturais
 quase sempre quase nunca
 algumas vezes

54. Sai das vilas para...
 supermercado médicos
 trabalho comércio
 lazer outros

55. ITAIPU foi importante...
 Sim Não

56. ITAIPU favoreceu turismo...
 Sim Não

57. Quanto a questões sociais, a ITAIPU...
 sempre se preocupou
 preocupou-se no início
 nunca se preocupou
 preocupa-se mais agora

58. Família ... ITAIPU/Empreiteiras
 Sim Não

59. 40.000 trabalhadores ... favela
 Sim Não

60. ... aumento da marginalidade
 crescimento operários
 contrabando negligência
 política fronteira
 outros

61. ITAIPU ... benefício
 Sim Não

61. Caso afirmativo, de que tipo.
 econômico político
 social profissional
 outros

Pesquisa de Opinião

Buscar:

1-10 11-21 22-27 28-33 34-42 43-52 53-61 **62-62**

62. ITAIPU ... prejuízo.
 Sim Não

62. Caso afirmativo, de que tipo.
 econômico político
 social profissional
 outros

MÓDULO DE CONSULTAS

Consulta

16

Pergunta

quantas pessoas da vila b continuam na cidade por fatores economicos

Total
4

Query

p6='VILA B' AND
p15_2='b'

MÓDULO DE ESTATÍSTICAS

Arquivo Editar Exibir Ajuda

Resultados - Pesquisa Livre

NUMERO	PERGUNTA	TOTAL	QUERY
1	Quantidade de pessoas que trabalha	33	p8='5'
2	Quantidade de pessoas que trabalha	13	p8 = '5' And l1p6='VILA A'
3	Quantidade de pessoas que trabalha	14	p8 = '5' And l1p6 = 'VILA B'
4	Faixa etária de 7 a 16.	9	p3 >= 7 and l1p3 <= 16
5	Faixa etária de 17 a 24	30	p3 >= 17 and l1p3 <= 24

Ver

P0	P1_1	P1_2	P2	P3	P4	P5
	7	CURITIBA	PR	M	31	ANALISTA DE SISTEMAS CURITIBA
	70	NECOCHEA - EX		M	40	ANALISTA DE SISTEMAS CORDOBA
	80	PAYSANDÚ - EX		M	34	ANALISTA DE SISTEMAS FLORIANÓ
	89	ASUNÇÃO - FEX		F	30	ANALISTA DE SISTEMAS
	137	PURRANQUE EX		M	50	ANALISTA DE SISTEMAS CURITIBA

Ver Contar P4 Resultado

1 objeto(s) selecionado(s) 280 bytes